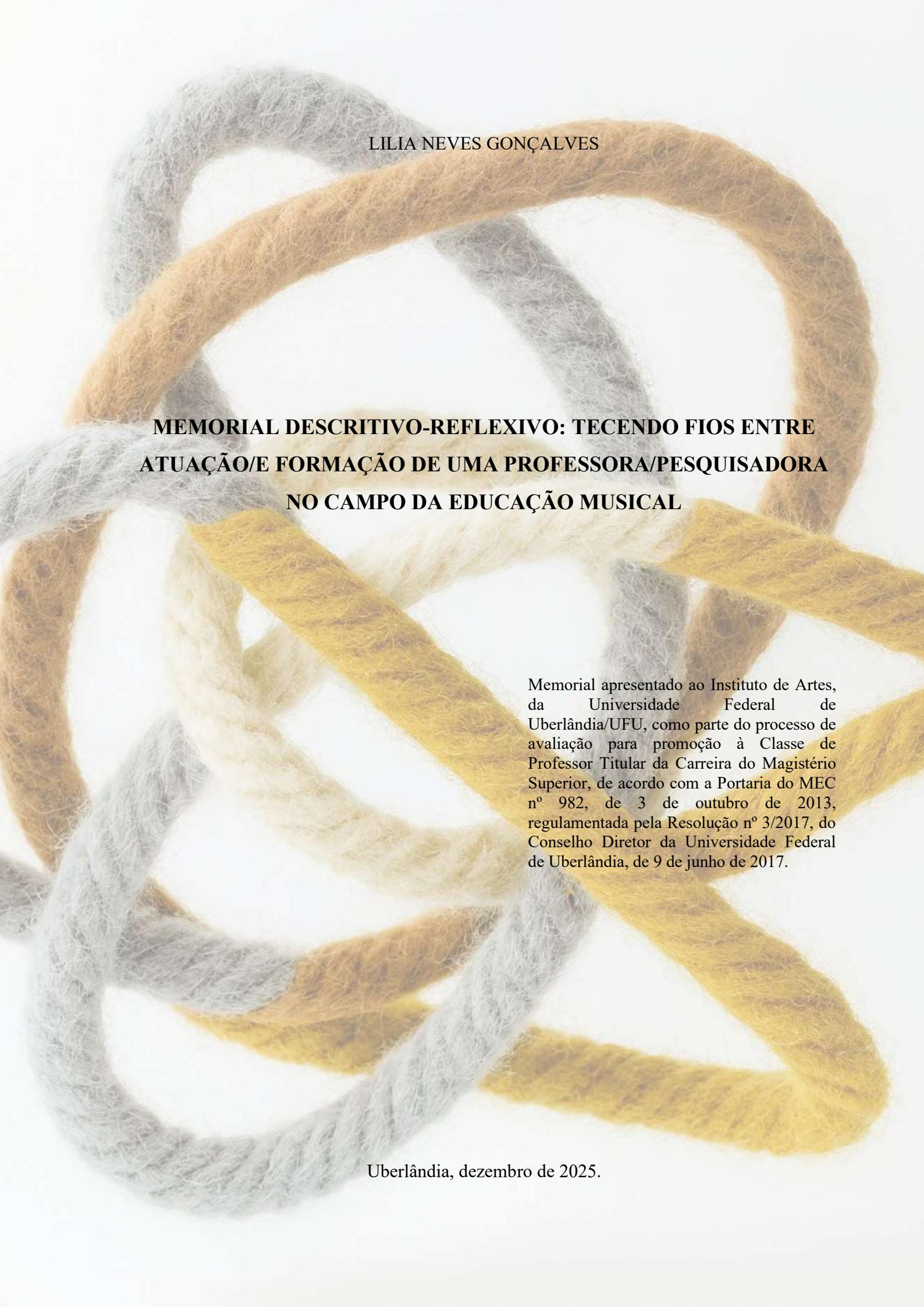




UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE MÚSICA

**MEMORIAL DESCRIPTIVO-REFLEXIVO: TECENDO FIOS ENTRE
ATUAÇÃO/FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA/PESQUISADORA
NO CAMPO DA EDUCAÇÃO MUSICAL**

Uberlândia, dezembro de 2025.



LILIA NEVES GONÇALVES

**MEMORIAL DESCRIPTIVO-REFLEXIVO: TECENDO FIOS ENTRE
ATUAÇÃO/E FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA/PESQUISADORA
NO CAMPO DA EDUCAÇÃO MUSICAL**

Memorial apresentado ao Instituto de Artes, da Universidade Federal de Uberlândia/UFU, como parte do processo de avaliação para promoção à Classe de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior, de acordo com a Portaria do MEC nº 982, de 3 de outubro de 2013, regulamentada pela Resolução nº 3/2017, do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia, de 9 de junho de 2017.

Uberlândia, dezembro de 2025.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

A474t
2025

Gonçalves, Lilia Neves, 1967-
Memorial descritivo-reflexivo [recurso eletrônico] : tecendo fios
entre atuação/e formação de uma professora/pesquisadora no campo da
educação musical / Lilia Neves Gonçalves. - 2025.

Memorial Descritivo (Promoção para classe E - Professor Titular) -
Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Artes.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.me.2025.28>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Professores universitários - formação. I. Universidade Federal de
Uberlândia. Instituto de Artes. II. Título.

CDU: 378.124

Nelson Marcos Ferreira
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Instituto de Artes

Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: - Bloco 3M



ATA

ATA DA AVALIAÇÃO DOCENTE PARA PROMOÇÃO DA CLASSE DE PROFESSOR ASSOCIADO IV PARA A CLASSE DE PROFESSOR TITULAR DA CARREIRA DE MAGISTÉRIO SUPERIOR.

Aos dezoito dias do mês de dezembro de 2025 às quatorze horas, por meio remoto, utilizando a plataforma Mconf, teve início a defesa pública do Memorial da docente Lilia Neves Gonçalves, como requisito para promoção à classe de Professor Titular. Participaram, por meio de acesso simultâneo ao ambiente virtual de transmissão da conferência, os membros da Comissão Especial, aprovada pelo Conselho do Instituto de Artes e designada na Portaria de Pessoal UFU n. 7321, de 3 de novembro de 2025; a saber: Presidente: Prof. Dr. Narciso Larangeira Telles da Silva (UFU), Profa. Dra. Jusamara Vieira Souza (UFRGS), Profa. Dra. Ana Lúcia Marques Louro-Hewter (UFSM) e Profa. Dra. Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia (UFPR). Iniciando os trabalhos, o presidente da Comissão, professor Narciso Larangeira Telles da Silva, cumprimentou os demais membros da Comissão Especial, a candidata e os presentes. Na sequência, a palavra foi concedida à professora Lilia Neves Gonçalves, que fez a exposição de seu memorial. Após a apresentação, os membros da Comissão arguiram a candidata e em seguida avaliaram seu memorial acadêmico. Tendo por base os resultados das avaliações, que foram discutidas pelos membros da Comissão, e observando a Resolução 03/2017 e 05/2018 do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia, a Comissão Especial, após as devidas considerações, apresentou o resultado final da avaliação, sendo a candidata Lilia Neves Gonçalves APROVADA. A Comissão Especial de Avaliação encerrou suas atividades às 16:30 horas do dia dezoito de dezembro de 2025. Nada mais havendo a tratar, eu Narciso Larangeira Telles da Silva, lavrei a presente ata, que após lida e aprovada segue assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Especial de Avaliação. Uberlândia, 18 de dezembro de 2025.

Presidente: Prof. Dr. Narciso Larangeira Telles da Silva (UFU),
Profa. Dra. Jusamara Vieira Souza (UFRGS),
Profa. Dra. Ana Lúcia Marques Louro-Hewter (UFSM),
Profa. Dra. Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia (UFPR)



Documento assinado eletronicamente por **Narciso Larangeira Telles da Silva, Presidente**, em 18/12/2025, às 16:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Lúcia de Marques e Louro Hettwer, Usuário Externo**, em 23/12/2025, às 07:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **JUSAMARA VIEIRA SOUZA, Usuário Externo**, em 23/12/2025, às 17:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia, Usuário Externo**, em 27/12/2025, às 23:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6919696** e o código CRC **C368DDF7**.

Referência: Processo nº 23117.063392/2025-72

SEI nº 6919696

Agradecimentos

À Deus pela vida, pela força e por me fazer chegar até aqui!

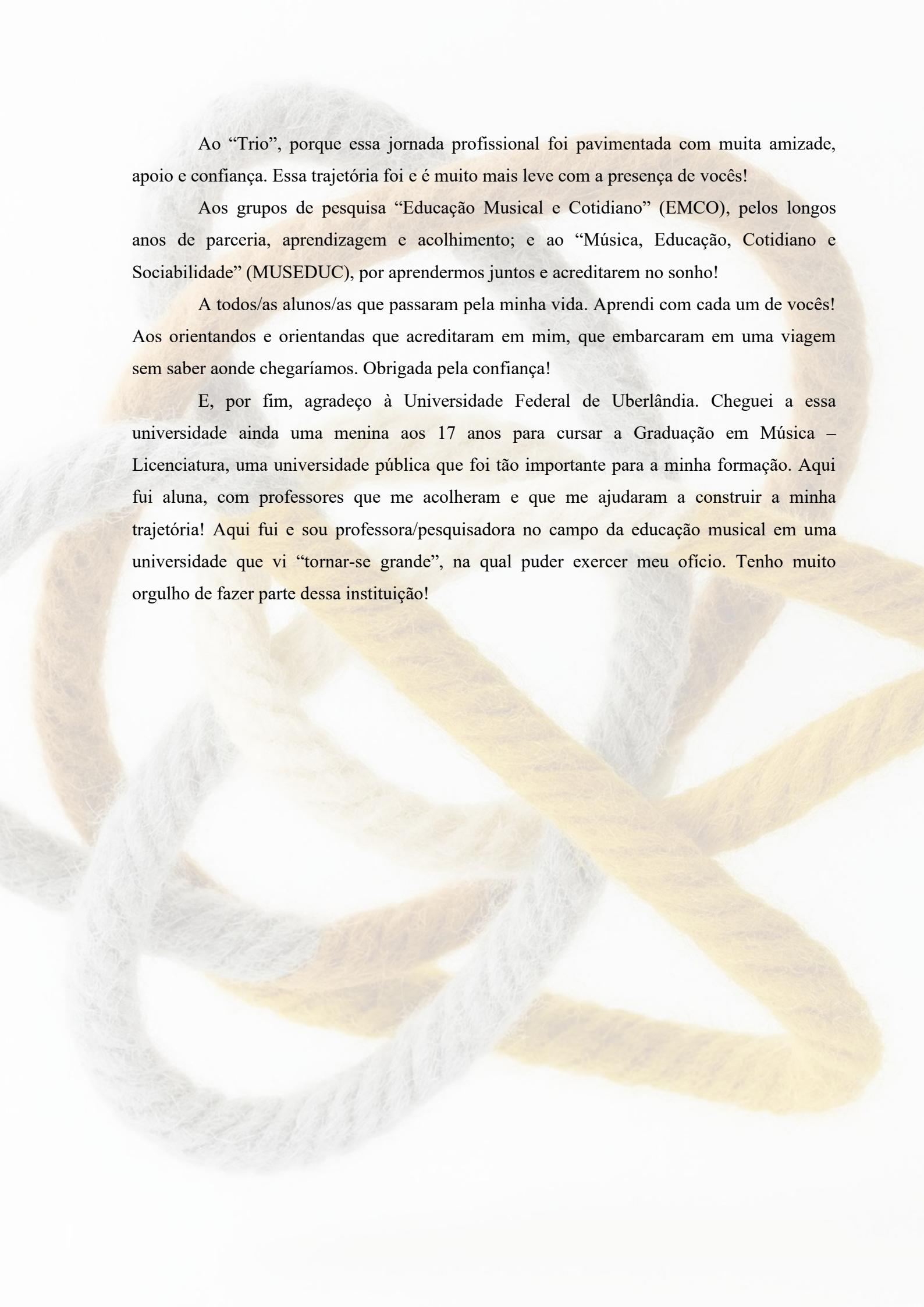
Aos meus pais, Eunice e João, por não terem medido esforços para eu estudar e seguir os meus sonhos! Ao meu irmão, à Cláudia e sobrinhos (Gustavo e Pedro) pela presença! Ao Leo, meu genro, o último agregado à família! À minha querida filha, Laura, que ilumina a minha vida! Um anjo que Deus colocou no meu caminho!

A todos os meus professores e professoras que foram decisivos para a minha escolha de ser professora: da educação básica por me fazerem sonhar; do Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zóccoli de Andrade”, de Ituiutaba, por me fazerem amar a música; da universidade, por terem me feito descobrir que eu tinha muito mais a aprender sobre música, sobre ser professora de música! Aos meus professores da pós-graduação, por terem pavimentado meus caminhos na pesquisa em música e na educação musical enquanto campo de conhecimento! Cheguei a este momento profissional com um pedacinho de cada um de vocês!

Em especial, às minhas duas professoras orientadoras: professora Dra. Maria Elizabeth Lucas, pelos ensinamentos no mestrado e por me fazer amar a pesquisa em música; à professora Dra. Jusamara Souza, por ter me embrenhado no campo da educação musical e por ter sido uma companheira e apoiadora em todo o meu percurso na pesquisa e na minha atuação profissional. Vocês foram/são fontes de inspiração!

À banca de defesa deste memorial acadêmico: professor Dr. Narciso Larangeira Telles da Silva, pela parceria ao longo dos anos; professora Dra. Tânia Braga Garcia, pelo aconchego nesse encontro nosso; professora Dra. Ana Lúcia de Marques e Louro Hettwer, pela parceria ao longo desse tempo no grupo de pesquisa; à professora Dra. Jusamara Souza, por fazer parte de mais este momento da minha vida. A vocês, por terem aceitado ler este memorial, meu muito obrigada!

Aos meus colegas e às minhas colegas docentes do Curso de Música e técnicos administrativos que fizeram parte desses 31 anos na Universidade Federal de Uberlândia! Uns mais próximos, outros nem tanto, uns que já encerraram suas contribuições nessa universidade, outros que já nos deixaram, vocês foram importantes! Um agradecimento especial pelo companheirismo e pela parceria ao Núcleo de Educação Musical (NEMUS), com quem dividi de perto os desafios de ser professora, de pensar e de viver a educação musical na universidade!



Ao “Trio”, porque essa jornada profissional foi pavimentada com muita amizade, apoio e confiança. Essa trajetória foi e é muito mais leve com a presença de vocês!

Aos grupos de pesquisa “Educação Musical e Cotidiano” (EMCO), pelos longos anos de parceria, aprendizagem e acolhimento; e ao “Música, Educação, Cotidiano e Sociabilidade” (MUSEDUC), por aprendermos juntos e acreditarem no sonho!

A todos/as alunos/as que passaram pela minha vida. Aprendi com cada um de vocês! Aos orientandos e orientandas que acreditaram em mim, que embarcaram em uma viagem sem saber aonde chegaríamos. Obrigada pela confiança!

E, por fim, agradeço à Universidade Federal de Uberlândia. Cheguei a essa universidade ainda uma menina aos 17 anos para cursar a Graduação em Música – Licenciatura, uma universidade pública que foi tão importante para a minha formação. Aqui fui aluna, com professores que me acolheram e que me ajudaram a construir a minha trajetória! Aqui fui e sou professora/pesquisadora no campo da educação musical em uma universidade que vi “tornar-se grande”, na qual puder exercer meu ofício. Tenho muito orgulho de fazer parte dessa instituição!

Resumo

Este memorial descritivo-reflexivo tece fios da minha trajetória de formação e atuação profissional na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Expõe como construí e me constituí professora e pesquisadora no campo da educação musical. O memorial é um dos requisitos para a promoção à classe de Professor Titular na Carreira Docente de Magistério Superior na UFU. Está organizado em seis partes: na primeira, faço uma introdução; na segunda, exponho minha formação geral escolar e musical; na terceira, discorro como me tornei professora de música e professora na UFU nos cursos de graduação e pós-graduação (mestrado); na quarta, descrevo a minha construção como pesquisadora e professora/orientadora de pesquisa; na quinta, fundamento a minha atuação como pesquisadora no campo da educação musical e, por último, teço as considerações finais sobre o meu processo e atuação como professora na Universidade Federal Uberlândia. Esse processo foi de (re)construção e (re)visão não só da minha experiência docente/pesquisa nesses vários trajetos vividos por mim, mas também possibilitou o (re)encontro com professores da minha infância, colegas, alunos, bem como re(visitei) ações pedagógicas, produções bibliográficas, momentos que ficaram “soltos” no fluxo da vida acadêmica ao longo dos anos.

Palavras-chave: Música, pesquisa em educação musical, sociologia da educação musical, memorial descritivo-reflexivo.

Abstract

This descriptive-reflective memorial weaves together threads from my educational background and professional career at the Federal University of Uberlândia (UFU). It describes how I developed and established myself as a teacher and researcher in the field of music education. The Memorial is one of the requirements for promotion to Full Professor in the Higher Education Teaching Career at UFU. It is organized into six parts: in the first, I provide an introduction; in the second, I describe my general academic and musical education; in the third, I discuss how I became a music teacher and professor at UFU in undergraduate and graduate (master's) programs; in the fourth, I describe my development as a researcher and professor/research advisor; in the sixth, I substantiate my work as a researcher in the field of music education; and, finally, I offer my final thoughts on my process and work as a professor at the Federal University of Uberlândia. This process involved not only (re)constructing and (re)visiting my teaching/research experience in the various paths I have taken, but also enabled me to (re)connect with teachers from my childhood, colleagues, students, as well as (re)visit pedagogical actions, bibliographic productions, and moments that were “loose” in the flow of academic life over the years.

Keywords: Music, music education research, sociology of music education, descriptive-reflective memorial

Lista de figuras

Figura 1 - Capa do livro a “Ilha Perdida”	25
Figura 2 - Frente do boletim escolar da 2 ^a série	26
Figura 3 - Frente do boletim escolar da 2 ^a série	27
Figura 4 - Capa do ABC Musical de Rafael Coelho Machado	29
Figura 5 - Capa do Bona: método completo de Paschoal Bona.	29
Figura 6 - Frente do Histórico Escolar do Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zóccoli de Andrade”	32
Figura 7 - Verso do Histórico Escolar do Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zoccoli de Andrade”	32
Figura 8 - Formatura do Ensino fundamento (8 ^a série, na época) do Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zoccoli de Andrade”	34
Figura 9 - Formatura de 2º grau (Ensino Médio-Técnico - Piano) do Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zóccoli de Andrade”	34
Figura 10 - Participação na estreia da Ópera Pedro Malazarte de Camargo Guarnieri.....	36
Figura 11 - Participação na estreia da Ópera Pedro Malazarte de Camargo Guarnieri.....	36
Figura 12 - Colação de grau do Curso de Graduação em Música (1989)	37
Figura 13 - Recital de “Instrumento complementar” – Órgão durante recital do Curso de Música da UFU.....	38
Figura 14 - Recital de órgão na Igreja São José, em Porto Alegre-RS.....	38
Figura 15 - Recital de órgão na Capela da Santa Casa, em Bebedouro-SP.....	39
Figura 16 - Foto com a minha orientadora de mestrado, professora Maria Elizabeth Lucas ...	40
Figura 17 - Foto com minha orientadora de doutorado, professora Jusamara Souza, em momento de confraternização.....	41
Figura 18 - Certidão do Termo de posse como professora efetiva na UFU	47
Figura 19 - Apresentação do “Coral do AFRID” na sala Camargo Guarnieri, no Curso de Música, da UFU.....	52
Figura 20 - Preparação do “Coral do AFRID” para apresentação na Semana do Idoso, promovida pelo Curso de Educação Física da UFU.....	52
Figura 21 - Apresentação do “Coral do AFRID” na Semana do Idoso.....	53
Figura 22 - Atividade do PIBID na educação infantil	54
Figura 23 - Crianças da educação infantil cantando coletivamente	55

Figura 24 - Preparação de material didático (construção de instrumentos com cano de PVC) para realização de atividades do PIBID.....	55
Figura 25 - Grupo de pibidianos no pátio em apresentação no “Palco PIBID”, na Escola Municipal Valdemar Firmino de Oliveira	56
Figura 26 - Atividade da Residência Pedagógica no pátio da “Escola Estadual Ângela Teixeira da Silva”	57
Figura 27 - Uma das reuniões do Grupo de estudos dos pibidianos e supervisores do Curso de Música, reunião na UFU.....	58
Figura 28 - Uma das reuniões de estudos semanais com os pibidianos da Escola Municipal Valdemar Firmino de Oliveira, com a supervisora.....	58
Figura 29 - Capa do meu trabalho de conclusão de Curso: “Música e sociedade” (1989)	64
Figura 30 - Frente do folder do I Fórum do Grupo de Pesquisa MUSEDUC (2009)	81
Figura 31 - Verso do folder do I Fórum do Grupo de Pesquisa MUSEDUC (2009)	82
Figura 32 - Momento do minicurso “Estratégias para o ensino de música na educação infantil”, ministrado pelas professoras Cintia Thais Morato e Maria Cristina Lemes de S. Costa	82
Figura 33 - Frente do folder “VIII Seminário Educação Musical e Cotidiano”, realizado em Uberlândia, em 2013.....	83
Figura 34 - Miolo do folder “VIII Seminário Educação Musical e Cotidiano” (Programação), realizado em Uberlândia, em 2013	83
Figura 35 - Frente do folder “XIV Seminário Educação Musical e Cotidiano”, realizado em Uberlândia, em 2019.....	84
Figura 36 - Certificado de participação “IV Encontro da ANPPOM”, realizado em Porto Alegre, em 1991	90
Figura 37 - Reunião do grupo de “Produção de materiais didáticos”	115
Figura 38 - Uma das muitas reuniões do EMCO, na sala do Curso de PPGMUS, da UFRGS	116
Figura 39 - “VIII Seminário Educação Musical e Cotidiano”, do EMCO, realizado em Uberlândia, em 2013.....	117
Figura 40 - Reunião do grupo de pesquisa MUSEDUC.....	118
Figura 41 - “XIV Seminário do EMCO”, em 2019, realizado em Uberlândia	119
Figura 42 - XIV Seminário do EMCO, em 2019, realizado em Uberlândia, também comemorando os 10 anos do grupo de pesquisa MUSEDUC.....	120
Figura 43 - Divulgação do GTE – Sociologia da Educação Musical feita pela ABEM.....	121

Figura 44 - Ementa do GTE – Sociologia da Educação Musical divulgada pela ABEM	122
Figura 45 - Plateia do “II Encontro Anual da ABEM” 1993.....	124
Figura 46 - Frente da Carteirinha de sócia da ABEM	125
Figura 47 - Verso da Carteirinha de sócia efetiva da ABEM.....	125
Figura 48 - Certificado de apresentação do 1º trabalho na II Encontro Nacional da ABEM, em 1993	126
Figura 49 - Capa do livro “Arranjos de músicas folclóricas” (2005).....	127
Figura 50 - Lançamento do livro “Arranjos de músicas folclóricas”, na Feira do Livro de Porto Alegre.....	128
Figura 51 - Capa do livro “Palavras que cantam” (2006).....	128
Figura 52 - Capa do livro “O cotidiano no cotidiano da pandemia”.	129
Figura 53 - Capa e contracapa do livro Memórias e experiência do Grupo de Pesquisa “Educação Musical e Cotidiano”.....	130
Figura 54 - Lançamento do livro “Memórias e experiência do Grupo de Pesquisa “Educação Musical e Cotidiano”, no “XXVII Congresso Nacional da ABEM”, em 2025.....	131
Figura 55 - Capa do livro “Práticas de ensinar música”	132
Figura 56 - Capa do livro “Aprender e ensinar música no cotidiano” (2008).....	133
Figura 57 - Lançamento do livro Aprender e ensinar música no cotidiano”, no Congresso Nacional da ABEM, Goiânia, em 2010	133

Lista de quadros

Quadro 1 - Organização da linha temporal da minha formação (escolar e musical) e atuação com professora.....	46
Quadro 2 - Temas, espaços e fontes de pesquisa de orientações de TCCs	103
Quadro 3 - Temas, espaços e fontes de pesquisa de orientações de dissertações de mestrado	109

Lista de siglas

- ABEM - Associação Brasileira de Educação Musical
- AFRID - Atividades Físicas e Recreativas para a Terceira Idade
- ANPPOM - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música
- BNL – Bolsa Nacional do Livro
- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEE - Conselho Estadual de Educação
- CEM - Conservatório Estadual de Música
- CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- ECA - Escola de Comunicação e Artes
- EDUFU - Editora da UFU
- EIFORPECS - Encontro Internacional de Formação de Professores e Estágio Curricular Supervisionado
- EJA - Educação de Jovens e Adultos
- EMCO - Educação Musical e Cotidiano
- EP - *Extended Play*
- ESEBA - Escola de Educação Básica
- FACED - Faculdade de Educação
- FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais
- FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
- GTE - Grupo Temático Especial
- IARTE - Instituto de Artes
- IARTEM - *International Association for Research on Textbooks and Educational Media*
- IC - Iniciação Científica
- ISME - *International Society of Music Education*
- IUB - Instituto Universal Brasileiro
- LAR - Lares de Amparo e Promoção Humana
- MEB - Música na Educação Básica
- MEC - Ministério da Educação
- MTP - Métodos e Técnicas de Pesquisa
- MUSEDUC - Música, educação, cotidiano e sociabilidade
- NDE - Núcleo Docente Estruturante

NEMUS - Núcleo de Educação Musical
NUPEPE - Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Práticas Escolares
OCS - *Open Conference System*
PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PIPE - Projeto Integrado de Prática Educativa
PNLD - Programa Nacional do Livro Didático
PPGMU - Curso de Pesquisa e Pós-Graduação em Música
PROINTER - Projeto Interdisciplinar
PUC - Pontifícia Universidade Católica
RP - Residência Pedagógica
SEB - Secretaria de Educação Básica
SEILIC - Seminário das Licenciaturas
SEMA - Superintendência Educacional e Artística
TCC - Trabalhos de Conclusão de Curso
UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina
UFBA - Universidade Federal da Bahia
UFCA - Universidade Federal do Cariri
UFG - Universidade Federal de Goiás
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA - Universidade Federal do Pará
UFPB - Universidade Federal da Paraíba
UFPR - Universidade Federal do Paraná
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFTM - Universidade do Triângulo Mineiro
UFTO - Universidade Federal do Tocantins
UFU - Universidade Federal de Uberlândia
ULBRA - Universidade Luterana do Brasil
UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas
UNIPAMPA - Universidade Federal do Pampa
UNIUBE - Universidade de Uberaba

Sumário

1 INTRODUÇÃO	17
2 A FORMAÇÃO: UMA CONSTRUÇÃO POR MUITOS CAMINHOS.....	21
2.1 Aspectos biográficos: as bases da minha formação.....	21
2.1.1 A família	21
2.1.2 A igreja	22
2.1.3 A escola	23
2.2 A construção da relação com a música.....	28
3 TORNANDO-ME PROFESSORA: A CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO COM A DOCÊNCIA	42
3.1 “Brincando” de ser professora	42
3.2 Primeiras atividades como professora no “Conservatório Estadual de Música Dr. José Zoccoli de Andrade”.....	43
3.3 Atuação como professora na Universidade Federal de Uberlândia.....	46
3.3.1 No Curso de Graduação em Música	46
3.3.1.1 Coordenação de projetos de ensino e de extensão.....	50
3.3.1.2 Coordenação do PIBID e da Residência Pedagógica (RP).....	53
3.3.2 Pós-Graduação - Mestrado em Artes e Mestrado em Música	59
3.4 Atividades de gestão pedagógica.....	60
3.5 Atuação em trabalhos técnicos	61
4 TORNANDO-ME PESQUISADORA: A CONSTRUÇÃO DA MINHA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO NA PESQUISA	63
4.1 A formação na/para a pesquisa	63
4.1.1 Os primeiros passos e interesses.....	63
4.1.2 Formação na pós-graduação	65
4.2 A atuação na formação de pesquisadores	71
4.2.1 No Curso de Graduação em Música	71
4.2.2 Na pós-graduação em música: disciplinas, orientações e bancas	77
4.3 Trabalhos técnicos: outras atuações na pesquisa na universidade.....	79
4.3.1 Organização de eventos científicos	80
4.3.2 Atividades editoriais	84
4.3.3 Pareceristas	86
5 A CONSTRUÇÃO DE UMA ATUAÇÃO NA PESQUISA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO MUSICAL	87
5.1 A construção da minha relação com o campo da educação musical	87
5.2 Fundamentação teórica na sociologia da educação musical.....	90
5.3 Atuação na pesquisa no campo da educação musical.....	96
5.3.1 As pesquisas de mestrado, de doutorado e de pós-doutorado	96
5.3.2 Orientações	103
5.3.3 Nos grupos de pesquisa	115
5.3.4 Coordenação do GTE Sociologia da Educação Musical	120
5.3.5 Relação com a ABEM	123
5.3.6 Produção bibliográfica.....	126

6 E OS FIOS TECIDOS: UM ÚLTIMO OLHAR	137
REFERÊNCIAS	140
APÊNDICES	151
APÊNDICE A	152
APÊNDICE B	153
APÊNDICE C	154
APÊNDICE D	155
APÊNDICE E	160
APÊNDICE F	162
APÊNDICE G	165
APÊNDICE H	173
APÊNDICE I	174

1 INTRODUÇÃO

Escrever sobre si não é uma tarefa fácil. Este é um memorial, que é um gênero autobiográfico, um tipo de “escrita de si”. Memorial, do latim *memoriale*, “reveia relação com a memória e a ação de lembrar” e designa também “aquilo que faz lembrar” (Passeggi, 2008a, p. 33). Mas “o que lembrar” também passa por “o que merece ser lembrado”, “como lembrar”, “como e em que tempo narrar o que lembra”.

Foi no âmago dessas perguntas que procurei caminhos, ideias e “modelos”¹ para compor este memorial. Alguns desses modelos exemplares de memoriais eram maravilhosos, pois juntavam prática artística, pedagógica e de pesquisa em uma espécie de simbiose que não conseguiria fazer! Outros eram diretos, lineares com o tempo, e suas atuações na universidade muito competentes e comprometidas com o seu fazer docente.

Além de memoriais de colegas, também procurei estudiosos que têm os memoriais docentes como fonte de pesquisa, incluindo, por exemplo, Passeggi (2008a, 2008b), Prado, Cunha e Soligo (2008), Gaspar (2018). Esses autores, com suas reflexões, ampliaram e contextualizaram os memoriais docentes na produção acadêmica brasileira, principalmente os memoriais acadêmicos, de formação e autobiográficos, que têm em comum múltiplas formas de narrativas “pelas quais os sujeitos se mostram, se dizem, fazem uma síntese da leitura que eles têm de si, em um movimento de formação que abre outras possibilidades de leitura e imagens sobre si mesmos e sobre os contextos que interagem” (Gaspar, 2018, p. 19).

O que esse memorial poderia ser? Não poderia ser a história da minha vida, assim como não poderia ser também a história da minha atuação como professora no Curso de Música da UFU – Licenciatura e Bacharelado desde 1994 (como professora substituta) e 1997 (como professora efetiva). Mais do que expor, então, algumas memórias da minha formação e da minha atuação como professora, como professora na universidade, ainda ficava a pergunta: “a partir de quando essa formação e atuação deveria ser contada”? Um memorial é escrever, “expor para o outro, e por escrito, as histórias que contamos sobre nós mesmos e a nós mesmos, em nosso discurso interior ou entre amigos, não é tarefa fácil, ainda menos quando se trata de escrevê-las para os pares e em posição de avaliado” (Passeggi, 2008b, p. 120). A

¹ As aspas neste trabalho são utilizadas nos modos convencionais como para indicar citações diretas, destaque para o nome de obras e expressões, mas também são usadas para apontar que a ideia, ou a expressão, ou a palavra com aspas pode gerar sentidos que carecem de maiores discussões. As aspas indicam que estou consciente dessas possibilidades.

narrativa nos memoriais é, segundo essa autora, a “arte profissional de tecer uma figura pública de si, ao escrever sobre recortes da vida: o processo de formação intelectual e o de inserção profissional no magistério”.

Dentre as múltiplas possibilidades e formatos, o memorial de formação e, no meu caso específico, também de atuação, “ajuda a construir nexos de sentido entre o patrimônio experiential do sujeito e seu percurso como pesquisador” (Prado; Cunha; Soligo, 2008, p. 140). Penso que escrever sobre minha atuação profissional é também olhar para a minha formação, dando sentido para quem me tornei como profissional professora/pesquisadora: uma atuante na formação de professores de música. Trata da minha formação, da formação de uma professora/pesquisadora em educação musical que ensina-aprende e aprende-ensina em um processo relacional presente nas muitas ações de ensino, pesquisa, gestão e extensão realizadas na/pela atividade laboral na universidade.

Essa narrativa memorialística permite “poder (aprender) a situar-se, deliberadamente, do lado do processo e não do produto, da ação e não da produção, pois se volta para a relação da pessoa com o conhecimento” (Passeggi, 2008a, p. 35). Como diz Sousa Santos (2010, p. 50), “todo conhecimento é autoconhecimento”, ou seja, é um modo “*de cada autor modificar-se*” (Passeggi; Barbosa, 2008, p. 15, grifos no original). Quem sou, como atuo, minhas escolhas, os caminhos pelos quais passei como professora/pesquisadora na universidade não estão separados da menina que tinha sede de conhecer o mundo, não está longe da família, dos espaços em que estudei música. Essas relações farão com que a escolha por ser professora de música me trará até o Curso de Música na Universidade Federal de Uberlândia, à pós-graduação em música e à minha atuação na universidade como professora.

Para Prado, Cunha e Soligo (2008, p. 140), o percurso do(a) pesquisador(a) nos memoriais “não é necessariamente linear e dirigido por certezas”, mas permeado por caminhos “que reclamam atenção, perseverança, construção e diálogo entre pergunta e problema hipóteses e dados, impressões e teorias, modo de organização e escritura, subjetividade e autocrítica, uma rede de interlocutores”.

Portanto, este memorial implicou não só quais atividades destacar no meu percurso profissional, que experiências como professora/pesquisadora eleger, mas também foi uma forma de rememorar, fazer uma arqueologia nos meus arquivos, na memória que precisava juntar, em um processo no qual lembrar “não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (Bosi, 1994, p. 24).

Quando se pensa nesse processo de reconstrução das lembranças, a “memória não é sonho, é trabalho” e, portanto, “deve-se duvidar da sobrevivência do passado ‘tal como foi’”,

pois era preciso “reconstituir, a partir de fragmentos pequenos, um vaso antigo”. Foi preciso “mais que cuidado e atenção com esses cacos”; foi preciso “compreender o sentido que o vaso tinha para o povo a quem pertenceu” (Bosi, 1994, p. 414). Portanto, nos meus percursos o que estava em questão não era o vaso em si, não era reconstruir o vaso. Logo, não era só o que eu fiz na universidade enquanto docente, eu tinha que entender a minha atuação para além das atividades realizadas ao longo dos 31 anos como professora na universidade. Como daria sentido para as ações realizadas? Por que foram realizadas?

No início, eu estava muito mais preocupada com o “vaso em si” do que com a ação de “penetrar nas noções que as orientavam, fazer um reconhecimento de suas necessidades, ouvir o que já não é audível” (Bosi, 1994, p. 414). Sabia que já tinha trabalhado bastante, amo o que faço, mas achava que não tinha feito nada além do que teria que fazer. Foi aí que me lembrei de Pais, um sociólogo português da vida cotidiana, que nos tem inspirado a entender as lógicas do “infinitamente pequeno”, que não tem nada de pequeno quando se trata do vivido por uma professora/pesquisadora na universidade. Entender o que se passou nessa vida corrida, aparentemente corriqueira de dar aulas, orientar, fazer reuniões com alunos, colegas, elaborar pareceres, participar de bancas de graduação e de pós-graduação, escrever trabalhos para publicação foi um escorrer do tempo em fluxo de anos e anos de trabalho na universidade, um trabalho que não está separado do processo de me formar e de me tornar, ao longo de mais de 30 anos de trabalho, no que eu sou e em quem eu ainda vou me transformar. Pais (2001, p. 28) tem nos ensinado a entender as brechas, entender “na vida passante do cotidiano” o que parece pequeno e repetitivo no “nada de novo”, na normatividade, o que “se passa quando nada se parece passar”.

Portanto, minha atuação como professora na UFU, como “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (Freire, 2019, p. 25), vai me conduzir a rotas de práticas de pensar/fazer/ensinar música. Isso porque no turbilhão da vida diária como professora é preciso entender que “a vida cotidiana é um tecido de maneiras de ser e de estar” (Pais, 2001, p. 30), buscando a produção de sentidos nas muitas atividades realizadas. Esses sentidos são construídos no fazer/atuar pedagogicamente, nas relações construídas com a música desde a minha infância, nas ações pedagógicas do trabalho, com alunos e colegas, e, também, na atuação com a produção de conhecimento no campo da educação musical.

Nessa atuação, que não está descolada da minha formação experienciada nas várias “instâncias socializadoras” (Setton, 2011) pelas quais estive imersa, assim como nas atividades que foram realizadas ao longo da minha atuação na universidade, busquei identificar algumas experiências e rotas pelas quais passei, cruzei, atravessei.

Enquanto um memorial é preciso contar, narrar esses caminhos, essas rotas, escrever sobre o processo de formação “parece, aos olhos de quem jamais o fez, uma tarefa fácil”, pois “fixar na escrita o que se tenta pegar no ar, o que foge e escapa a cada tentativa é um trabalho ao mesmo tempo laborioso, sedutor e consideravelmente formador” (Passeggi, 2008a, p. 36).

Pegar no ar o que fugia, o que escapava, se deu ao buscar alguns fios e tecer os que entrelaçavam os fatos entre si, explicitar o que e como provocaram efeitos formadores na minha vida musical, acadêmica/profissional. Nesse tecer foi preciso estabelecer uma noção de tempo, que serviu para organizar e reorganizar a experiência vivida, conferindo uma consciência sobre a minha formação/atuação em tempos: o meu passado, o tempo presente e, quiçá, o tempo futuro.

Nesse entrelaçar de processos formativos e de atuação profissional, a escrita materializou o que desejo de revelar um tempo não sequencial, em várias direções e que vai sendo exposto em camadas ao longo do texto, separado para alguns mergulhos, mas com o objetivo de “pegar no ar, o que fugia e escapava a cada tentativa”. Essa exposição constituiu a vontade de dar sentido e juntar as partes de um todo. Não do todo, que é tudo, mas de um todo que foi eleito para ser publicizado neste memorial, um todo narrado que foi construído a partir das atividades de ensino, pesquisa, gestão e extensão realizadas e que revelam e formam um quadro com muitas interpretações possíveis.

Portanto, este memorial se propõe a apresentar faces e caminhos da minha formação/atuação profissional/acadêmica como professora/pesquisadora na Universidade Federal de Uberlândia. Esse processo em que fui me construindo e sendo construída foi apresentado em uma escrita que “soa” a partir de uma voz solo, impossível de escrever polifonicamente, mas que acredito mostrar que ele foi construído a muitas mãos e em muitas rotas.

2 A FORMAÇÃO: UMA CONSTRUÇÃO POR MUITOS CAMINHOS

2.1 Aspectos biográficos: as bases da minha formação

2.1.1 A família

Eu, Lilia Neves Gonçalves, sou ituiutabana nascida em Ituiutaba-MG², com uma mãe neta de espanhóis imigrados da Espanha (Ilhas Canárias e Salamanca) e nascida no interior de São Paulo, e pai descendente da quarta geração de italianos, nascido em uma fazenda próxima a Ituiutaba. É nesse “lugar”, nessa instituição familiar, que nasci e que vai ser uma das bases para construir minha trajetória de vida, configurando uma das “instâncias socializadoras” (Setton, 2011, p. 713), um espaço intercultural de referências em dimensões individual e institucional, as quais, segundo essa autora, “querendo ou não, acabam participando na construção dos seres e das realidades sociais” (p. 715).

Para a compreensão dessa construção, é importante entender um pouco sobre meus pais. Minha mãe, filha mais velha de nove filhos, sonhou em estudar, mas foi retirada da escola muito cedo, no final do ensino fundamental 1, “porque mulher tinha que aprender serviços domésticos, costurar e ajudar no cuidado dos irmãos mais novos”. Já meu pai, o 5º filho de 7 irmãos, perdeu a mãe aos 5 anos e foi criado pela irmã mais velha, portanto, também teve que parar de estudar muito cedo para trabalhar.

Minha mãe, após o casamento assumiu a casa e meu pai foi trabalhar na construção civil até passar em um concurso na prefeitura da cidade, quando começou a atuar na Secretaria de Planejamento, por volta dos meus 15 anos. Enquanto meu pai, durante a minha infância, voltou para a escola noturna para estudar, conseguindo concluir somente o ensino fundamental, minha mãe somente regressou aos estudos por intermédio de um programa de aceleração de aprendizagem para poder dar aulas no “Conservatório Estadual de Música Dr. José Zóccoli de Andrade”, de Ituiutaba-MG³, quando eu já cursava a graduação em música.

Meu pai, que sempre sonhou em tornar-se um engenheiro civil e não teve oportunidade, ao longo da minha infância e da adolescência estudou pelo Instituto Universal

² Ituiutaba-MG, localizada no centro-norte do Triângulo Mineiro, com população no último censo de 2022 do IBGE (Brasil, 2022) de 102.217 habitantes, está localizada aproximadamente a 672 km da capital mineira, Belo Horizonte-MG.

³ A partir desse momento, neste Memorial, me referirei a essa escola de música sempre como “Conservatório Estadual de Música” (CEM) de Ituiutaba-MG e, às vezes, só como Conservatório, com letra maiúscula.

Brasileiro⁴ por correspondência em cursos como “Desenho arquitetônico” e “Agrimensura”. Acompanhei ele estudando “sozinho”, lendo, relendo, fazendo exercícios a partir das apostilas. Importante salientar que até hoje, aos 82 anos, ele não se furta de aprender coisas novas, como: “mexer” no computador, resolver questões de edição de texto, consertar o que deixou de funcionar. Essa é a forma que ele encontrou para facilitar a vida das pessoas ao seu redor.

É nesse contexto, em que meus pais - e principalmente minha mãe, por ter sido “arrancada” da escola quando eu era criança - fizeram questão de não abrir mão da nossa formação escolar, a minha e a do meu irmão. Nas minhas lembranças e tendo em vista como ela se posiciona ainda hoje, não era uma reação ou um processo de consciência da nossa condição de gênero como mulheres, mas a crença de que a educação poderia ser um instrumento de mudança de vida e de ascensão social.

2.1.2 A igreja

Essa família na qual nasci, da primeira até a quinta geração, principalmente pelo lado paterno, é composta por pessoas que fazem parte de uma igreja evangélica. Para além das crenças, costumes, princípios cristãos que já vieram com meus pais (ambos se converteram aos 14 anos, morando em cidades, estados diferentes, e se conheceram somente aos 20 anos em uma festa da igreja), a minha vida também passará por esse lugar. Um lugar que também faz parte da minha constituição como pessoa e como profissional.

A igreja e a família em sua “relação simbiótica”, principalmente na infância, vão ter papel importante na construção das minhas formas de ser e estar no mundo. Em um processo de socialização que pode “circunscrever uma força heurística mais ampla do que a noção de educação ou de processo educativo”, a família e a igreja, nesse processo,

têm a vantagem de agregar as noções anteriores [educativas, escolares] a uma série de outras ações difusas, assistemáticas, não intencionais e inconscientes. Estas, adquiridas de maneira homeopática na família, na escola, na religião, no trabalho ou em grupos de amigos, querendo ou não, acabam participando na construção dos seres e das realidades sociais (Setton, 2011, p. 715).

⁴ O “Instituto Universal Brasileiro” (IUB), um dos pioneiros do ensino à distância no Brasil, foi criado em 1941 e é considerado, por Faria (2010, p. 17), “um dos grandes expoentes em cursos de pequena duração a distância, utilizando como suporte pedagógico a correspondência”, sendo que “o envio das ‘cartilhas’ e dos manuais era realizado pelo IUB via correio e seus alunos devolviam as ‘lições’ respondidas pelo mesmo correio, utilizando o correspondência como mediador deste processo de ensino e aprendizagem”.

Meu pai era músico na igreja desde jovem e, nas minhas mais antigas lembranças, me lembro dele tocando seu trompete – mais tarde, por problemas de saúde, ele passou a tocar violino. Vários dos meus tios eram músicos e, ao longo da vida, primos e primas também estudaram música. Inclusive minha mãe, que também tinha um sonho de tocar acordeom, mas foi impedida pelo meu avô, começou a estudar quando eu estava com 8 anos. Fomos “colegas” nas aulas de música na igreja e no conservatório, posteriormente.

A igreja que frequento desde que nasci tem foco sistemático e organizado no ensino de música. Com ênfase no ensino de instrumentos (metais, madeiras e cordas) para os homens e no órgão eletrônico para mulheres. Durante toda a minha vida, assisti a ensaios e cultos com meus pais e frequentei “tocadas”⁵ na minha casa e na de amigos. Ao longo da minha adolescência, até a conclusão da graduação, a casa da nossa família era espaço para tocar e cantar os hinos, eram momentos em que crianças, jovens e adultos, incluindo tios e primos, se reuniam para tocar juntos.

A igreja vai ser um espaço muito importante de formação e, também, de socialização musical, incluindo práticas musicais como cantar e ouvir música. A partir dos 9 anos de idade, essas práticas passaram a incluir o manuseio de um instrumento. Desde aí, até hoje, continuo participando de ensaios e tocando na igreja. É o lugar onde continuo exercendo minha atividade como organista, o que é muito importante para mim, já que me mantengo ativa na prática instrumental.

2.1.3 A escola

Iniciei meus estudos escolares aos 6 anos, na primeira série do antigo 1º grau em 1974⁶, na “Escola Estadual Governador Bias Fortes”, conhecida por nós, alunos, “como Grupinho”, em Ituiutaba-MG. Até ir para a escola, eu frequentava a igreja e a casa dos meus tios e tias, além dos meus avós maternos uma vez ao ano (eles moravam na cidade de Fronteira-MG⁷). A escola foi o lugar onde eu tive os olhos abertos para o mundo, já que foi

⁵ “Tocadas” são reuniões realizadas fora dos cultos, nas quais as pessoas que frequentam a igreja se juntam para tocar e, às vezes, cantar. Nessas tocadas, geralmente, os músicos se sentem mais livres para tocar, improvisar, o que, geralmente, durante os cultos não se pode tocar o que não esteja na partitura.

⁶ Nessa primeira parte, quando estiver detalhando a minha formação escolar, vou adotar a nomenclatura do sistema escolar organizado por ensino de 1º grau (1ª a 8ª séries) e de 2º grau (1º ao 3º ano) de quando frequentei a escola. No entanto, quando estiver me referindo ao sistema escolar de forma geral utilizarei a nomenclatura da organização escolar atual para facilitar a escrita.

⁷ Fronteira-MG é uma cidade localizada no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, às margens do Rio Grande, na divisa dos estados de Minas Gerais e São Paulo, há cerca de 671 km a oeste de Belo Horizonte. Segundo o censo do IBGE (Brasil, 2022), sua população é de 14.540 habitantes.

onde passei a me relacionar com outras pessoas que não tios, primos e vizinhos, assim como com pessoas com as quais convivia na igreja.

Abrindo um parêntese, não poderia deixar de mencionar que, por crenças religiosas e estilo de vida, passei minha infância, adolescência e parte da vida adulta sem ter televisão e rádio em casa. Fui ter um gravador portátil por volta dos meus 15 anos, quando gravávamos em fita cassete o que tocávamos. Ouvíamos fitas com gravações caseiras de hinos tocados geralmente por membros da igreja. Tive o meu primeiro aparelho de som (um 3 em 1 – gravador, reproduutor de som e rádio) quando já cursava a graduação em música. Esse pouco acesso a mídias me fez buscar informações em outras fontes.

Dentre essas fontes, o livro foi o meu grande companheiro. Desde criança, livros velhos ou novos, qualquer livro me causava fascínio: os do meu pai que ele guardava com tanto esmero, os da minha mãe do ensino primário dela, livros que meu pai encontrava no lixo das casas que ele reformava. Era um oásis de diversão. O primeiro livro que li na íntegra foi “A ilha perdida” (Figura 1)⁸, quando estava na 5^a série do 1º grau, e nunca foi esquecido. Considero que esse meu primeiro livro foi a minha “carta de alforria” no sentido de que, literalmente, o mundo da vida, do conhecimento e da imaginação se abriu. Com uma educação familiar muito rígida e controlada, mas com muita dedicação dos meus pais, o mundo dos livros e o encantamento a partir da leitura se tornou uma constante até hoje.

⁸ Livro de Maria José Dupré, livro infanto-juvenil, publicado pela primeira vez em 1944, pela Editora Brasiliense, e, a partir da 8^a edição, pela Editora Ática, passando integrar a célebre Coleção Vaga lume, em 1973 (ver: https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Ilha_Perdida). Esse l

Figura 1 - Capa do livro a “Ilha Perdida”⁹



Fonte: Imagem da capa, de Ary Almeida Normanha, do livro “A ilha perdida” (Dupré, 2006).

Mas, por volta de 1980, aos 12 ou 13 anos, “descobri” a “Biblioteca Municipal de Ituiutaba”, que ficava perto do Conservatório Estadual de Música, a qual passei a frequentar. Durante vários anos até a conclusão do ensino médio, peguei muitos livros emprestados. Foi quando tive acesso à literatura brasileira e internacional, quando o mundo já não tinha “mais cerca”. Nessa época, fui uma leitora contumaz, ampliando meus conhecimentos e, claro, meus sonhos. Quanto mais lia, mais sonhava em conhecer mais, conhecer o mundo, conhecer pessoas. A leitura era a janela pela qual eu enxergava e sonhava com o presente e o futuro. Ela foi muito importante para a minha imaginação, para a escrita de histórias que eram tão incentivadas pelas minhas professoras de português. Na 4^a série, ganhei um concurso de redação e aquilo só me animou, já que o mundo dos livros era algo que me movia e ainda move.

Portanto, a escola vai ter um papel muito importante na minha vida. O “Grupinho”, tal como consigo enxergar hoje, era uma escola de periferia. Lembro-me que tinha quase todos os vidros quebrados, estava localizada em uma rua com muitos buracos, muitas vezes as crianças caíam nesses buracos, se machucavam, principalmente em períodos de chuva, quando as enxurradas escondiam muitos perigos. É nessa escola que, pela primeira vez, terei

⁹ Ganhei esse livro de presente de aniversário anos atrás da minha amiga e companheira de trabalho na UFU, professora Cintia Thais Morato.

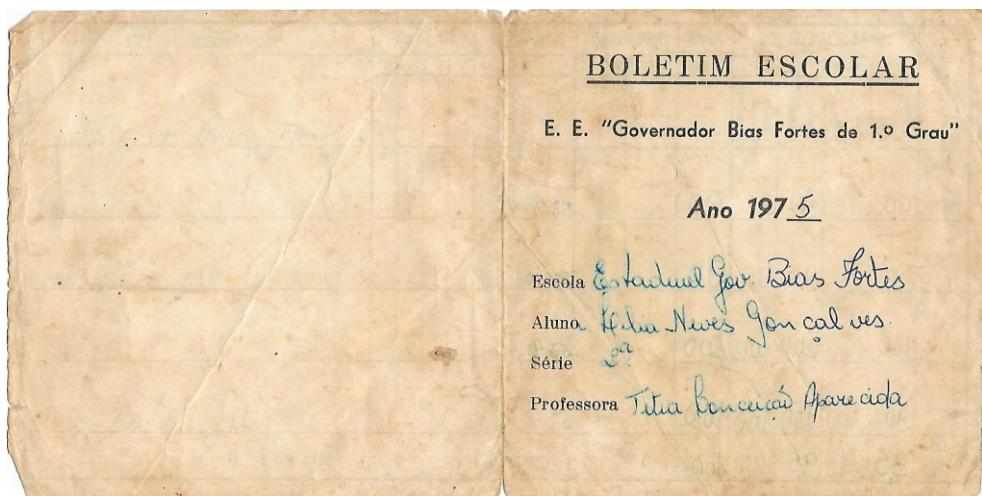
consciência de que existiam outras pessoas que não minha família, meus vizinhos e/ou pessoas com as quais convivia na igreja.

Lá também comecei a olhar para o mundo e passei a enxergar as diferenças sociais. Estudava em uma sala de aula com o filho da diretora, sobrinhas e filhas de professoras da escola, crianças que não tinham calçados para irem à escola, ou seja, comecei a olhar para a escola com pelo menos dois olhares: um percebendo as diferenças sociais entre mim e meus colegas e outro que nós, crianças, aprendíamos de formas diferentes.

Foi nessa época também que sofri muito *bullying* na escola, principalmente por causa da igreja, pelo modo como me vestia, como era o meu cabelo. Os colegas, em especial os meninos, não perdoavam. Estava no 2º ano e foram momentos de muito medo, já que nunca gostei de estar em evidência. Tinha que me esconder, saía pouco para o recreio, demorava ir para casa após o término das aulas. Esse foi mais um elemento que me forçou a entender o lugar onde eu estava, quem eu era.

Apesar dessas dificuldades, eu buscava, naquele momento, sem entender muito bem as coisas, formas de ser respeitada. Logo, eu percebi que uma delas era me dedicar aos estudos, o que me garantiria ser respeitada na ideia de uma criança. Apesar dessas dificuldades, tive uma professora, na 2ª série, que teve um papel importante para mim. Uma professora muito amorosa e afetuosa, com quem, inclusive, tive contato há pouco tempo atrás, que desafiava os alunos a estudarem, que valorizava o trabalho coletivo e que conversava com as crianças sobre o futuro. As avaliações eram momentos de conquista e das quais nunca me esqueci, tanto que guardo vestígios dessa relação até hoje (ver figuras 2 e 3).

Figura 2 - Frente do boletim escolar da 2ª série



Fonte: Imagem do meu acervo pessoal.

Figura 3 - Frente do boletim escolar da 2^a série

ATIVIDADES	BIMESTRES				Média Anual	Recuperação	Assiduidade	Faltas	Assinatura do Pai									
	1. ^º Fevereiro	2. ^º Março	3. ^º Maio	4. ^º Junho					1. ^º	2. ^º	3. ^º	4. ^º	1. ^º	2. ^º	3. ^º	4. ^º		
Comunicação e Expressão	90	90	90	95	90				53.40	42.01	-	-	x João Neves da Silva	x João Neves da Silva	x João Neves da Silva			
Matemática	90	90	90	90	90				53.40	42.01	-	-	x João Neves da Silva					
Clássicas	100	100	100	100	100				53.40	42.01	-	-						
Integr. Social	90	100	100	100	100				53.40	42.01	-	-						
Média Bimestral	95	90	95	100	Licenciatura				53.40	42.01	-	-	Promovido à 3 ^a	Série do 1. ^º Grau				

Fonte: Imagem do meu acervo pessoal.

Essa professora foi marcante na minha vida, porque, com ela, juntando com as ideias dos meus pais, eu não teria dúvidas do papel da escola na minha formação, da educação como um instrumento de aquisição de conhecimento, de busca por uma carreira profissional. Essa também seria uma forma de estar no mundo e de me relacionar nele, a partir dos vários espaços em que tivesse que passar e/ou estar.

Estudei até a 3^a série na “Escola Estadual Governador Bias Fortes”. A 4^a série na “Escola Estadual Lions” e da 5^a série em diante mudei para a “Escola Municipal Machado de Assis”, todas em Ituiutaba. Nessa escola, concluí o 2^º grau, um Curso de Magistério, no ano de 1994.

Prossegui nos meus estudos escolares frequentando o Curso de Graduação em Música – Licenciatura¹⁰ entre 1985 (2º semestre) e 1989, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e toda a pós-graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): o mestrado (1991-1993), sob a orientação da professora Dra. Maria Elizabeth Lucas; o doutorado (2003-2007) e o pós-doutorado (abril de 2023 a março de 2024), sob a orientação da professora Dra. Jusamara Souza.

Sou “filha da escola pública”. Mesmo com dificuldades, a escola pública foi minha casa, um espaço muito importante na minha formação em todos os níveis: do ensino fundamental à pós-graduação, até o pós-doutorado, e com bolsas de estudo, no mestrado e doutorado – CNPQ e CAPES, respectivamente.

¹⁰ Vou manter o nome atual para me referenciar à graduação em música como “Curso de Graduação em Música – Licenciatura e/ou Bacharelado”, na época o nome era “Curso de Educação Artística – Habilitação em Música”.

2.2 A construção da relação com a música

Na igreja e na família

Na escola de educação básica onde estudei, o ensino de arte estava sob a perspectiva da educação artística, mais especificamente eram aulas de desenho, com ênfase em colorir e reproduzir (desenhar, por exemplo, “natureza morta”), habilidades que eu não tinha. Portanto, as atividades musicais que vivenciei na escola foram as músicas das festividades escolares, como cantar o Hino Nacional Brasileiro no pátio da escola. A memória afetiva mais intensa relacionada com a música na escola remonta à 4^a série, durante os 8 e 9 anos, quando, no pátio, “toda a escola” cantava a 3 ou 4 vozes o cânone “O sineiro da matriz”¹¹. O som das crianças, reunidas no pátio, cantando essa canção em cânone era impactante.

Posso dizer que tenho poucas memórias da música na escola. De uma forma mais ampla, como mencionado, a família e a igreja foram os espaços nos quais fui construindo minha relação com a música. Espaços que não só tiveram agentes que me incentivaram a estudar música, mas que também me deram suporte necessário para que isso acontecesse.

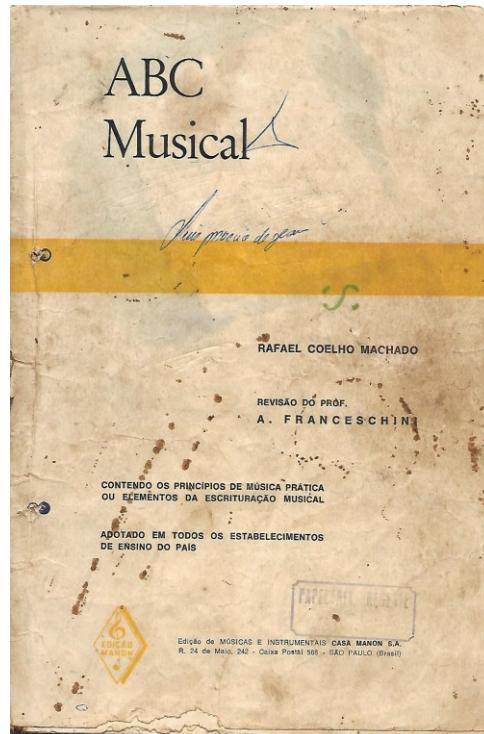
Aos 9 anos comecei a estudar música na “aulinha de música”, que era realizada na igreja, e que consistia em aulas de teoria musical, utilizando o “ABC Musical” (Figura 4), e aula de solfejo, com o “Método Bona” (Figura 5)¹², adotando a “leitura musical rezada” nas claves de sol e de fá. O Bona foi um livro base para o estudo da leitura musical na igreja¹³ e, somente após concluir a lição 90, o aluno poderia começar a estudar os instrumentos que faziam parte da orquestra.

¹¹ “O sineiro da matriz” é uma canção que foi publicada no livro “Canto da Juventude”, volume 3, de Vicente Aricó Júnior, não consegui uma informação se a composição é dele.

¹² Paschoal Bona, compositor italiano, viveu de 1816 a 1878. Lecionou canto no Conservatório de Milão, onde escreveu o tradicional método de divisão musical, que ficou conhecido pelo seu sobrenome “Bona”.

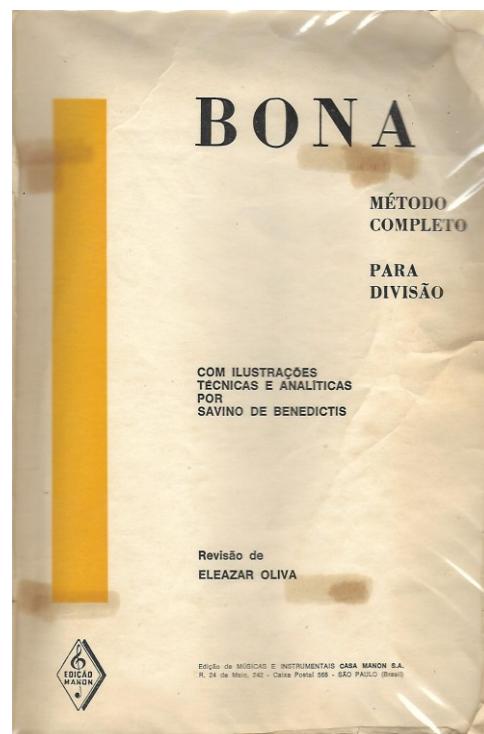
¹³ Um pouco mais tarde, já no Conservatório Estadual de música “Dr. José Zóccoli de Andrade”, com o professor-maestro Elias Antônio Daia eu concluiria o livro inteiro. Esse maestro, Elias Antônio Daia, “nasceu em 10/06/1917, na cidade de Uberaba/MG. Aprendeu música no Batalhão da Polícia militar de Uberaba, integrando sua Banda. Em 1966, a convite da Prefeitura Municipal, foi para a cidade de Ituiutaba como maestro da Banda mirim” [...] Nessa mesma época, “passou a fazer parte de seu corpo docente, como professor de Instrumentos de Sopro, Canto Coral e música de Câmara” (<https://alamo.org.br/patrono.php?id=92>).

Figura 4 - Capa do ABC Musical de Rafael Coelho Machado



Fonte: Imagem da capa (Machado, s.d.).

Figura 5 - Capa do Bona: método completo de Paschoal Bona.



Fonte: Imagem da capa (Bona, s.d.).

Ainda que em outras regiões do Brasil o órgão já fazia parte da orquestra da igreja, na região do triângulo mineiro, Goiás e Distrito Federal ainda não havia organistas que

tocavam nas igrejas que eu frequentava. Igualmente, também não havia quem ensinasse. Foi aí que a igreja contratou uma professora da igreja Assembleia de Deus, que passou a nos ensinar o instrumento. Contudo, após cerca de um ano, ela se mudou de Ituiutaba e ficamos sem professora de órgão. Para continuar os estudos, passei a estudar com uma professora de piano que dava aulas de órgão em Itumbiara-GO e, posteriormente, com uma professora de Ribeirão Preto-SP. Foi com ambas que aprendi o suficiente para tocar na igreja aos 10 anos de idade, juntamente com a minha mãe. Só viria estudar órgão com uma professora especialista, no caso, órgão de tubos, durante o mestrado, em 1991, com a professora Dra. Any Raquel de Carvalho – a primeira doutora em órgão do Brasil.

Portanto, a igreja e a família formaram a base não só dos meus primeiros passos com a música, mas foram espaços que abarcaram práticas musicais funcionais para a atuação na liturgia musical da igreja. Há nessa formação um vínculo essencial entre as instâncias socializadoras e os agentes socializados, pois

a partir dessa troca mútua surgem as experiências sociais – as interpretações subjetivas de elementos objetivos. O olhar focado na construção dessas experiências é que possibilita que se pense o indivíduo como um ator social capaz de dominar, e em algum nível, sua relação com o mundo, com um ator que constitui sua subjetividade e tendo como base as combinações de lógica de ações em um determinado contexto social (Setton, 2011, p. 721).

Se a igreja era o espaço externo da minha atuação artística como musicista, a casa era o espaço em que tocava com meus pais, amigos, primos e primas, principalmente durante os finais de semana. Um espaço de construção de valores e perspectivas, ações que envolviam o tocar/fazer música junto. A socialização enfoca a família e a igreja “como matrizes de cultura”, que destaca “estratégias de transmissão” e que têm papel importante na “transformação dos valores dos grupos sociais, além de explorar o processo de incorporação [desses valores] realizado pelos indivíduos ao longo de suas experiências de vida” (Setton, 2011, p. 715).

Esses valores e significados estabelecidos por mim nas relações com a música vão se constituindo nessa família, nessa igreja. Hoje, meu irmão, cunhada, sobrinhos, filha, genro, além de primos e primas, são músicos, uma grande família de músicos na/da igreja. São anos de práticas musicais perpassadas não só por ações e estratégias pedagógico-musicais adotadas, mas também pela construção e elaboração de crenças e valores necessários para fazer parte desse grupo musical.

O “Conservatório Estadual de Música Dr. José Zóccoli de Andrade”

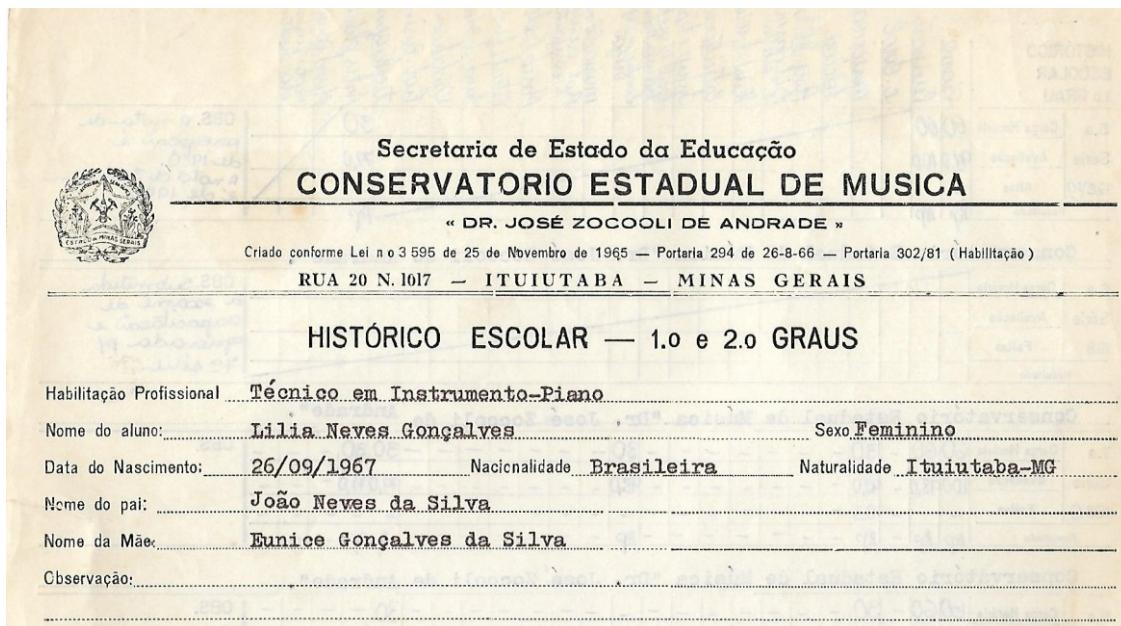
Se a escola não teve um papel marcante na minha formação musical, o Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zóccoli de Andrade” de Ituiutaba foi parte fundamental da minha formação como musicista. Vale lembrar que essa escola de música foi criada em 1965 pela professora Guaraciaba Campos (Coelho, 2013) e fez parte da rede de escolas estaduais de música mantidas pelo estado de Minas Gerais¹⁴, que começaram a ser criadas na década de 1950, pelo então governador Juscelino Kubitschek (Gonçalves, 1993).

Ser uma escola gratuita foi muito importante para eu poder estudar música, já que meus pais não disponibilizavam de recursos para pagarem aulas de música. Fui para o Conservatório depois que minha professora de órgão, contratada pela igreja, se mudou de Ituiutaba. Como não tinha aulas de órgão no Conservatório, comecei a estudar piano, aos 11 anos. A partir daí, apesar de continuar tocando órgão, tendo aulas particulares com outras professoras de Itumbiara-GO e Ribeirão Preto - SP, o piano foi o instrumento ao qual me dediquei até o Mestrado em Música, em 1991.

Quando cheguei nessa escola, foi um mundo novo. O Conservatório, como uma escola, tinha o objetivo de oferecer formação técnica e profissional em música, uma formação com foco no ensino do instrumento e um currículo que passava pelo ensino de artes plásticas e, também, por outras disciplinas associadas ao campo da música (ver figuras 6 e 7). O estudo de disciplinas como Percepção Musical, Folclore, História da Música – em um sistema que acompanhava a escolar (organizado em ensino de 1º e 2º graus) – ampliou bastante o meu olhar para a música a partir do repertório, já que antes estudava somente métodos para estudo organístico e os hinos que tocava na igreja.

¹⁴ Essa rede de escolas está distribuída em diferentes regiões do estado de Minas Gerais, nas cidades de Araguari, Diamantina, Juiz de Fora, Ituiutaba, Leopoldina, Montes Claros, Pouso Alegre, São João Del Rei, Varginha, Visconde do Rio Branco, Uberlândia, Uberaba.

Figura 6 - Frente do Histórico Escolar do Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zóccoli de Andrade”



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 7 - Verso do Histórico Escolar do Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zoccoli de Andrade”

Fonte: Acervo pessoal.

Quanto à aquisição de um instrumento, somente por volta de 1980 é que meu pai conseguiu, com muito esforço, comprar um órgão bem simples para mim e para a minha mãe. O estudo do piano era realizado nos pianos do Conservatório, geralmente no período noturno, quando havia maior disponibilidade de instrumentos. Eram vários colegas que não tinham instrumento em casa, por isso, esses períodos de estudo eram momentos de fazer amizades, tocar a 4 mãos, ouvir o repertório dos colegas. Foram anos importantes na construção de amizades e momentos de aprendizagens.

Só ganhei um piano em 1982 ou 1983, aos 15 ou 16 anos, quando a firma que meu pai trabalhava fechou e ele teve acesso a seu fundo de garantia. Ele utilizou essas economias para comprar um piano para mim. Ali senti a sua confiança, assim como da minha mãe, em me dar aquele instrumento. Nessa época, eu já tinha me decidido que seguiria a carreira musical e que faria graduação em música.

Frequentei essa escola de 1979 a 1985, quando concluí o “Curso Técnico em Instrumento – Piano”¹⁵ e cumpri os meus anos como aluna no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba (ver figuras 8 e 9). Em meados de 1985, iniciei a Graduação em Música – Licenciatura, na UFU.

¹⁵ É importante mencionar, que durante esse período foi criada, no Conservatório, a disciplina de “Instrumento complementar – Órgão (eletrônico)” e foi quando consegui frequentar aulas desse instrumento no Conservatório, isso em 1980 e 1983.

Figura 8 - Formatura do Ensino fundamento (8^a série, na época) do Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zóccoli de Andrade”



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 9 - Formatura de 2º grau (Ensino Médio-Técnico - Piano) do Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zóccoli de Andrade”



Fonte: Acervo pessoal.

Sem dúvida, o Conservatório foi um espaço importante para a minha formação como musicista, pois permitiu ampliar os meus conhecimentos musicais escolares, principalmente os relacionados com a “música de concerto”, cuja base vai ser fundamental para todos os anos subsequentes na graduação e, também, para o prosseguimento nas minhas atividades profissionais em música.

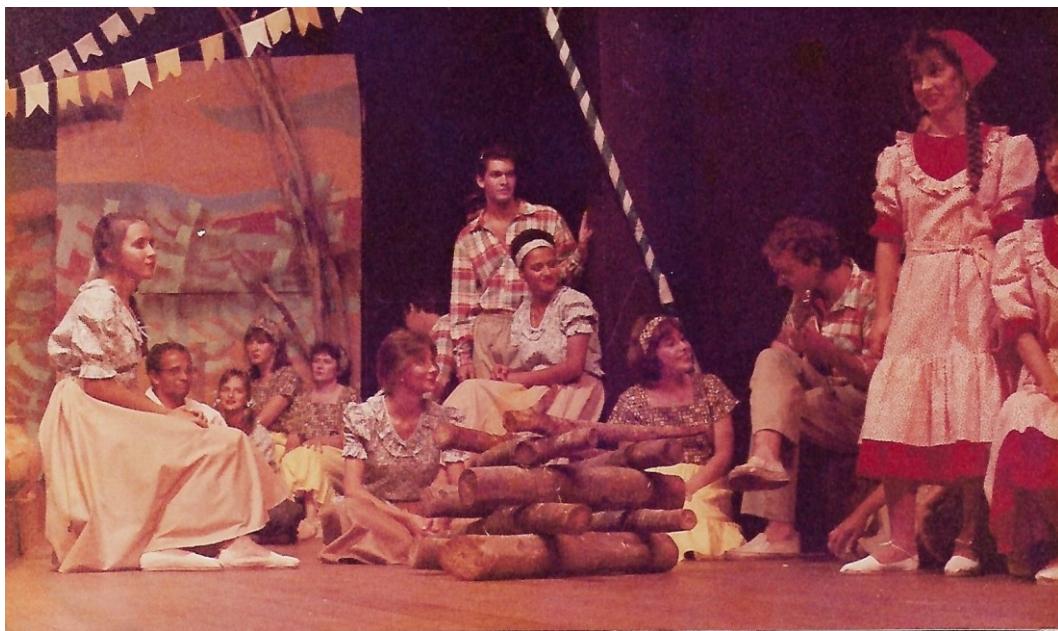
O Curso de Educação Artística – Habilitação em Música (Piano)¹⁶

Nesse processo da construção da minha relação com a música, o Curso de Graduação em Música consistiu na preparação para a profissionalização em música. Aos 17 anos, mudei-me para a cidade de Uberlândia-MG. Não foi fácil nem para mim e nem para os meus pais, já que nunca tinha saído de casa, viajado sozinha. Durante o período da graduação, morei com meu primo e minha prima, e suas respectivas famílias, filhos da minha tia mais velha, que tinha criado o meu pai. Meus pais não tinham condições financeiras para que eu morasse em república ou alugasse um espaço para morar. Eles moravam longe da UFU, pois, de ônibus, o trajeto durava até 1 hora e meia, mas o apoio foi essencial durante toda a realização do meu curso.

Envolvi-me no maior número de atividades possível durante a graduação em música, procurei fazer o melhor curso possível, me dediquei às atividades propostas pelos professores, estudava bastante o instrumento - o piano, e me envolvia nas atividades propostas, como, por exemplo, nas atividades do Canto coral e nas montagens de óperas (ver figuras 10 e 11).

¹⁶ Nomenclatura do Curso de Graduação em Música, na época.

Figura 10 - Participação na estreia da Ópera Pedro Malazarte de Camargo Guarnieri



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 11 - Participação na estreia da Ópera Pedro Malazarte de Camargo Guarnieri



Fonte: Acervo pessoal.

Foram quatro anos e meio de curso e de aperfeiçoamento não só no instrumento, mas nos vários componentes curriculares que compunham os campos disciplinares da música. O Curso de Graduação em Música da UFU - Licenciatura, com seus professores e sua proposta pedagógica teve um papel importante na construção de conhecimentos músico-profissionais

fundamentais para o meu prosseguimento na carreira tanto como professora quanto como pesquisadora. Concluí o curso em 1989 (Figura 12).

Figura 12 - Colação de grau do Curso de Graduação em Música (1989)



Fonte: Acervo pessoal.

A pós-graduação em música: Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado

Sabe-se que o foco na pós-graduação é a pesquisa, mas a pós-graduação no Brasil, na época, ainda estava nos seus primeiros anos. Inclusive, fiz parte da 5^a turma de pós-graduandos do Curso de Mestrado em Música da UFRGS¹⁷ na área de Educação Musical.

Nessa época, com professores pós-graduados em Música fora do Brasil, tinha-se um currículo que buscava ainda “tapar alguns buracos” na formação musical dos seus alunos, como, por exemplo, a oferta de disciplinas que focava nos estudos sobre a música contemporânea, música antiga, da Idade Média até o Barroco, em métodos de análise musical, além da aula de instrumento. Foi durante o mestrado em música, depois de anos tocando piano, que conheci a professora Any Raquel Carvalho e o órgão de tubos. Nessa ocasião, segui meus estudos de instrumento e, a partir daí, obtive uma formação técnico-musical mais específica e direcionada para o instrumento.

¹⁷ Considerado um curso de excelência pós-graduação brasileira, segundo o site do programa “desde a criação do Mestrado em 1987, e do Doutorado, em 1995, o Programa tem recebido candidatos de diferentes estados do país e, mais recentemente, também de países da América do Sul, da América do Norte e da Europa” (<https://www.ufrgs.br/ppgmusica/>).

Antes desse encontro, foram anos levando o órgão como instrumento secundário, atuando como organista na igreja, realizando um recital ou outro, cursando “Instrumento Complementar – Órgão eletrônico no Curso de Graduação em Música (figuras 13, 14 e 15).

Figura 13 - Recital de “Instrumento complementar” – Órgão durante recital do Curso de Música da UFU



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 14 - Recital de órgão na Igreja São José, em Porto Alegre-RS



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 15 - Recital de órgão na Capela da Santa Casa, em Bebedouro-SP



Fonte: Acervo pessoal.

A formação no Mestrado será um capítulo importante, principalmente quando assumo o campo da educação musical como minha área de pesquisa. Sob a orientação da professora Dra. Maria Elizabeth Lucas (Figura 16), passei a me dedicar ao estudo do processo de criação dos conservatórios estaduais mineiros na década de 1950 (Gonçalves, 1993), considerado o primeiro trabalho sobre essa temática. Busquei entender o projeto do estado de Minas Gerais para a implementação dessas escolas de música, bem como a sua inserção nas políticas e concepções pedagógico-musicais brasileiras.

Figura 16 - Foto com a minha orientadora de mestrado, professora Maria Elizabeth Lucas



Fonte: Acervo pessoal.

Iniciei o Doutorado em 2003, após 10 anos de conclusão do mestrado, e o realizei com o afastamento das minhas atividades como professora na UFU. Foi um período em que me mudei novamente para Porto Alegre com minha família (agora com minha filha pequena de 5 anos de idade), depois de atuar 9 anos como professora no Curso de Música da UFU.

Se o Mestrado em Música tinha foco intenso na formação em aspectos musicais, no Doutorado, a ênfase estava na pesquisa em música, já com temas voltados prioritariamente para o campo da Educação Musical. Portanto, se a aula de instrumento era obrigatória no Mestrado em Música na UFRGS, no Doutorado optei por continuar com aulas de órgão com a professora Any Raquel, agora somente como disciplina optativa.

No Doutorado, já com experiência como orientadora de trabalhos de pesquisa e de Iniciação Científica (IC), dediquei-me à pesquisa em educação musical sob a orientação da professora Dra. Jusamara Souza (Figura 17), estudando a música e a educação musical sob a perspectiva social, com foco na sociabilidade pedagógico-musical em espaços nos quais se ensinava-aprendia música na cidade de Uberlândia-MG (a banda de música, aulas particulares, a escola, o Conjunto musical do Liceu, a Banda Lira Feminina e o Conservatório de Música de Uberlândia¹⁸). O foco temporal foi as décadas de 1940, 1950 e 1960 (Gonçalves, 2007), a partir da memória de 32 pessoas que participaram da pesquisa.

¹⁸ No período estudado, essa escola de música, criada pela professora Cora Pavan Capparelli, tinha o nome de “Conservatório Musical de Uberlândia”, que, após ser encampado pelo estado de Minas Gerais em meados da década de 1960, passou a se chamar “Conservatório Estadual de Música Cora Pavan Capparelli”.

Figura 17 - Foto com minha orientadora de doutorado, professora Jusamara Souza, em momento de confraternização



Fonte: Acervo pessoal.

E, por último, para concluir esta parte relacionada com a minha formação musical, já em abril de 2023, voltei novamente para a UFRGS e participei do programa de pós-doutoramento, também sob a supervisão da professora Jusamara Souza. Foi realizado um trabalho de reflexão sobre o conceito de sociabilidade, música e educação musical, buscando “refinar” cada vez o olhar para a educação musical como prática musical no cotidiano (Gonçalves, 2024), com foco na sociabilidade pedagógico-musical enquanto categoria analítica.

3 TORNANDO-ME PROFESSORA: A CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO COM A DOCÊNCIA

3.1 “Brincando” de ser professora

“Virei professora” muito antes de “me formar” professora. Desde muito cedo, depois de uma experiência não muito boa com minha professora de 1^a série, a minha professora da 2^a série, como mencionado, foi “uma inspiração”. Ser professora, aos meus olhos infantis, passou a fazer parte da minha vida diária.

Tornei-me professora do meu irmão, primas e primos, vizinhos. Essa era a minha brincadeira predileta até por volta dos 9 anos de idade. Não abria mão de ser a professora em nossas brincadeiras. Cada um em suas carteiras, gostava de saber se “eles tinham estudado”, se conseguiam escrever as palavras corretamente em atividades como os ditados. O quadro era o muro da casa, muitas vezes escrevendo com carvão, já que não tinha giz. Pelo que me lembro, acho que esses momentos eram mais significativos para mim do que para meus/minhas companheiros/as de brincadeiras.

A docência entraria de uma forma “mais séria” no meu radar por volta dos 13 anos de idade, quando passei a ensinar o que sabia em atividades da igreja. Como já tinha começado a tocar na igreja e ainda continuavam as dificuldades de formação de organistas na região de Ituiutaba, foi decidido que eu e minha mãe passaríamos a dar aulas para candidatas a organistas na região de Ituiutaba, primeiramente em Capinópolis-M¹⁹ e, algum tempo depois, em Prata-MG²⁰.

Era um trabalho voluntário. Foram anos viajando finais de semana para essas cidades. Geralmente, passávamos boa parte do sábado ministrando aulas de órgão. Nessas aulas, seguia-se um programa com métodos estipulados pela igreja (geralmente métodos de piano, que não tinham a pedaleira e os 450 hinos, na época). Esse ensino era organizado em etapas que estavam relacionadas com o momento em que as organistas tocariam na igreja: primeiro em reuniões de jovens e crianças, em momentos que antecediam os cultos; depois nos cultos gerais da igreja; e, por último, havia um teste no qual a organista, se aprovada,

¹⁹ Cidade localizada a oeste de Ituiutaba (MG), sendo um município vizinho que se emancipou de Ituiutaba em 1953, com distância aproximada de 38 km.

²⁰ Está localizada a noroeste de Ituiutaba (MG), na região do Triângulo Mineiro. A distância entre as cidades é de aproximadamente 77 km.

poderia tocar em qualquer igreja do Brasil. Esse trabalho, com algumas interrupções, foi realizado até por volta dos meus 20 anos, quando, por minha falta de tempo, foi assumido na sua integralidade por minha mãe.

Aprender a ser professora se deu a partir do meu fascínio pela figura da minha professora, ao brincar de “escolinha”, no estudo em grupo ao longo da minha formação e, posteriormente, na minha atuação como docente e pesquisadora. Essas posições também “me formaram” como professora. Segundo o estudioso Maurice Tardif, que discute a formação de professores e a construção dos saberes docentes,

o docente raramente atua sozinho. Ele se encontra em interação com outras pessoas, a começar pelos alunos. A atividade docente não é exercida sobre um objeto, sobre um fenômeno a ser conhecido ou uma obra a ser produzida. Ela é realizada concretamente numa rede de interações com outras pessoas, num contexto onde o elemento humano é determinante e dominante e onde estão presentes símbolos, valores, sentimentos, atitudes, que são passíveis de interpretação e decisão [...]. Elas exigem, portanto, dos professores, não um saber sobre um objeto de conhecimento nem um saber sobre uma prática e destinado principalmente a objetivá-la, mas a capacidade de se comportarem como sujeitos, como atores e de serem pessoas em interação com pessoas (Tardif, 2014, p. 49-50).

Podemos dizer que os conhecimentos do professor são saberes socialmente construídos nas muitas instâncias em que “fomos formados”, nas quais atuamos e construímos a docência. No meu caso, mais especificamente, a docência se deu também no ensino de música vivido e experienciado na família, na igreja, no Conservatório e no ensino superior. Como professora de música, esses muitos saberes mobilizados passam pelos valores e concepções que também temos sobre música e sobre educação musical.

3.2 Primeiras atividades como professora no “Conservatório Estadual de Música Dr. José Zoccoli de Andrade”

Quando se trata do Curso Técnico em Instrumento - em nível de 2º grau, o qual frequentei no Conservatório, ele também contava com disciplinas no currículo que tinham ênfase na formação de professores de música, como, por exemplo, Estrutura e funcionamento da educação, Fundamentos da educação, Didática, Prática de Ensino e Prática de ensino do instrumento – Piano.

É importante destacar que, enquanto frequentava esse Curso Técnico no Conservatório, eu também cursava “Habilitação de Magistério de 1º grau – 1ª a 4ª série” na

Escola Municipal de 1º e 2º graus “Machado de Assis”. Nesse curso, tínhamos, no 2º e 3º anos, uma formação voltada para a didática da matemática, ciências, português (da comunicação e expressão), estudos sociais. Também tive contato pela primeira vez com alguns componentes curriculares, como: Psicologia da educação, História da educação, Sociologia e Filosofia, isso nos anos 1983 e 1984. Nesse curso, os alunos eram estimulados a produzirem materiais didáticos. Nessa época, meu olhar se deteve também na busca e construção de materiais didáticos para o ensino, lembrando que o livro era algo que nunca deixei de lado. A leitura continuava sempre que possível, mas comprar livros ainda era muito difícil.

Portanto, ainda muito jovem, aos 15 anos, passei a ter não só reflexões relacionadas ao ensino geral, mas também sobre o ensino de música, sobretudo quando passei a realizar os estágios obrigatórios para a conclusão dos referidos cursos. Foi um período em que vivi a “prática pedagógica”, agora “oficialmente” como professora, tendo contato com o ensino na escola de educação básica e na escola específica de música.

Apesar dessa formação, eu ainda tinha dúvidas sobre qual profissão seguir. Mas, por alguns fatores e, também, por essa imersão em atividades didáticas, decidi que seguiria a carreira de professor de música e que, após terminar a graduação em Música (que seria realizada em Uberlândia), voltaria para Ituiutaba e abriria uma escola de música.

Já sabia que eu gostava de ser professora. A dúvida era o quanto a profissão me possibilitaria independência financeira, já que minha mãe, apesar de sempre investir em mim e na minha formação musical e escolar em geral, achava que eu deveria seguir uma profissão que fosse mais vantajosa financeiramente, além do que ela não via com bons olhos minha vinda para Uberlândia. Contudo, apesar desses questionamentos, realmente optei por investir na carreira de professora de música.

Concluí o curso de Magistério em 1984, aos 17 anos, e a minha primeira atuação como professora foi em 1985, no Conservatório, quando substituí uma professora de Percepção musical. Nessa época, o ensino de 2º grau do Conservatório tinha duração de 4 anos, enquanto o Curso de Magistério tinha duração de 3 anos. Sem dúvida, essa substituição foi importante, porque, além da experiência pedagógica, ganhei meus primeiros salários, os quais economizei para poder contribuir com meus estudos em Uberlândia.

Quando fui para a “Graduação em Educação Artística – Habilitação em Música, nome do curso da “Licenciatura em Música” na época, no segundo semestre de 1985, busquei a melhor formação possível: ser uma aluna dedicada, me envolver o máximo com a universidade e com o estudo do piano. Essa formação musical e pedagógica me ajudou na

construção da minha carreira como professora no Conservatório e na universidade, posteriormente. Esse curso foi realizado em 4 anos e meio, a duração projetada pelo currículo da época.

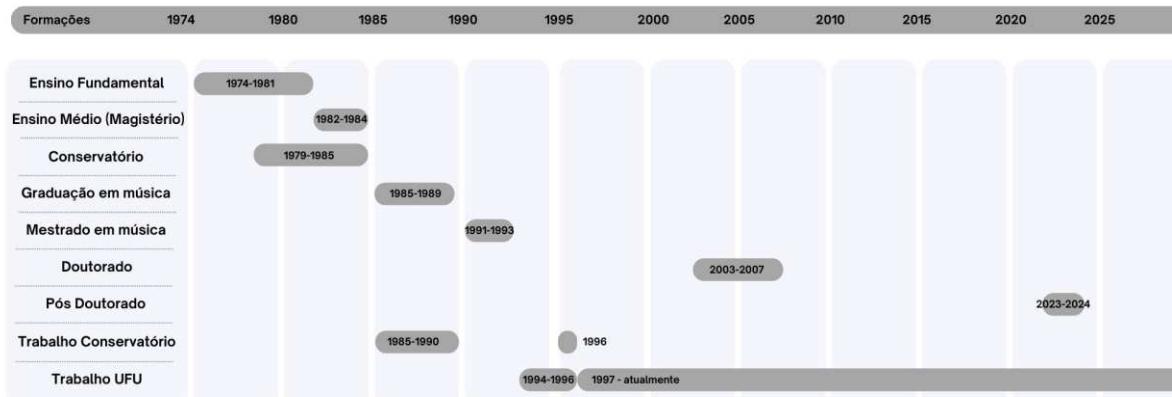
Ainda durante a graduação na UFU, a partir do 2º semestre de 1986, voltei a trabalhar no Conservatório. De 1986 até 1990, atuei nessa escola de música como professora de Percepção musical, de regência, de órgão eletrônico, de iniciação ao piano e como pianista colaboradora (Apêndice A).

Entre aulas na UFU e minhas atividades como professora no Conservatório, tinham as viagens entre Uberlândia e Ituiutaba. Trabalhar era muito importante, porque vivenciava e experienciava muitas discussões que fazíamos, mas, ao mesmo tempo, era cansativo, sendo essa uma prática tão comum até hoje no curso de música: estudar e trabalhar ao mesmo tempo (Morato, 2009). Cursar a universidade, viajar toda semana indo e voltando para Ituiutaba, foi intenso, mas importante para a minha formação como professora de música, além de ser uma forma de dividir as despesas com meus pais.

Diante do encadeamento profissional entre conclusão do Magistério, do Curso Técnico em Instrumento-Piano, a Graduação em Música e o início do Mestrado em Música, em 1991, nunca atuei como professora na educação básica. Minha atuação como professora se deu no Conservatório e, posteriormente, após a conclusão do Mestrado em Música, na UFU.

Posso afirmar que o Conservatório foi um espaço de formação e de atuação importante para estabelecer minhas bases musicais e pedagógicas. As reflexões e experiências vividas nesse espaço público de ensino de música também me ajudaram na construção da minha carreira nos anos seguintes. Encerrei as minhas atividades como professora no Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zoccoli de Andrade” no final de 1990, quando fui aprovada no Mestrado em Música na UFRGS. O Quadro 1 abaixo expõe a linha temporal da minha trajetória de formação e de atuação.

Quadro 1 - Organização da linha temporal da minha formação (escolar e musical) e atuação como professora



Fonte: Quadro elaborado pela autora.

3.3 Atuação como professora na Universidade Federal de Uberlândia

3.3.1 No Curso de Graduação em Música

Ingressei na UFU como professora em março de 1994, como professora substituta, após concluir, em dezembro de 1993, o mestrado na subárea da Educação Musical na UFRGS. Essa atuação como professora pode ser organizada em dois momentos: o primeiro de 1994 a 2002 (período antes do ingresso no doutorado), e de 2007, após a minha volta do doutorado, em diante (Apêndice B).

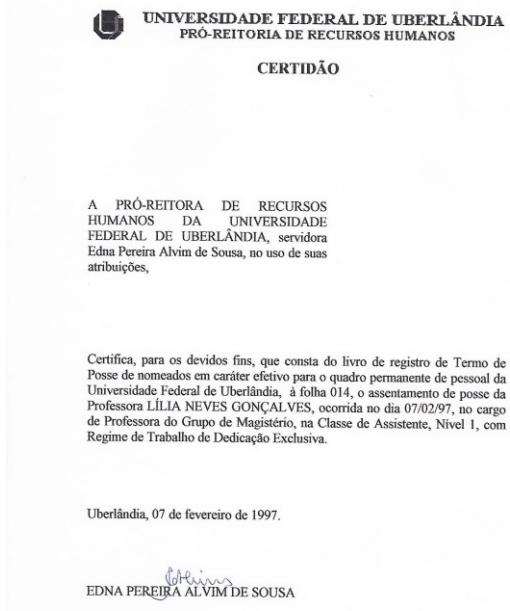
Em janeiro de 1994, a professora Maria Célia Vieira, que tinha sido uma das minhas professoras de piano²¹ na graduação, sabendo que eu tinha concluído o mestrado, me avisou que o curso de Música faria um concurso para a vaga de professor substituto na disciplina de Percepção musical e Estágio supervisionado. Foi aí que realizei o primeiro concurso na UFU e tive o meu primeiro contrato como professora no ensino superior, a partir de 28 de fevereiro de 1994 (até 31/01/1995). Ainda realizei outros dois concursos como professora substituta na UFU: o segundo contrato de 01/02/1995 a 31/01/1996 e o terceiro contrato substituto de 11/03/1996 a 20/02/1997.

Ingressei na carreira do magistério superior na UFU em 03/03/1997, como professora efetiva, aos 29 anos (Figura 18). Dei continuidade às atividades pedagógicas nas quais já vinha atuando desde 1994, salientando que minha atuação pedagógica se dividia em disciplinas ligadas ao núcleo comum do currículo do curso de Música, como Percepção

²¹ Durante a graduação em Música, também tive como professora de piano Maria Amélia Peixoto.

musical, e em disciplinas obrigatórias e optativas ligadas à formação de professores (como Formas de expressão e comunicação artística, Estágio supervisionado, História da educação musical no Brasil, Metodologias do ensino da música, Instrumento complementar – Órgão), além das disciplinas de Pesquisa em música e de Trabalho de Conclusão de Curso.

Figura 18 - Certidão do Termo de posse como professora efetiva na UFU



Fonte: Acervo pessoal.

Nos primeiros anos, boa parte da minha atividade docente estava direcionada para as disciplinas de Percepção musical e, após a conclusão do doutorado em 2007, deixei de ministrá-las e passei a me dedicar a projetos e a componentes curriculares somente do campo da educação musical, às orientações de trabalhos de conclusão de curso na graduação e, posteriormente, ao mestrado a partir de 2009.

Na disciplina Percepção musical, busquei organizar e estruturar o processo de formação musical dos alunos de forma que passasse pela perspectiva do desenvolvimento musical. Mais do que treinamento, acreditava que era possível organizar o processo perceptivo a partir do desenvolvimento de habilidades tonais dos alunos no que se refere à leitura e escrita musicais.

Nesse período, criamos a disciplina optativa Psicologia do desenvolvimento musical, na qual trabalhamos com os alunos as contribuições da psicologia para o campo da educação

musical e como suas diversas teorias podem ajudar o professor de música a perceber o aluno nos seus processos de ensino-aprendizagem de música.

Foi nesse contexto que busquei desenvolver na Percepção musical estratégias que fossem mais próximas das vivências sociais e culturais dos alunos, passando, inclusive, por estratégias multimodais de aprendizagem de música. As estratégias estavam ligadas ao desenvolvimento musical de cada aluno, iniciando por atividades perceptivas que envolviam a tonalidade, a leitura, a escrita e a criação musical. Essa ideia também estava associada à perspectiva do desenvolvimento de pesquisas que pudessem auxiliar o professor na compreensão tanto do processo de percepção musical quanto do desenvolvimento musical dos alunos do curso de graduação.

O segundo momento corresponde à minha chegada no doutorado, em 2007, quando deixei de atuar como professora de Percepção musical e passei a me focar mais nas disciplinas do campo da educação musical e da pesquisa (disciplinas como Pesquisa em Música e orientações).

Fui professora das disciplinas de estágio em escolas de educação básica, em projetos sociais e, também, em projetos de ensino e extensão, como o “Coral do AFRID” (Atividades Físicas e Recreativas para a Terceira Idade)²². Esse espaço foi tema de trabalhos apresentados em congressos, bem como tema de dissertação de mestrado (Marques, 2011). Estive à frente do “Coral do AFRID” ora orientando estágios, ora atuando como professora, de 2007 até meados de 2013. Foi um espaço de atuação importante para os alunos de graduação e de Estágio, já que na época estavam ampliando as atividades com idosos, principalmente tendo em vista a aprovação do Estatuto do Idoso (Brasil, 2003) e a organização de políticas públicas que buscavam oferecer atividades para esse público. Vale salientar que o Projeto AFRID, como projeto de extensão do Curso de Educação Física da UFU, primava por um pioneirismo na promoção de atividades físicas, culturais, saúde, dentre outras, para esse público. As atividades musicais era um objetivo antigo de sua coordenadora na época, professora Geni de Araújo Costa.

Além dos estágios, outras disciplinas que compuseram as minhas atividades docentes foram as Metodologias do ensino da música, bem como as disciplinas relacionadas aos dois Projetos Institucionais da UFU para as Licenciaturas: o “Projeto Integrado de Prática

²² Projeto AFRID (Atividades Físicas e Recreativas para a Terceira Idade) é um programa de Extensão do Curso de Educação Física, criado em 1989, que se propõe a oferecer atividades físicas e recreativas para o público idoso (Andrade; Costa, 2010).

Educativa” (PIPE)²³, que permaneceu no currículo do Curso de Música até 2017; e o “Projeto Interdisciplinar” (PROINTER)²⁴, quando implementamos em 2018, com mais assertividade, nas disciplinas pedagógicas do Curso de Música, a discussão sobre os temas transversais da educação (gênero, questões étnico-raciais, meio ambiente, educação inclusiva, jovens com restrição liberdade, direitos humanos), com práticas pedagógicas voltadas para a observação e realização de projetos de extensão que partissem da premissa da educação musical como prática social (Souza, 2004).

Foram implementados no currículo o PROINTER 1, 2 e 3, sendo que ministrei o PROINTER 1 e 2. Enquanto o primeiro tem o objetivo de oferecer a fundamentação teórica da educação musical na perspectiva da música como prática social, no PROINTER 2, os alunos são estimulados a participarem de projetos de extensão variados e a exercitarem o olhar para a aprendizagem musical, que acontece nos vários espaços. O PROINTER 2 estava direcionado por algumas perguntas: o que a educação musical tem a ver com o gênero, com as questões étnico-raciais, com as questões de classe social, com as questões ambientais? Como a educação musical tem sido usada para reproduzir estereótipos de gênero? Quais as reflexões e práticas pedagógico-musicais que emancipam o olhar e que ações pedagógicas põem em questão não só a música como elemento que constitui o indivíduo em suas ações e subjetividades, mas também como campo importante na composição do mundo social?²⁵.

²³ O “Projeto Integrado de Prática Educativa” (UFU/CONSUN, 2005) foi criado pela Universidade Federal de Uberlândia e aprovado pelo Conselho Universitário (CONSUN) e organizou a prática como componente curricular nos cursos de licenciatura da UFU, para atender o previsto nas Diretrizes Curriculares para Formação de Professores” (Brasil, 2002).

²⁴ Resolução CNE/CP nº 2, de 1 de julho de 2015 traz as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior (cursos de Licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada – Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015, e a Resolução CN/CP nº 1, de 9 de agosto de 2017, que alterou o art. 22 da Resolução CNE/CP nº 2/2015 estipulando que os cursos de formação de professores, que se encontram em funcionamento, deveriam se adaptar à Resolução CNE/CP nº 2/2015 no prazo de 3 (três) anos, a contar da data de sua publicação (UFU, 2017).

²⁵ Ementa das disciplinas de Prointer ministradas no Curso de Música da UFU – “Este componente curricular pretende estabelecer reflexões sobre a música como prática social e sobre de que forma essa perspectiva permite ver os contextos sociais como determinantes do gosto e de relações (de gênero, étnico-racial, sexual, religiosa, de faixa geracional) com a música. Além de instrumentalizar o olhar para enxergar e refletir sobre essas relações, esse componente curricular pretende construir o respeito à alteridade, ao estudar a música como um direito educacional, humano e inclusivo de pessoas em cumprimento de medidas socioeducativas e de pessoas portadoras do Transtorno do Espectro Autista. Discussões sobre as paisagens sonoras como construções humanas e suas repercussões na educação ambiental complementam a intenção desse componente curricular em contribuir para a formação cidadã dos licenciandos, visando a problematização e a superação da discriminação e do preconceito no campo das diferenças socioculturais (Ficha de Componente Curricular Projeto Interdisciplinar - PROINTER I)” (PPC, 2018, p. 52).

Nesse projeto institucional para as licenciaturas, o Seminário das Licenciaturas (SEILIC)²⁶ é uma disciplina de final de curso, na qual oriento a produção de trabalhos sobre experiências de formação pedagógica vividas pelos alunos não só no PROINTER, mas também nos estágios e/ou na pesquisa. Essas experiências são compartilhadas em um seminário organizado pela Divisão de Licenciaturas e prevê a participação de todos os cursos de licenciaturas da UFU.

Além dessas disciplinas obrigatórias, também estive envolvida em optativas, como Canto para a escola, História da Educação Musical no Brasil, Material didático em educação musical, Educação musical, música e sociedade. São disciplinas ligadas aos meus interesses tanto pedagógicos quanto de pesquisa. Dessa disciplinas, “Educação musical, música e sociedade” e “Material didático em educação musical”, de alguma forma, também estão associadas aos meus interesses de orientação.

As atividades realizadas no âmbito das disciplinas de formação de professores têm amparo no Núcleo de Educação Musical (NEMUS). Esse grupo, composto hoje por 5 professoras e 1 professor (eu, Cintia Thais Morato, Fernanda de Assis Oliveira-Torres, Jaqueline Soares Marques, José Soares de Deus, Maria Cristina Lemes de Souza Costa), se reúne mensalmente para discutir questões relacionadas à oferta das disciplinas, aos seus conteúdos, aos espaços de estágios, dentre várias outras demandas.

Para concluir, as disciplinas de pesquisa e as orientações são uma base importante da minha atuação. Nesses anos, apesar de não ter publicado sobre esse assunto, tenho pensado e investido em construir uma pedagogia do ensino da pesquisa em música tanto em disciplinas coletivas, como Pesquisa em Música e “Introdução à pesquisa em música”, quanto nas orientações de pesquisa, que são individuais.

3.3.1.1 Coordenação de projetos de ensino e de extensão

Além das atividades pedagógicas relacionadas com disciplinas ministradas no curso, estive, juntamente com colegas do NEMUS, sempre que necessário, à frente da realização de ações de extensão ligadas à Prefeitura Municipal de Uberlândia, através de diálogos para

²⁶ Ementa da disciplina SEILIC: “Articulação de atividades de ensino, pesquisa e extensão em uma mostra de processos e resultados dos componentes curriculares Projeto Interdisciplinar - PROINTER I, II e III e Estágios Supervisionados I, II, III e IV. Compartilhamento de experiências vivenciadas pelas comunidades acadêmicas, escolares e não escolares envolvidas nos Projetos Interdisciplinares - PROINTERs e nos Estágios Supervisionados. Concepção, organização e realização do Seminário Institucional das Licenciaturas – SEILIC (PPC, 2018).

estabelecer parcerias sobre a possibilidade de ampliação do espaço da música no currículo das escolas municipais da cidade. Apesar da realização de iniciativas dessa natureza ao longo dos anos, nem sempre os resultados foram profícuos.

Dentre os projetos de ensino/extensão dos quais participei, nos anos de 1994 e 1995, está o “Projeto Movimento”. Era um projeto do Curso de Música, em que às sextas-feiras os professores, com transporte subsidiado pela UFU, se dirigiam para os conservatórios estaduais da região, como os de Araguari, Ituiutaba e Uberaba. Cada conservatório escolhia temáticas e os professores se deslocavam para trabalhar com as temáticas escolhidas. Nesse projeto, atuei com palestras, minicursos relacionados com estratégias e metodologias do ensino de música, bem como ministrei aulas de órgão eletrônico, uma necessidade que ainda era premente na região, já que boa parte do ensino de órgão tem como base “adaptações do piano”, mais do que uma formação técnica mais específica do instrumento.

Outro projeto importante do qual participei durante cerca de três anos, ainda na primeira fase da minha atuação como professora na UFU, foi no projeto de ensino realizado no projeto social LAR (Lares de Amparo e Promoção Humana). Esse projeto, que já foi extinto na cidade, tinha o objetivo de atingir a pessoas por meio de ações educativas, culturais e formação de jovens para o mercado de trabalho. Esse projeto foi o espaço da realização de várias atividades musicais na disciplina Prática de Ensino, com aulas de musicalização e de canto coletivo.

Contudo, acho que o projeto de extensão e de ensino mais longevo que participei, cerca de sete anos, foi o já mencionado “Coral do AFRID” (ver figuras 19, 20 e 21). Esse projeto foi muito importante, porque abrimos campo de atuação dos alunos dos estágios com idosos, sendo que a base da formação era pensar a geração (Ribas, 2006) dos “novos velhos”, trabalhando com os alunos os estereótipos da ideia de velhice que eles apresentavam. Vale lembrar que havia a discussão do Brasil, na época, de que teríamos muito rapidamente uma população de idosos maior do que a de crianças, e a educação musical poderia ter um papel importante, pois a precocidade era, e diria que ainda é, um aspecto importante quando se pensa no ensino-aprendizagem de música.

Figura 19 - Apresentação do “Coral do AFRID” na sala Camargo Guarnieri, no Curso de Música, da UFU



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 20 - Preparação do “Coral do AFRID” para apresentação na Semana do Idoso, promovida pelo Curso de Educação Física da UFU



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 21 - Apresentação do “Coral do AFRID” na Semana do Idoso.



Fonte: Acervo pessoal.

3.3.1.2 Coordenação do PIBID e da Residência Pedagógica (RP)

Na minha atuação como professora no Curso, considero que um dos pontos importantes tenha sido a coordenação do “Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência” (PIBID)²⁷ no Curso de Música. Esse programa teve início no curso em 2011, sob a coordenação da professora Maria Cristina Lemes de S. Costa. Eu assumi a coordenação em 2014 até início de 2020, quando o relatório final foi elaborado em decorrência ao término do edital no qual estávamos inscritos, coincidindo com o início da pandemia de Covid-19²⁸. Desdobrei-me ao coordenar de 2018 a 2020 (18 meses) o PIBID e a Residência Pedagógica (RP)²⁹, a qual, por sua vez, foi implementada no Curso de Música no ano de 2018.

²⁷ O PIBID é um programa e uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC), gerenciada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que visa incentivar a formação de professores para a educação básica, sendo criado em 2007 e implementado a partir de 2008. No último edital que participamos o PIBID era destinado para alunos que estivessem matriculados até a metade do curso de licenciatura. Os alunos eram orientados por um/a docente da escola de educação básica das redes públicas de ensino que integra o projeto institucional, denominado de supervisor, que tinha o docente da escola, responsável por acompanhar e supervisionar as atividades dos bolsistas de iniciação à docência (ver <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>).

²⁸ Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2.

²⁹ O Programa de Residência Pedagógica (RP) também é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que tem “por finalidade fomentar projetos institucionais de residência pedagógica implementados por Instituições de Ensino Superior, contribuindo para o aperfeiçoamento da

Durante os anos em que estive na coordenação, trabalhamos com a educação infantil (Escola de Educação Infantil Maria Pacheco Rezende), com escolas de ensino fundamental 1 (Escola Municipal Mário Alves de Araújo Silva e Escola Municipal Valdemar Firmino de Oliveira), de ensino fundamental 2 (Escola Estadual Hercília Martins Rezende) e de ensino médio (Escola Estadual Ederlindo Lannes Bernardes). É importante destacar que, somente na escola Mário Alves de Araújo Silva tivemos uma professora supervisora com formação específica em Música, Karla Beatriz Soares de Souza, a única que atuava na educação básica na cidade de Uberlândia, ministrando aulas de música na época. Os demais professores supervisores ou eram pedagogos, ou eram professores de Artes Visuais. Tal cenário é mais um indicativo do quanto havia pouco interesse dos nossos egressos da licenciatura em Música pela escola de educação básica como espaço de atuação.

Coordenava várias atividades: observações do espaço escolar, atividades musicais realizadas na escola, atividades de formação pedagógico-musical (figuras 22 e 23), oficinas de escrita (elaboração de relatórios, sínteses de textos), de preparação de material didático (Figura 24), de escrita de trabalhos para apresentação em congressos e o Palco PIBID³⁰ (Figura 25).

Figura 22 - Atividade do PIBID na educação infantil



Fonte: Acervo pessoal.

formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura”. Esse programa era destinado **aos** alunos que estivessem cursando a 2^a metade dos cursos licenciatura (Os alunos eram orientados por um preceptor, que era um professor da escola de educação básica responsável por acompanhar e orientar os residentes nas atividades desenvolvidas na escola-campo ver <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programas-encerrados/programa-residencia-pedagogica>).

³⁰ “Palco PIBID” era o nome de uma atividade realizada pelo PIBID/Música desde que o programa foi instaurado no Curso de Música. Consistia em performances de pibidianos e alunos da escola em apresentações musicais na escola.

Figura 23 - Crianças da educação infantil cantando coletivamente



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 24 - Preparação de material didático (construção de instrumentos com cano de PVC) para realização de atividades do PIBID



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 25 - Grupo de pibidianos no pátio em apresentação no “Palco PIBID”, na Escola Municipal Valdemar Firmino de Oliveira



Fonte: Acervo pessoal.

Quando se trata de Residência Pedagógica (RP), a condição era ter um orientador do componente específico. Então, nos anos 2018 e 2019, já tínhamos outros dois professores de Música na escola: um que já era ex-pibidiano, professor Felipe Barreto de Araújo, e que atuava na Escola Estadual Ângela Teixeira da Silva; e a professora Ruth de Sousa Ferreira Silva, que ministrava aulas na Escola Municipal Afrânio Rodrigues da Cunha, no bairro Jardim Brasília. Ambos os professores acolheram os projetos realizados por residentes do Curso de Música no ensino fundamental 2. Nessas escolas foram realizados vários projetos (Figura 26), inclusive algumas atividades envolvendo professores.

Figura 26 - Atividade da Residência Pedagógica no pátio da “Escola Estadual Ângela Teixeira da Silva”



Fonte: Acervo pessoal.

Os anos de coordenação desses projetos em escolas da cidade de Uberlândia foram não apenas de muito trabalho, mas também de muito aprendizado. Além das experiências vividas no chão da escola toda semana, acompanhando os alunos, também foi intenso o contato com os alunos do curso em reuniões semanais, preparação dos planos de atividades, ações na escola e elaboração dos relatórios semestrais e anuais (ver figuras 27 e 28). Os planos e as atividades que, geralmente, eram elaborados e realizadas coletivamente, também eram expostos nos relatórios reflexivos.

Da minha parte, era fundamental instrumentalizar o olhar dos alunos para a observação, bem como orientar a elaboração de estratégias para a escrita dos relatórios individuais acerca das atividades realizadas. O PIBID, além de “levar os alunos para escola”, também tinha como objetivo desenvolver o processo da escrita, da leitura e da reflexão sobre o fazer pedagógico, ações que fizeram parte do processo de construção de práticas educativo-musicais vividas e experienciadas na escola pelos licenciandos em Música.

Figura 27 - Uma das reuniões do Grupo de estudos dos pibidianos e supervisores do Curso de Música, reunião na UFU



Acervo pessoal.

Figura 28 - Uma das reuniões de estudos semanais com os pibidianos da Escola Municipal Valdemar Firmino de Oliveira, com a supervisora



Fonte: Acervo pessoal.

A escrita e a apresentação de trabalhos em congressos e seminários sobre as atividades realizadas pelos bolsistas nas escolas também foram ações importantes na formação dos pibidianos e alunos da RP. Apesar de não ter um número muito exato, por consultas a

materiais da época, chegou-se a cerca de 50 bolsistas que passaram pelo PIBID e 9 pela Residência Pedagógica (Gonçalves; Souza; Silva, 2019).

A Residência Pedagógica foi realizada em apenas um edital, mas o PIBID foi de 2011 a 2020. Por isso, eu, professora Maria Cristina Lemes de S. Costa e Renata Ribeiro Silva (ex-pibidiana) realizamos, em 2019, um estudo a partir de um questionário aplicado a 22 pibidianos do Curso de Graduação em Música – Licenciatura. O objetivo desse estudo era refletir sobre a participação deles nesses programas, em especial no PIBID. Um dos bons saldo dessa participação foi que, aos poucos, alguns alunos passaram a enxergar a escola como um espaço de atuação. Hoje, ainda que lentamente, vemos alguns ex-alunos, muitos ex-pibidianos, participando de concursos para atuarem como professores nas redes estadual e municipal. Também já temos alguns professores atuando na educação básica e que já recebem estagiários do Curso de Música em suas salas de aula.

Portanto, o PIBID foi um programa muito importante para a formação de professores de Música. Uberlândia é uma cidade que, em um raio de no máximo 130 km, conta com 4 conservatórios estaduais de música (Araguari, Ituiutaba, Uberaba, Uberlândia), que são espaços dedicados ao ensino específico de música, com turmas coletivas compostas por cerca de 20 alunos, além de aulas de instrumentos com número menor de alunos. Enfim, são espaços de atuação cobiçados pelos alunos do curso de Música.

Se esse espaço, por um lado, era tão almejado pelos alunos, a escola de educação básica, por outro, na grande maioria das vezes, não estava na mira dos alunos de Licenciatura em Música como espaço de atuação profissional. Nos estágios, essa perspectiva era visível, pois eles evitavam sempre que podiam o espaço da escola como uma possibilidade de atuação.

Concluímos que, a partir de intervenções desse programa, “os pibidianos enxergaram não só possibilidades de pensarem e agirem com a música na escola, mas também experimentaram ações pedagógicas com intuito de organizarem atividades musicais nesse espaço”. Uma contribuição importante apontada foi “a possibilidade de refletirem sobre a posição da música enquanto campo de conhecimento na escola”, isso porque “passaram a perceber a escola não só como um espaço legítimo de atuação”, mas também como “um espaço que pode ser bastante democrático no sentido de ampliar o acesso ao conhecimento musical mais especializado para um número cada vez maior de crianças” (Gonçalves; Costa; Silva, 2019, p. 15).

3.3.2 Pós-Graduação - Mestrado em Artes e Mestrado em Música

Minha primeira experiência como professora na pós-graduação se deu nos anos de 2000 e 2001, quando o Curso de Graduação em Música propôs um Curso de Especialização *lato sensu* intitulado “Curso de Especialização em música do século XX”. Nessa ocasião ministrei duas disciplinas (Tópicos em percepção musical, Tópicos em Psicologia da Música, além da orientação/elaboração de projeto de pesquisa).

A partir daí, voltaria para a pós-graduação, mas já em um curso *stricto sensu*, em 2009, quando foi criado o Mestrado em Artes pelos cursos de graduação do Instituto de Artes (IARTE) da UFU. Atuei no Mestrado em Artes desde a primeira turma, em 2009, até o seu desmembramento em 2014, quando se dividiu em Mestrado em Artes, Mestrado em Teatro e Mestrado em Música. A partir de 2015, minha atuação na pós-graduação se deu somente no Mestrado em Música.

Ainda no doutorado, fui contactada para fazer parte do corpo docente do curso que estava sendo pensado para a criação da Pós-Graduação em Artes. Fiquei muito feliz, porque a pesquisa foi uma frente de formação e de atuação na qual tive muito interesse. Portanto, desde a primeira turma do Mestrado em Artes, atuei ministrando disciplinas como Pesquisa em Artes (dividindo sua regência com professores das artes visuais: Beatriz Rauscher e Marco Antônio Pasqualini de Andrade; e do teatro: Narciso Telles e Irlei Machado). Foram anos ricos, pois ministrar essa disciplina coletivamente com professores das três áreas artísticas possibilitou um diálogo profícuo e um aprendizado coletivo, sobretudo pela partilha de teorias de pesquisa entre os campos artísticos. Essa parceria foi importante para ampliar o meu olhar como docente e, claro, também como pesquisadora.

A partir de 2015, portanto, a minha atuação ficou restrita ao campo da música e, mais especificamente, à linha de pedagogias da música. Atuei, algumas vezes, em disciplinas como Pesquisa em Música, além de outras, como: Tópicos especiais em Pesquisa em educação musical, Fundamentos da Educação musical e Orientação de Pesquisa (Apêndice C).

Também atuei e ainda atuo orientando alunos de “Estágio Docência”, obrigatório e/ou optativo, para bolsistas de agências como CAPES, CNPq e FAPEMIG. Esse é mais um momento de formação dos pós-graduandos, mas agora com o objetivo de prepará-los para atuarem no ensino superior. Nesses estágios, os alunos propõem atividades em disciplinas que atuo na graduação e, no dia a dia, discuto com eles as ações pedagógicas e decisões tomadas por mim ao longo do semestre. Por fim, os alunos fazem um relatório das atividades, que é submetido e aprovado pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Música (PPGMU).

3.4 Atividades de gestão pedagógica

Quando se trata de atividades de gestão, ainda não atuei como coordenadora de curso, nem da graduação e nem da pós-graduação. No entanto, ao longo dos anos, estive em várias gestões no Colegiado do Curso de Graduação em Música, incluindo o Colegiado do Mestrado em Música, quando estive desde 2015 até 2021, sendo que retorno em maio de 2024.

Acho que minha maior contribuição em atividades de gestão pedagógica se deu ao longo dos anos no Núcleo Docente Estruturante (NDE)³¹, do qual faço parte desde a sua criação na UFU em 2010, sendo que fui presidente desse grupo por alguns anos. Estive fora do NDE apenas de abril de 2023 a março de 2024, ano em que estive afastada para o pós-doutorado.

Durante os mais de 10 anos no NDE, participei da discussão do currículo implementado em 2018, inclusive quando foi criado o “Percurso de formação específica” de música popular, um objetivo já antigo do Curso de Música. No NDE, fizemos várias discussões com os docentes do curso, estudamos a legislação tanto do MEC quanto da UFU para formação de professores e coordenamos os debates com os colegas para organização curricular, enfatizando sobre quais bases o novo currículo seria construído. Conduzimos a avaliação do currículo antigo para a proposição do novo com alunos/as do curso e, também, egressos. Era a coordenadora do NDE quando foi aprovado o PPC vigente do Curso de Música da UFU, em 2018.

Novamente, estamos vivendo um outro processo de reformulação curricular, tendo que nos adaptar à legislação, agora, em específico, porque precisamos implementar a curricularização da extensão nos currículos do Curso de Música.

3.5 Atuação em trabalhos técnicos

A minha principal atuação em trabalhos técnicos relacionados a questões pedagógicas se refere à minha participação no corpo técnico no “Programa Nacional do Livro e do Material Didático” (PNLD)³². Atuei como coordenadora da área de arte, cuja atribuição era subsidiar e assessorar a “Secretaria de Educação Básica” (SEB) do MEC nos processos

³¹ A criação do Núcleo Docente Estruturante (NDE) na UFU é regida pela Resolução do CONGRAD n. 49/2010 (UFU, 2010) que instituiu o NDE em cada curso de graduação para acompanhar, consolidar e atualizar os projetos pedagógicos (ver https://prograd.ufu.br/sites/prograd.ufu.br/files/media/documento/3_resol.congrad.ufu_49-2010_ndes.pdf).

³² O PNLD consiste em uma política pública do Ministério da Educação (MEC) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) (ver <https://www.gov.br/fnde/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro>)

referentes à avaliação pedagógica do PNLD 2016, destinado aos anos iniciais do ensino fundamental.

A experiência de participar das ações do PNLD desde a elaboração do edital até a escolha das escolas e dos livros aprovados foi uma experiência intensa. Apesar das dificuldades, do trabalho sigiloso, da responsabilidade de entender esse mecanismo, o esforço de autores, editoras e avaliadores para “chegar ao melhor livro possível” e ser adotado nas escolas brasileiras é importante. Enquanto política pública, a responsabilidade de cada área com o seu campo de conhecimento e com os alunos e professores que receberão o material é algo presente durante todo o processo.

Minha atuação não foi fácil, pois, naquele momento, vivíamos no Brasil o período do *impeachment* da presidente Dilma e havia muitas forças tentando intervir nas ações da comissão técnica. Sem dúvida, a participação nesse processo permitiu “ver de dentro” alguns processos públicos sem podermos mudar. Um exemplo foi a área da arte, que questionava a organização do livro em quatro modalidades artísticas, mas o MEC não tinha disponibilidade de recursos e só poderia aprovar o livro de arte (com todas as modalidades) em apenas um volume, com um número máximo de páginas.

Enfim, precisava realizar a atividade a que fui nomeada, mas não tinha abertura para mudar algo no processo. Apesar das dificuldades, como uma pessoa que se interessava por livros e que também, desde a década de 1990, passou a estudá-los, essa atuação, juntamente com representantes das várias disciplinas do currículo, foi uma experiência única no sentido de compreender como as políticas públicas são, podem ser implementadas e como elas são efetivadas no dia a dia.

4 TORNANDO-ME PESQUISADORA: A CONSTRUÇÃO DA MINHA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO NA PESQUISA

4.1 A formação na/para a pesquisa

4.1.1 Os primeiros passos e interesses

Considero que o meu despertar para a pesquisa aconteceu no Curso de Graduação em Música. Não havia no currículo a escrita de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), lembrando que, na época, no final da década de 1980 (1985-1989), em Uberlândia, os primeiros mestres e os primeiros professores estavam em afastamento para o mestrado e doutorado. Então, a pesquisa era algo muito longe da realidade de nós, alunos, não se falava em pesquisa nem na pós-graduação na/para a graduação. Para os professores, a necessidade da formação já estava à vista, mas não era algo que chegava até nós, alunos, pelo menos eu não via e não sabia muito sobre essa possibilidade.

Tivemos no início do Curso de Música uma disciplina, no primeiro período, chamada “Métodos e Técnicas de Pesquisa 1 e 2” (MTP). Era oferecida pelo curso de filosofia, pelo professor Cícero José Alves Soares Neto, que tinha concluído seu mestrado em Sociologia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e recém tinha ingressado como professor na UFU. Essa disciplina foi impactante, porque tinha um trabalho final que era a entrega de um projeto de pesquisa - um trabalho que tinha um vocabulário difícil para mim: objeto, objetivos, justificativa, metodologia, dentre outros termos, além do pensamento envolvido na organização dessas ideias, algo longe da minha formação anterior. Apesar da obrigatoriedade da entrega e da escrita do projeto, recordo-me que o foco do professor da disciplina era apresentar leituras e discussões sobre o pensamento de alguns autores, como Marx e Engels, Paulo Freire, Neidson Rodrigues³³, entre outros.

Posteriormente, a professora Maria Amélia Peixoto Silva teria a iniciativa de solicitar um trabalho final com tema escolhido pelo aluno para avaliação da disciplina de Estágio Supervisionado. Sabendo dessa atividade, passávamos o curso pensando em qual temática

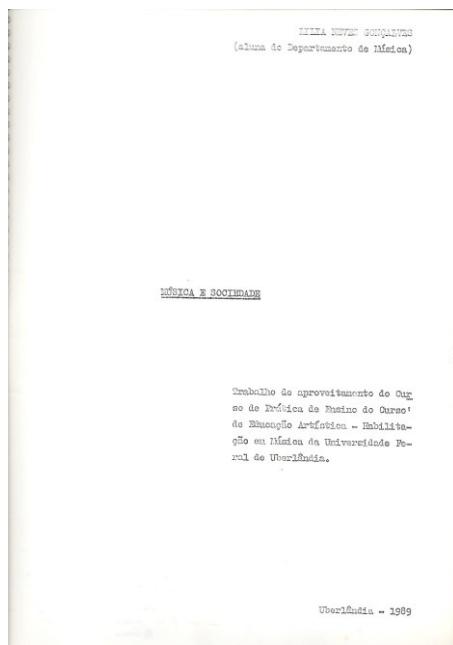
³³ Neidson Rodrigues faleceu em 2003. Foi um professor com intensa carreira acadêmica, principalmente, na UFMG, mas também em outras instituições de ensino superior. Escreveu vários livros, foi presidente da ANPED. Participou de inúmeras atividades relacionadas a políticas públicas da educação, foi Secretário de Estado da Educação do estado de Minas Gerais, lutando por perspectivas democráticas de atuação da comunidade da educação no estado de Minas Gerais (Dalben; Oliveira; Vilela, 2003).

escolher, já que o trabalho não necessariamente tinha de estar relacionado com as atividades realizadas no estágio. Foi nesse trabalho que tive a clareza de que eu podia pensar, escrever e produzir algo que tinha a ver com o meu interesse, com as minhas inquietações.

Desde o ensino médio, interessava-me por história e esse interesse foi perpassando a minha formação no ensino médio, no Conservatório, no Curso de Graduação em Música. Portanto, no momento da escolha do tema deste trabalho, meu olhar estava voltado para a história da música, principalmente porque tinha lido alguns textos relacionados com a indústria cultural e sociedade. O texto “O fetichismo na música e a regressão da audição”³⁴, de Theodor W. Adorno³⁵, me deixou com vontade de conhecer mais sobre o assunto, por exemplo.

Foi no âmbito dessas reflexões que me propus a refletir sobre a relação entre música e sociedade. Nas minhas primeiras ideias, quem impactou quem? A música é impactada pela sociedade ou a sociedade é impactada pela música? (Gonçalves, 1989). Sem orientações, propus-me a considerar, a partir do livro “A história social da música”, de Henry Raynor, (1986), características que para mim conectavam a música e/ou as práticas musicais a fatos históricos (Figura 29).

Figura 29 - Capa do meu trabalho de conclusão de Curso: “Música e sociedade” (1989)



Fonte: Acervo pessoal.

³⁴ ADORNO, Theodor. Fetichismo na música e regressão na audição. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

³⁵ Theodor W. Adorno foi um filósofo, sociólogo, musicólogo e compositor alemão. É um dos expoentes da chamada Escola de Frankfurt, juntamente com Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas, entre outros (https://pt.wikipedia.org/wiki/Theodor_W._Adorno)

Pensar na pesquisa ou buscar a pesquisa como um lugar de formação veio, principalmente, quando me dei conta de que, mesmo terminando o curso de música, eu ainda tinha muitas dúvidas. Esse foi um dos momentos em que me lembro de dar conta da infinitude do conhecimento musical e pedagógico-musical. Aulas como as de metodologia do ensino da música, de pedagogia do piano, que tinham uma vocação ligada às explicações “mais científicas” dos processos de ensino-aprendizagem musicais, ou visões mais racionais e explicativas da técnica pianística, por exemplo, abriram janelas que ficaram abertas, mas que ainda me davam poucas respostas.

Essas “janelas abertas” deram o impulso fundamental ao meu desejo de continuar os estudos. Ao acreditar que poderia aprender muito mais, já que havia mais dúvidas do que certezas, dediquei-me à preparação para o mestrado, certeza que tive apenas no final do Curso de Graduação em Música.

4.1.2 Formação na pós-graduação

Mestrado

No final de 1990, candidatei-me ao curso de Pós-Graduação em Música da UFRGS - Mestrado em Música, no qual ingressei em 1991. Candidatei-me na subárea da educação musical, mas por exclusão do que por convicção temática, já que não era obrigatório apresentar um projeto de pesquisa na seleção. O projeto era construído durante o primeiro ano do curso que, na época, era realizado em três anos.

Com interesses em temáticas como música e sociedade, a “escuta-apreciação musical na sociedade”, tive alguma dificuldade de chegar ao tema da dissertação de mestrado. Um dia, em conversas com um professor do curso, ele me fez a seguinte pergunta: “O que se sabe sobre os conservatórios estaduais mineiros?”. Os conservatórios estaduais mineiros já instigavam algumas indagações, porque eles já compunham, na época, uma rede de 12 conservatórios mantidos pelo governo estadual de Minas Gerais.

O mestrado foi um período intenso e um mundo totalmente novo em meio a muitas leituras em outras línguas, principalmente em inglês, discussões novas e estudos da literatura do campo da educação musical. Esse ambiente de produção de conhecimento me levou para outra dimensão do estudo, da reflexão, do lugar que eu sentia que poderia ocupar: um lugar em que se ia para além de “consumir conhecimento”, ou seja, eu também podia pensar, produzir conhecimento.

No mestrado, fui me dando conta da dimensão do fazer ciência durante o curso, nas muitas disciplinas cursadas, como as de pesquisa, nas relacionadas com fundamentos da educação musical, com os conteúdos que destacavam aspectos cognitivos do desenvolvimento musical, com as aulas instrumento (os alunos da área da concentração da educação musical também realizavam recitais) que traziam outras formas de pensar a performance musical (reflexões que eu ainda não tinha vivido na experiência de tocar um instrumento) e, também, com resultados de pesquisas sobre o ensino e a aprendizagem de música.

É nesse contexto, portanto, que volto a minha atenção para o tema “conservatórios estaduais mineiros” e a professora Dra. Maria Elizabeth Lucas passou a ser minha orientadora. Essa professora foi muito importante para a minha formação, porque sua experiência metodológica e epistemológica nos campos da musicologia e da etnomusicologia foi importante, pois precisava desenvolver a organização do pensamento sistemático da pesquisa, além da expressão escrita, um importante elemento para uma pesquisadora iniciante.

Depois de muitas idas e vindas, um processo comum na construção de um objeto de pesquisa, foquei o estudo sobre a criação e as concepções pedagógico-musicais dos conservatórios estaduais mineiros na década de 1950. O objetivo desse trabalho foi “historiar a iniciativa e o processo de criação e institucionalização dos conservatórios estaduais mineiros ocorrido na década de 1950, bem como as concepções pedagógico-musicais do ensino de música ministrado nestas escolas na época” (Gonçalves, 1993, p. vi).

Mesmo os meios acadêmicos reconhecendo a importância dessas escolas de música na formação musical das regiões onde elas estavam sediadas, pouco se conhecia sobre os fatores que levaram à sua criação, bem como os aspectos envolvidos e os objetivos explícitos e/ou implícitos do Estado ao criá-las. Essa pesquisa partiu da hipótese de que a estruturação e implementação do ensino de música nessas escolas estaria ligada a uma concepção musical herdeira das propostas educativas empreendidas por Villa-Lobos durante o Governo Vargas (1930-1945). Foi um trabalho realizado em arquivos, como Arquivo Público Mineiro, Biblioteca da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, Biblioteca Pública de Belo Horizonte (Coleção Mineiriana), além de arquivos de alguns conservatórios estaduais (São João Del Rei, Uberaba, Uberlândia, Juiz de Fora, Diamantina). Também foram realizadas entrevistas com alunos e/ou professores envolvidos com alguns conservatórios na época. Importante lembrar que não havia material digitalizado, logo, a consulta era feita manualmente.

Esse trabalho concluiu que havia a relação entre os ideais do canto orfeônico e a criação dessas escolas de música, quando o governo mineiro na época, Juscelino Kubitschek, se propôs a “formar professores de música, cantores e instrumentistas, bem como desenvolver

a cultura artístico-musical do povo” a partir da realização de “exercícios práticos, audições e concertos de professores, nos quais sejam executadas as mais seletas composições musicais antigas e modernas, de autores nacionais e estrangeiros” (Minas Gerais, 1951, p. 1).

Constatou-se que fatores econômicos, político-culturais e pedagógicos estiveram envolvidos na criação dos conservatórios. Ao examinar aspectos do ensino ministrado nessas escolas e das relações desse ensino com outras demandas da educação no estado, percebeu-se a conexão com a necessidade de preparar professores de música que atuariam nas cadeiras de Música e Orfeão das escolas oficiais do estado. Apesar de não haver claramente um projeto pedagógico para o ensino de música nessas escolas, pôde-se afirmar que a formação no instrumento estava associada ao ensino de tradição voltado para questões técnicas, com foco no repertório musical europeu de cada instrumento.

Sem dúvida, o mestrado teve um impacto na minha formação como pesquisadora. A pesquisa como instrumento do exercício do pensamento e da produção de conhecimento foi muito importante em vários aspectos. Como professora, estive atenta sobre como aprendo, como os outros aprendem, porque um aprende com mais facilidade do que outros, quais estratégias poderiam resolver e facilitar o processo de aprendizagem. O mestrado foi esse momento de aprender ler em outra língua, conhecer a educação musical como campo de conhecimento e adquirir ferramentas como a escrita para conseguir realizar essas atividades acadêmicas.

Sair de Ituiutaba para Porto Alegre, aos 23 anos, morar em pensionato, clima muito diferente, voltando para casa somente nas férias, em um mundo totalmente desconhecido em todos os sentidos, não foi fácil. No entanto, os três anos de curso vão pavimentar muito minha formação para uma atuação no ensino e na pesquisa na universidade.

Doutorado

Enquanto o mestrado foi cursado (1991-1993) logo após o término da graduação em Música (1985-1990), ingressei no doutorado somente nove anos após já atuar como professora no Curso de Música, de 2003 a 2007. Enquanto a formação no mestrado foi fundamental para dar os primeiros passos na minha atuação como pesquisadora e professora na universidade, a formação no doutorado teve um papel importante, porque, após terminar o curso em 2007, ingressei no corpo docente da primeira turma do Mestrado em Artes, em 2009.

O doutorado foi um período de discussões profícias sobre a pesquisa em Música, metodologias da pesquisa em Música, em disciplinas como Epistemologia da Pesquisa em Música, Pesquisa em Música e Música, cultura e sociedade, ministradas pela professora Maria Elizabeth Lucas, assim como a disciplina Sociologia da Educação Musical, ministrada pela professora Jusamara Souza. Além dessa formação, novamente, voltei a ter aulas de órgão, como disciplina optativa. Se a relação com a pesquisa em música novamente me moveu nas minhas reflexões, o doutorado foi um momento de convivência nos grupos de pesquisa, principalmente com o grupo “Educação Musical e Cotidiano” (EMCO), quando foram estabelecidas bases para pavimentar um caminho de produções de conhecimento coletivas.

Considero que foi no doutorado que passei a ter uma formação mais sistemática no que se refere à discussão sobre a educação musical como campo do conhecimento e sobre a perspectiva social da música e da educação musical. Foi quando também passei a ter contato com as teorias sociológicas da educação musical sob a ótica do cotidiano (Souza 1996a, 1996b, 1998, 2000a). Aquelas minhas dúvidas e interesses tímidos desde a graduação sobre ensino e aprendizagem musicais encontraram ressonância e aprofundamento a partir das orientações da professora Jusamara Souza. As leituras e as discussões tiveram papel importante na construção de um olhar epistemológico para educação musical como prática social (Souza, 2004) e como campo de conhecimento (Souza 2000b; 2020).

Foi na perspectiva social que construí a minha tese de doutorado, intitulada “Educação musical e sociabilidade: um estudo em espaços de ensinar/aprender música em Uberlândia - MG nas décadas de 1940 a 1960” (Gonçalves, 2007). Esse trabalho se propôs a compreender como se constituía e estava constituída uma sociabilidade pedagógico-musical em espaços de ensinar/aprender música (a Banda Municipal de Música, a aula particular de música, a escola, o Conjunto Orquestral do Liceu, a Banda Lira Feminina Uberlandense e o Conservatório Musical de Uberlândia), em Uberlândia, nos anos de 1940 a 1970, a partir das seguintes perguntas: Em que espaços se aprendia/ensinava música na cidade? Como se aprendia/ensinava música nesses espaços? Como se dava a interação pedagógico-musical? Como esses espaços estavam constituídos enquanto lugar de se ensinar/aprender música? Que ideias, paixões, gostos estavam subjacentes às práticas, ou jeitos de se ensinar/aprender música nesses espaços?

O método de pesquisa utilizado foi o da História Oral³⁶ e foram adotados três tipos de fontes: iconográficas, escritas e orais. Como fontes iconográficas estão fotos, objetos – uniformes, instrumentos de participantes da pesquisa, bem como imagens levantadas em jornais, no Arquivo Municipal de Uberlândia e em acervos particulares de participantes da pesquisa. Como fontes escritas, consta um acervo de mais de 605 artigos de jornais que circularam em Uberlândia, de 1940 a 1970, os quais, de alguma forma, tratavam de aspectos sobre a música na cidade e que foram importantes para a construção do quadro empírico relacionado ao ensino-aprendizagem de música na cidade nessa época. Por último, foram levantados 40 relatos orais (39 entrevistas individuais e 1 coletiva com pessoas que aprenderam e/ou ensinaram música em Uberlândia nesse período) transcritos e que compuseram um arquivo em *word* de cerca de 1400 páginas.

A sociabilidade, além de ser um tema estudado em campos do conhecimento variados, também aparece ligada

à problemática do cotidiano, de situações e acontecimentos que não estão necessariamente ligados à análise das grandes questões estruturais. A sociabilidade é tida como um território em que se lida com as interações, com as redes de interações, ou seja, como, na vida cotidiana, as pessoas se relacionam em seus grupos sociais (Gonçalves, 2007, p. 22).

É com base em teóricos que tratam da sociabilidade (Riedel, 1964, Simmel 1983a e 1983b; Bozon, 1984, 2000; Waibort, 2000; Velho, 2001) que foi construído o referencial teórico da tese e a partir do material empírico levantado.

Os relatos orais permitiram entrar no cotidiano da aula de música e compreender meandros da prática pedagógico-musical nos “jeitos” de ensinar/aprender música, nos conteúdos, no repertório e no tipo de interação no qual cada agente estava envolvido: seja quando se ensinava/aprendia, seja quando se tocava em conjunto ou individualmente, ou quando se apresentava na cidade ou fora dela. Considerando que cada espaço se organizava em torno de determinadas práticas pedagógico-musicais, ideias, valores, gostos, é possível afirmar que cada um deles tinha uma produção e divulgação pedagógico-musical que mantinha suas especificidades. Cada espaço onde se aprendia e se ensinava na cidade se constituía em um grupo social com suas regras, valores, crenças, gostos, que, por sua vez,

³⁶ Temáticas que adotam a História Oral como método têm como ênfase os fenômenos e eventos que permitem, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. Para isso, conta com métodos e técnicas precisas, em que a constituição de fontes e arquivos orais desempenha um papel importante. Dessa forma, a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais (Lozano, 1998, p. 16).

compreendia tipos diferentes de sociabilidades. Esses tipos de sociabilidade tinham como base interações diversas, conteúdos e formas de organização das relações entre os agentes que participavam desses espaços. Essas formas de organização das relações estabelecidas nesses espaços de ensino/aprendizagem de música se constituíam em estratégias de aproximação e distanciamento entre os vários agentes envolvidos na formação musical da cidade. Portanto, cada espaço de ensino-aprendizagem de música se organizava em torno de práticas manifestadas “socialmente referenciadas” (Simmel, 1983a, 1983b) ou não.

Tanto a tese quanto a formação durante o doutorado deram base para a continuidade da minha atuação como orientadora e professora das disciplinas Pesquisa em Música no curso de Graduação em Música, Pesquisa em Artes (durante os anos de 2009-2014) e, a partir de 2015, da “Pesquisa em Música”, quando foi criado o Mestrado em Música.

Pós-doutorado

O pós-doutorado foi realizado em outro momento, já recentemente, entre abril de 2023 e março de 2024. O projeto estava relacionado com a tese de doutorado e se propôs a pensar na sociabilidade, mais especificamente na sociabilidade pedagógico-musical como categoria de análise da educação musical como prática social. O projeto esteve vinculado à linha de pesquisa “Práticas educacionais e socioculturais em música”, do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, também sob a supervisão da professora Jusamara Souza.

Com muitas dúvidas e ainda com discussões que colocavam em questão a sociabilidade pedagógico-musical não apenas como conceito, mas também como categoria de análise social do ensino-aprendizagem de música enquanto prática social, a noção de sociabilidade, pensada ainda no doutorado, constituiu-se como um momento importante. Isso porque, no início dos anos 2000, embora não houvesse dúvidas de que a educação musical era uma prática social, ainda se fazia necessário tratar e demonstrar empiricamente de que maneira a educação musical se constituía como tal. Essa proposta passava por dar continuidade às análises da educação musical enquanto processo de transmissão e apropriação musical, considerando as relações que as pessoas estabelecem entre si e/ou com a música, e as práticas pedagógico-musicais imersas em contextos sociais diversos (escola, aula particular, escolas de música, família, grupos musicais, dentre outros).

Além da realização de várias leituras sobre sociabilidade e de como esse conceito foi utilizado em estudos da área da música e da educação musical, as ideias de Simmel (1983a, 1983b) sobre sociabilidade continuaram em foco. No entanto, apesar de Simmel ter sido um

autor importante para fundamentar as reflexões sobre sociabilidade desde a tese, considero que o mais pertinente seria continuar pensando a sociabilidade a partir das suas ideias somente na perspectiva dos usos do conceito. O pensamento relacional de Simmel na construção da ideia de sociabilidade foi e ainda é importante para entender os muitos aspectos envolvidos na sociabilidade, inclusive no que se refere à formação e organização dos grupos sociais.

É no emaranhado dessas construções teóricas que aos poucos vamos encontrando possibilidades analíticas da música e da educação musical como prática social (Souza, 2004), o que possibilita entender quem faz música, faz música com quem, em qual lugar. Quando se trata dos fenômenos de sociabilidade nas práticas musicais, Bozon (1984, p. 13) afirma que os fenômenos de sociabilidade apresentam “um ponto de vista estratégico” para entender como as relações com a música se apresentam nos variados grupos sociais: quem faz/pratica música, com quem, porque faz, quando fazem e como essas relações com a música se interpenetram nas ações dos membros dos grupos sociais nos quais as práticas pedagógico-musicais estão presentes.

Com esse pensamento, ao analisar a sociabilidade pedagógico-musical em Uberlândia, no período de 1940 a 1970, observa-se que cada espaço de ensino-aprendizagem na cidade se constituiu como um grupo social, com suas próprias regras, valores, crenças e gostos. Esses grupos, por sua vez, com suas regras, valores, crenças e gostos, compreendiam diferentes tipos de sociabilidades, fundamentadas em interações diversas, conteúdos específicos e formas próprias de organização das relações entre os agentes que participavam desses espaços, envolvendo estratégias de aproximação e afastamento entre os vários agentes envolvidos na formação musical na cidade.

No pós-doutorado, tratei de uma reflexão conceitual, o que fortaleceu as minhas concepções sobre educação musical como prática social e, também, a linha de orientação de pesquisa que tenho seguido desde a conclusão do doutorado.

4.2 A atuação na formação de pesquisadores

4.2.1 No Curso de Graduação em Música

Como mencionado anteriormente, desde que iniciei como professora no curso de Música, em 1994, fui instigada pela professora Marta Tupinambá Ulhôa a orientar trabalhos de conclusão de curso.

Organizo a minha atuação na pesquisa, nos currículos da Graduação em Música, em duas frentes principais: nas disciplinas de pesquisa (Metodologia Científica 2, Pesquisa em Música 1 e 2, Introdução à Pesquisa em Música) e nas orientações (de trabalhos de conclusão de curso e de iniciação científica)

Nas disciplinas de pesquisa em Música

A primeira disciplina de pesquisa que atuei foi Metodologia Técnicas de Pesquisa 2 (MTP), que passou a ser oferecida pelo Curso de Música, em 1998. A partir dessa data, passei a ministrar essa disciplina alternando com outras colegas até a minha ida para o doutorado. Após a volta do doutorado, atuei praticamente todos os semestres nas disciplinas de Pesquisa em música 1 e 2, que eram coletivas, e na Pesquisa em música 3 (obrigatória) e Pesquisa em música 4 (optativa), que eram individuais. Enquanto a primeira tinha o objetivo de preparar o projeto de pesquisa, que era apresentado para uma banca de professores no final do semestre, a segunda era o “projeto em ação”, quando os alunos se dedicavam ao levantamento de dados das suas respectivas pesquisas. Já nas duas individuais, os alunos eram matriculados sob a orientação de um professor. No currículo atual, que entrou em vigor em 2018, a disciplina coletiva é “Introdução à pesquisa em música” e os alunos elaboram o projeto de pesquisa diretamente com o orientador na disciplina Pesquisa em Música 1, dando sequência às Pesquisas 2 e 3.

As disciplinas coletivas de pesquisa que venho me dedicando desde o final da década 1990 têm sido, ao longo dos anos, a “menina dos meus olhos”. A pesquisa, sob a forma de trabalhos de conclusão de curso, é componente curricular obrigatório para cursos de graduação da UFU (2022)³⁷, e o curso de Graduação em Música desde a década de 1990 implementou o TCC em seus currículos. Ao longo desses anos, tenho tentado pensar e/ou elaborar uma pedagogia da pesquisa e, mais diretamente, uma pedagogia da pesquisa em Música.

Nesse processo, tenho buscado textos, atividades de leitura e de escrita, além da organização de atividades que propiciem a organização e estruturação de lógicas para

³⁷ Na UFU, “o trabalho de conclusão de curso é um componente curricular orientado em que se investiga um tema específico, de modo sistemático, não necessariamente inédito, registrado por escrito ou por meio de diferentes linguagens, de modo a revelar revisão bibliográfica, reflexão, interpretação e rigor técnico-científico e artístico, quando couber” (UFU, 2022, p. 4).

entender os caminhos da pesquisa. Assim, os alunos podem construir um pensamento em que enxerguem a música como um campo de conhecimento, a partir dos seus temas de interesse.

Por estar à frente da disciplina Pesquisa em música, trabalhando com a elaboração dos projetos com os alunos, tivemos durante bastante tempo a “Equipe de pesquisa” do curso e da qual fui coordenadora. Como coordenadora, auxiliava os alunos ao direcioná-los para os seus respectivos orientadores, tendo em vista, principalmente, suas temáticas de pesquisa. Também organizava ao final de cada semestre letivo “seminários de pesquisa”, ocasião em que os alunos apresentavam tanto os projetos de pesquisa quanto os TCCs. Foram alguns anos à frente dessa atividade e da qual conseguia assistir todos os trabalhos. Era importante ver o desenvolvimento dos alunos e de suas pesquisas e, ao final, quando concluíam suas pesquisas sob a supervisão dos seus professores orientadores.

Essas disciplinas têm sido significantes, pois a pesquisa tem possibilitado aos alunos produzirem conhecimento, tornarem-se protagonistas e, inclusive, construírem, posteriormente, suas carreiras como pesquisadores. A pesquisa na graduação é vista, segundo Bariani (1998), como o caminho para a autonomia intelectual. O autor acredita que, por meio dela, o estudante passa a ter a possibilidade real de exercer sua criatividade, de construir um raciocínio crítico, de articular os vários conhecimentos e de se constituir em um dos caminhos para a execução de projetos interdisciplinares que também envolvem a superação da dicotomia entre teoria e prática.

Nas orientações de trabalhos de conclusão de curso

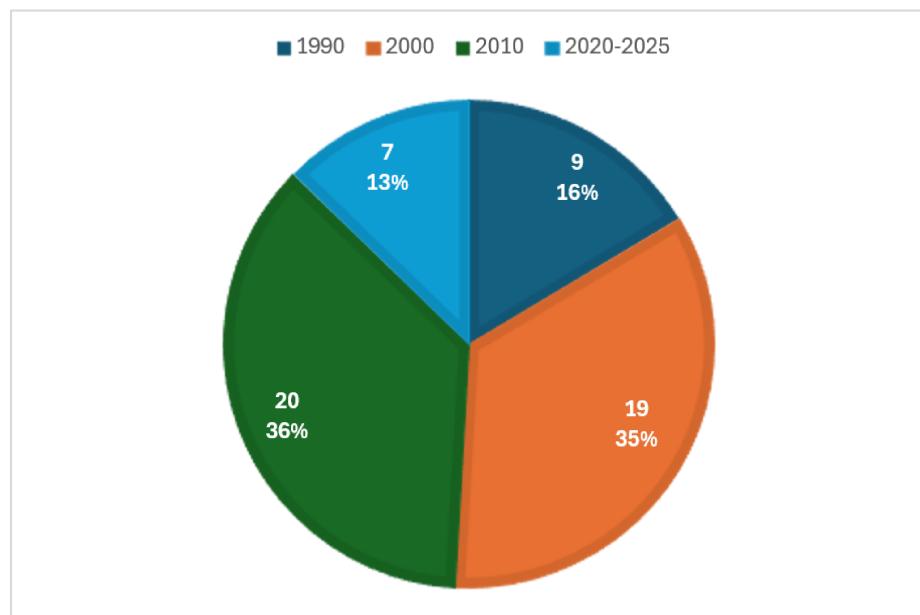
Se desde o final da década de 1998 estive, por um lado, envolvida nas disciplinas que tratam diretamente dos projetos, relatórios de pesquisa e trabalhos de conclusão de curso, por outro, desde essa época, coloquei-me à disposição para orientar os alunos em temáticas relacionadas com a educação musical - um ou outro trabalho escapa desse tema para atender ao interesse do aluno, mas busquei nessa orientação não só aprender a pesquisar para ensinar a pesquisa, mas também aprofundar os meus estudos na pesquisa ligada ao campo da educação musical.

As orientações são um espaço de construção coletiva tanto com o aluno quanto com o NEMUS, já que, inúmeras vezes, paramos nossas reuniões para falarmos e discutirmos sobre os trabalhos que orientamos, além das contribuições de cada um dos/as colegas ao longo

do tempo, durante as bancas de defesa dos projetos e de monografias dos quais fizeram parte³⁸.

A primeira orientação concluída aconteceu no meu primeiro ano como professora substituta no curso, em 1994. Ao longo do tempo, em sua grande maioria, orientei alunos do curso de licenciatura. Ao todo foram concluídos 55 trabalhos de conclusão de curso (Apêndice D) e, desses trabalhos, 9 deles foram apresentados na década de 1990, 19 na década de 2000, 20 na década 2010 e, por último, 7 foram concluídos nos anos de 2020-2025. Esses dados podem ser melhor visualizados no Gráfico 1 abaixo:

Gráfico 1 – Distribuição dos trabalhos organizados durante as décadas de atuação no Curso de Música da UFU



Fonte: Gráfico elaborado por mim.

Com temáticas variadas relacionadas ao ensino-aprendizagem de música e sobre bandas de música, em particular nas cidades da região mineira, em conservatórios estaduais e atividades músico-pedagógicas, o foco desses estudos esteve na análise de concepções de ensino de música (práticas pedagógico-musicais) em livros, programas de cursos, estrutura e funcionamento de cursos de grupo musicais. Uma temática relevante passou pelos estudos sobre o livro e material didático para o ensino de música, analisando seus conteúdos e

³⁸ Gostaria de agradecer às professoras Cintia Thais Morato, Maria Cristina Lemes de Souza Costa, Jaqueline Soares Marques, Fernanda de Assis Oliveira-Torres, ao professor José Soares de Deus pela parceria nesse processo. Além disso, não poderia deixar de destacar também a parceria das professoras Margarete Arroyo e Sonia Teresa Silva Ribeiro pela longa parceria enquanto atuavam como professoras no Curso de Graduação em Música da UFU, nesse processo. Uma homenagem àquela que também foi minha professora e colega Terezinha Araújo, que foi embora tão cedo!

levantando características do acervo de bibliotecas de escolas de educação básica, municipais e estaduais das cidades de Uberlândia e Araguari, além de experiências de aprendizagem, formação e atuação musical de músicos.

No momento, estou com duas orientações de graduação em andamento, cujos temas são procedimentos de ensino de música de mestres na “Bateria Artilharia” - bateria dos Cursos de Artes da UFU (arquitetura, artes visuais, dança, design, música, teatro), e formação e atuação de músicos de cordas friccionadas no âmbito da música popular. Outras temáticas que também foram foco dos trabalhos orientados por mim serão melhor analisadas no próximo capítulo.

Nas orientações de iniciação científica

Além das atividades de orientação de TCCs, também orientei trabalhos de Iniciação Científica (IC), desde o segundo ano da minha atuação no curso, ainda como professora substituta em 1995. Ao todo foram concluídas as orientações de 12 projetos, sendo que tenho um projeto em andamento (ver Apêndice E).

Pode-se organizar esses projetos em cinco temas diferentes: 1 trabalho relacionado à aquisição de habilidades melódicas e rítmicas; no segundo tema estão 2 trabalhos com temas relacionados ao estudo de livros e materiais didáticos; no terceiro são 6 pesquisas que focaram no levantamento e análise de artigos que tratavam da música e do ensino de música em jornais que circularam em Uberlândia de 1888, quando Uberlândia foi elevada à categoria de cidade, até o início da década de 1980; o quarto tema de estudos corresponde a um trabalho (uma bibliografia comentada) realizado em 2010 sobre artigos da Revista da ABEM, os quais tinham como base as teorias do cotidiano; na quinta temática estão dois trabalhos que focaram em fotografias do “Acervo de Imagens do Curso de Música da UFU”. O projeto de IC atualmente em andamento também tem como foco esse acervo de imagens.

Dentre essas temáticas, somente o primeiro trabalho estava relacionado com a minha atuação nas disciplinas de Percepção musical, com conteúdos envolvendo aspectos cognitivos do desenvolvimento e da formação musical. A proposta era analisar gravações em áudio de atividades de leitura musical cantada, além de estudar a aquisição de habilidades rítmicas e da leitura da notação de alturas de alunos que cursavam disciplinas de percepção musical na época.

Nos demais projetos de IC, a partir do momento em que era necessária a autorização do Conselho de Ética da UFU para realização de pesquisas que envolvessem seres humanos,

passei a orientar trabalhos cujos temas estavam relacionados ao levantamento e à análise de materiais escritos ou imagéticos, como livros e materiais didáticos, artigos que circularam na imprensa periódica da cidade e que ainda hoje não foram digitalizados. Também foi utilizado um acervo de mais de 2.000 fotografias que constituem o “Acervo de Imagens do Curso de Música”. Vários desses trabalhos foram publicados e apresentados em congressos da área de música como da “Associação Brasileira de Educação Musical” (ABEM), da “Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música” (ANPPOM) e em “Congressos Brasileiros de Iconografia Musical”.

Nas bancas de trabalhos de conclusão de curso

Como professora de disciplinas de pesquisa no âmbito no Curso de Música, nas modalidades de licenciatura e bacharelado, tive, ao longo do tempo, contato com alunos que se interessaram por temáticas nos vários subcampos da música. Esse contato permanece, geralmente, durante a realização de suas pesquisas. Diante disso, tenho sido convidada para muitas bancas de trabalhos tanto de projetos de pesquisa (no curso de Música tem a obrigatoriedade de uma apresentação pública com a presença de uma banca de três professores) quanto de trabalhos de conclusão de curso. Inclusive, essa relação permanece até quando eles concluem o curso e, muitas vezes, entram em contato novamente quando decidem seguir suas carreiras na pós-graduação.

Ao longo dos anos, consegui registrar a minha participação em 115 bancas de defesas de TCCs em áreas variadas, mas não consegui registrar todas as bancas, principalmente as de projeto de pesquisa. Dessas bancas, 22 delas tinham temáticas localizadas em subcampos, como performance musical, composição, estudos da música popular e sociologia da música (currículo lattes³⁹). As demais, a grande maioria, estão situadas no campo da educação musical e foram apresentadas e orientadas por professor/as do NEMUS.

Naves ressalta que essa atuação

se trata de importante papel, carregado de enorme responsabilidade, não só no que se refere às etapas de trabalho, mas, principalmente, pela avaliação criteriosa que deve ser feita, com vistas à contribuição que o trabalho do aluno deverá representar para a área e para o seu crescimento profissional (Naves, 2013, p. 14-15).

³⁹ Currículo lattes: link: <http://lattes.cnpq.br/2899680917014460>.

Portanto, as bancas têm um papel importante na exposição das atividades de pesquisa na graduação em Música. É um espaço importante de fomento para formação na/para a pesquisa, além de ser “uma escola” para aqueles graduandos que almejam continuar sua formação como pesquisadores na pós-graduação.

Além disso, é uma importante atividade para nós, professores, exercitarmos nosso olhar e nossos conhecimentos sobre pesquisa em música tanto teoricamente quanto metodologicamente.

4.2.2 Na pós-graduação em música: disciplinas, orientações e bancas

Se na graduação tive interesse na formação de alunos que estavam na iniciação à pesquisa, tanto orientando TCCs quanto projetos de IC, no Mestrado em Artes e em Música busquei me dedicar também a essa formação. Uma formação que passa por construir trabalhos consistentes, que considerem as características dos trabalhos acadêmicos e que tenham compromisso ético com a produção do/no campo da educação musical.

As aulas ministradas no mestrado relacionadas com o *métier* da pesquisa são importantes não só para a formação de pesquisadores no campo da música e da educação musical, mas também para manter atualizado esse fazer. Pensar e planejar essas disciplinas é importante na medida em que elas podem compor a formação do pesquisador no campo da educação musical, compreendendo a pesquisa em seus aspectos músico-pedagógicos e como “construção científica”, assim como um campo de conhecimento (Kraemer, 2000; Souza, 2020).

Pensando como Guedes-Pinto, também entendo essas aulas como

um tempo/espaço (tanto em nível de graduação como de pós-graduação) único, privilegiado, da formação dos professores (para todos os níveis também). Embora cada vez mais se questione sua razão de ser na contemporaneidade tecnológica do mundo cibernetico, no meu entender, de uma enorme potência, pois põe em contato e em circulação pontos de vistas diferentes, histórias de vida singulares, proporcionando dinâmicas interativas que podem provocar deslocamentos, alterações, reformulações em torno daquilo que nos une: a formação profissional dos professores (Guedes-Pinto, 2017, p. 38).

Sem dúvida, nessa perspectiva, as aulas de disciplinas de pesquisa com a participação de professores e alunos enquanto sujeitos diversos, circunscritos no ensino superior e na pós-graduação, revestem-se “de uma enorme potência, pois põe em contato e em circulação pontos de vistas diferentes, histórias de vida singulares, proporcionando dinâmicas

interativas que podem provocar deslocamentos, alterações, reformulações em torno daquilo que nos une: a formação profissional dos professores” e, também, de pesquisadores para/na pesquisa (Guedes-Pinto, 2017, p. 39).

Orientações de pesquisa

Durante o período de 2009 a 2025, quando atuei na pós-graduação, considero que as orientações tenham sido atividades às quais me dediquei com afinco e com prazer. Foram concluídas nesses anos 20 orientações e 4 ainda estão em andamento (Apêndice F).

O projeto de pesquisa de orientação na pós-graduação trata da música e da educação musical como práticas sociais (Souza, 2004, 2014). É um projeto que não tem como foco uma temática específica, mas se propõe a olhar para o campo da educação musical e explicar o ensino e a aprendizagem de música em grupos musicais sociais diversos na perspectiva da sociologia da educação musical.

Todos os trabalhos orientados tiveram temáticas localizadas do campo da educação musical. Os métodos de pesquisa utilizados são, principalmente, os estudos de caso, a história oral, a análise do conteúdo de materiais escritos, como livros didáticos e artigos de jornais. Já os procedimentos de levantamento de dados incluem entrevistas compreensivas, semiestruturadas, grupos focais, observações, algumas vezes combinando entrevistas e observações.

As orientações na graduação foram possibilidades de exercitar e experimentar temas, procedimentos metodológicos e organização de trabalhos. Foram processos em que era necessário criar estratégias para traduzir o que eu esperava dos orientandos, um processo de retroalimentação em que se ensina aprendendo e se aprende ensinando. As orientações funcionam como oficina de “artesanato intelectual” (Mills, 1982), com o intuito de construir a iniciação à pesquisa.

As bancas na pós-graduação

A atuação na pós-graduação passa também por atividades relacionadas com a avaliação dos relatórios de pesquisa (de qualificação, dissertações, teses) produzidas no âmbito dos cursos de pós-graduação brasileiros. Desde a conclusão do doutorado, tenho participado dessa atividade, que é realizada a partir de convites do/a orientador/a ou do pós-graduando.

Nesse tipo de atividade acadêmica, participei ao todo de 27 bancas de qualificações de mestrado, 11 de qualificações de doutorado, 36 bancas de defesas de dissertações e 10 defesas de teses de doutorado, perfazendo um total de 84 participações (Apêndice G). Essas 84 participações foram em cursos de pós-graduação: educação na Faculdade de Educação/FACED da UFU, Universidade do Triângulo Mineiro (UFTM), Pontifícia Universidade Católica (PUC-GO), Universidade de Uberaba (UNIUBE), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal do Pampa (Unipampa); e em cursos de pós-graduação em Música ou em Artes, com temáticas relacionadas à educação musical na Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), na Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e na Universidade Federal do Pará (UFPA).

As bancas nos cursos de pós-graduação, além da possibilidade de construir redes e parcerias, e de ações colaborativas, constituem momentos importantes para a formação do aluno. Vieira (2023, p. 4), ao questionar procedimentos adotados por alguns avaliadores, corrobora essa afirmação ao salientar a necessidade de que haja “práticas docentes que contemplam não só a avaliação, mas sobretudo a formação de pesquisadores”. Menciona que “a participação de docentes em bancas examinadoras é uma expressão significativa da prática docente e pode representar importante contribuição para a formação de pesquisadores”.

4.3 Trabalhos técnicos: outras atuações na pesquisa na universidade

Como professores na universidade, a atuação na pesquisa não se dá somente na docência em disciplinas, nas orientações e na participação em bancas de defesa de qualificações, dissertações e teses. Essa atuação se amplia quando se espera do professor um trabalho na extensão (como na organização de eventos científicos) e em trabalhos técnicos, como atuação em edição de revistas, corpo editorial, pareceristas e revisores de artigos para revistas, comitês científicos, coordenação de Grupos de Trabalho Específico (GTE), avaliação de trabalhos para apresentação e publicação em anais de congressos.

Destaco, dentre as atividades realizadas, consideradas técnicas, a organização de eventos científicos, atividades editoriais em revistas, atuação como parecerista de artigos para publicação em revistas e anais de congressos da área.

4.3.1 Organização de eventos científicos

Quando se trata da organização de eventos científicos (Apêndice H), estive envolvida na organização de eventos realizados pelo Curso de Música da UFU, alguns mais rotineiros, ligados às Semanas da Música e Semanas da Pesquisa em Música. Nestas, ao final de cada semestre, são organizadas as apresentações dos projetos de pesquisa e de TCCs dos alunos.

O primeiro grande evento que participei foi a organização do “X Encontro Anual da ABEM”, em outubro de 2001, coordenado pela professora Margarete Arroyo, tendo a professora Jusamara Souza como presidente da ABEM na época. O tema daquele evento foi inovador e trazia a discussão sobre múltiplos espaços de atuação na educação musical: formação profissional para múltiplos espaços de atuação e novas demandas profissionais, na época com palestrantes importantes, como Alda de Oliveira, Vanda Bellard Freire, Liane Hentschke, Jusamara Souza, Elizabeth Travassos. Participei da comissão acadêmico-científica, juntamente com minha colega professora Sônia Tereza Silva Ribeiro.

Um evento local interessante no qual participei com frequência, ora apresentando trabalhos, ora organizando, foi o “Encontro de Reflexões e Ações no Ensino de Arte”, que congregava professores de arte das redes de escolas municipais e estaduais da cidade de Uberlândia. Foi um evento muito interessante, com palestras, mesas-redondas, apresentação de trabalhos, além de cursos destinados aos professores de arte⁴⁰. Participei da comissão organizadora do 7º, 8º e 17º encontros realizados nos anos de 2007, 2008 e 2017, respectivamente.

Participei também da organização do “Seminário de Pesquisa em Artes”, promovido pelos cursos de música, teatro e artes visuais na época, os quais congregavam o Mestrado em Artes. Estive na coordenação do “V Seminário de Pesquisa em Artes”, em 2013, um evento que teve apoio da FAPEMIG.

Estive envolvida também com eventos promovidos pelo NEMUS, como o “Encontro de professores e licenciandos em música”, realizado em 2018, além da participação na comissão organizadora e comissão científica de seminários do PIBID no âmbito da UFU, como, por exemplo, o congresso “O PIBID na formação de professores: impactos e perspectivas”, realizado pela UFU em 2018.

Outro evento importante do qual participei da comissão organizadora e, também, da comissão científica, dividida com meu colega professor Daniel Barreiro, foi o “XXI

⁴⁰ Promovido pelo grupo “Arte na escola” com o apoio da DICULT, da Pró-Reitoria de Extensão da UFU.

Congresso da ANPPOM”, em 2011, quando Uberlândia sediou o evento nacional da Associação. Com o tema “Música, complexidade, diversidade e multiplicidade – reflexões e aplicações práticas”, esse evento recebeu convidados palestrantes nacionais e internacionais, além de autores de várias regiões do país que apresentaram seus trabalhos.

Outro evento, esse promovido pelo Grupo de pesquisa “Música, educação, cotidiano e sociabilidade” (MUSEDUC), criado em 2009 e coordenado por mim, foi o “I Fórum do Grupo de Pesquisa”, realizado em 2011 (ver figuras 30, 31 e 32). Com o tema “O ensino de música nas escolas de Uberlândia e a lei 11.769”, vivemos um momento de discussões em âmbitos nacional e local sobre a implementação dessa lei nas escolas brasileiras. Apesar de não terem sido promovidos outros eventos do grupo, as reuniões e as produções coletivas continuam até hoje.

Figura 30 - Frente do folder do I Fórum do Grupo de Pesquisa MUSEDUC (2009)



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 31 - Verso do folder do I Fórum do Grupo de Pesquisa MUSEDUC (2009)



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 32 - Momento do minicurso “Estratégias para o ensino de música na educação infantil”, ministrado pelas professoras Cintia Thais Morato e Maria Cristina Lemes de S. Costa



Fonte: Acervo pessoal.

Outra frente muito importante foi sediar os encontros do Grupo de Pesquisa “Educação Musical e Cotidiano” (EMCO). Uberlândia sediou o primeiro encontro itinerante desse grupo. Este e os posteriores se tornaram espaço de debates, de afetos, além de momentos para fortalecermos laços e redes de pesquisa. Uberlândia sediou o “VIII Seminário de Educação Musical e Cotidiano” (ver figuras 33 e 34), realizado em 2013.

Figura 33 - Frente do folder “VIII Seminário Educação Musical e Cotidiano”, realizado em Uberlândia, em 2013



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 34 - Miolo do folder “VIII Seminário Educação Musical e Cotidiano” (Programação), realizado em Uberlândia, em 2013

PROGRAMAÇÃO			
Dia 11/10/2013 – Sexta-feira			
19:00	Credenciamento	12:00-12:20	Debate
20:00	Abertura	14:10-14:50	ALMOÇO
20:15-21:15	Mesa 1: Grupos de pesquisa em educação musical e criação de redes Participantes: Dra. Lilia Neves Gonçalves (UFU) Dra. Maria Guiomar Carvalho Ribas (UFPB) Dr. Celson Henrique Sousa (UFPA) Dra. Jusamara Souza (UFRGS)	15:00-15:30	Mesa 4: Transformando práticas do cotidiano em pesquisa na educação musical Ma. Gisele Andrea Flach (FUNDARTE) Ma. Graciliano Lorenzi (ISMED/POA) Diego Caabobido Santos Simão (UFU)
21:15-22:00	Debate	15:30-16:00	Mesa 5: Profissão em música: formar(es) músicos e professores Ma. Maria Cristina Lemes de Souza Costa (UFU) Dra. Cintia Thais Morato (UFU) Doutorando Alexandre Vieira (UFRGS/IFRS)
22:00	Lançamento do Livro: <i>Educação Musical, Cotidiano e Ensino Superior</i>	16:00-16:30	Intervalo
Dia 12/10/2013 – Sábado		16:30-17:00	Mesa 6: Voz e canto: um olhar a partir do cotidiano Ma. Ana Lucia Schmeling (UFS) Dra. Letícia Mirivalva Dias (UFBA) Doutoranda Jaqueline Soares Marques (UFRGS/UnB)
8:30-9:15	Conferência: Teorias do cotidiano e a área da educação musical - Dra. Jusamara Souza (UFRGS)	17:10-18:30	Mesa 7: Aprender música em tempos e espaços sociais do cotidiano Mestranda Daniela Camilo Franco (UFU) Mestranda Hosana Rodrigues Ferreira da Mata (UFU) Mestranda Lívia Roberta Oliveira (UFU) Discussão
9:15-9:45	Debate		
9:50-10:10	Apresentação musical - Projeto: <i>Tatatum</i> - Regente: José Aparecido da Silva Costa		
10:10-10:30	Intervalo		
10:30-11:00	Mesa 2: Metodologias nas pesquisas em educação musical com o cotidiano Ma. Maira Andriani Scarpellini (UFAC) Ma. Ruth de Sousa Ferreira Silva (UnB) Dr. Celson Henrique Sousa Gomes (UFPA)		
11:00-11:20	Debate		
11:30-12:00	Mesa 3: Pesquisas com o cotidiano e educação musical: questões teóricas Dra. Maria Guiomar Carvalho Ribas (UFPB) Dra. Maria Cecília Torres (IPARH) Dra. Fernanda de Assis Oliveira (UFU) Doutoranda Rosália Trejo Leon (UFRGS/México)		
			Dia 13/10/2013 – Domingo
		8:30-11:00	Seminário: Experiências de orientação em pesquisas com o cotidiano em Educação Musical Coordenação: Dra. Jusamara Souza (UFRGS) Dra. Lilia Neves Gonçalves (UFU)
		11:00-14:00	Visita à Festa do Congado: Um espaço de ensino/aprendizagem musical

Fonte: Acervo pessoal.

Posteriormente, realizamos novamente, em 2019, o “XIV Seminário de Educação Musical e Cotidiano: diálogos com as sociologias de Schütz” (ver Figura 35, folder). Aproveitamos para, naquela ocasião, também comemorar os 10 anos do MUSEDUC.

Figura 35 - Frente do folder “XIV Seminário Educação Musical e Cotidiano”, realizado em Uberlândia, em 2019



Fonte: Acervo pessoal.

Por último, como atividade da Comissão de Egressos do PPGMU-UFU, realizamos durante a pandemia, em 2020 e 2021, eu e meu colega o professor José Soares de Deus, o I e o II “Seminário de Egressos do PPGMU da UFU”. Esse evento teve como objetivo estabelecer contato com os egressos para conhecer suas atividades após o término do curso e fortalecer relações de apoio e de parcerias, tanto no que se refere à produção bibliográfica e artística, quanto à produção técnica na organização de eventos, cursos, seminários.

A participação na organização desses eventos possibilitou outro tipo de formação e atuação na pesquisa. É uma atividade que permite a construção de conexões e redes de apoio, as quais são importantes tanto para a minha atuação no campo da educação musical quanto para os egressos no que se refere à continuidade de suas atividades na pesquisa. Mesmo com o uso das redes sociais, ainda considero que os congressos são espaços importantes para construção de parcerias, estabelecimento de laços, conexão com pessoas e constituição de momentos de discussão considerados mais prementes.

4.3.2 Atividades editoriais

Nas atividades editoriais, além da produção de textos que compunham os editoriais e/ou apresentações das revistas das quais fiz parte do corpo editorial, também fui editora

responsável da Revista do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes IARTE/UFU, a “Revista OuvirOUver”, de 2009 a 2014. Foi um período em que chegamos a uma boa avaliação no Qualis da Capes, quando reorganizamos o projeto editorial e realizamos, junto com colegas do Instituto de Artes que também participavam da Comissão Editorial, a organização do conteúdo da revista em dossiês. Buscamos publicar menos artigos de autores da UFU para evitar a endogenia e convidamos autores que pudessem publicar na revista, mesmo ela tendo, inicialmente, uma avaliação ainda de pouco alcance.

Outra experiência importante se deu no âmbito do Conselho Editorial da Revista da ABEM, que, também como membro da diretoria, fiz parte do grupo de três conselheiros/as que coordenava a política editorial da diretoria da ABEM. Foi nessa gestão que foi criada a “Revista Música na Educação Básica” (MEB), uma revista destinada para professores de Música. Estive nesse conselho entre os anos de 2007 e 2013, junto com professores como Carlos Kater, Maura Penna, Maria Cecília de Araújo Torres, Cássia Virgínia Coelho de Souza e Luciane Wilke.

Também fiz parte e ainda faço de comitês editoriais que apoiam a revista emitindo pareceres. Estive de 2011 a 2018 no conselho da “Revista Música Hodie”, uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Goiás (UFG). Ainda faço parte do Conselho Editorial Consultivo da “Revista OuvirOUver” desde 2016, e sou membro do Conselho Editorial Nacional da “Revista Brasileira de Educação do Campo”, uma publicação do Departamento de Educação do Campo, Curso de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Artes e Música, da Universidade Federal do Tocantins (UFTO), campus de Tocantinópolis, desde 2016.

Por último, fiz parte do Conselho Editorial da Editora da UFU (EDUFU) entre os anos de 2010 e 2012, com a função de definir a política editorial da editora e aprovar a publicação de manuscritos, atuando como instância deliberativa responsável pelo funcionamento editorial da instituição. As competências incluíam a análise de originais, a definição do plano anual de publicação, a avaliação da qualidade dos trabalhos submetidos e a decisão sobre quais obras serão publicadas, garantindo o padrão acadêmico e a relevância científica das publicações, além de criar comissões para finalidades editoriais específicas⁴¹.

⁴¹ EDUFU: <https://edufu.ufu.br/conselho-editorial>

4.3.3 Pareceristas

Por último, nas atividades técnicas relacionadas com as atividades de pesquisa, está a emissão de pareceres sobre trabalhos a serem publicados em periódicos da área, bem como trabalhos submetidos para apresentação em eventos científicos e a serem publicados em anais dos congressos.

Realizo esse tipo de tarefa desde a conclusão do doutorado, em 2007. Como parecerista, fui avaliadora de trabalhos para Congressos Nacionais da ABEM em várias edições, para Congressos Regionais (Sudeste, Nordeste, Norte e Sul) da ABEM, também em várias edições, além de trabalhos da área da educação musical submetidos ao “Congresso Nacional da ANPPOM”, também em várias edições.

Participei de comissões editoriais de eventos no campo da educação, como seminários de PIBID promovidos pela UFU, “Seminários de Pesquisa em Artes” e, também, do “Encontro Internacional de Formação de Professores e Estágio Curricular Supervisionado” (EIFORPECS), um evento acadêmico que foi sediado pela UFU em 2019 e que reúne educadores, pesquisadores, estudantes e profissionais da área da educação para discutir e aprofundar conhecimentos sobre a formação docente.

Tenho ainda atuado como parecerista para avaliação de trabalhos destinados a revistas da área de música, como, por exemplo: Revista da ABEM, Revista Orfeu (UDESC), Revista Música (ECA-USP), Olhares e Trilhas (ESEBA-UFU). Por último, já fiz pareceres *ad hoc* para projetos submetidos em editais promovidos pela CAPES, bem como trabalhei na análise e avaliação de Relatórios Técnicos do Livro Didático do PNLD.

Foram muitas atividades relacionadas com a pesquisa ao longo da minha atuação na universidade. São várias frentes nessa atuação acadêmica que estão ligadas à formação de pesquisadores iniciantes, mas que também lançam tentáculos para contribuições no campo das associações da área, como ABEM e ANPPOM, além de trabalhos realizados no âmbito dos grupos de pesquisa, como “Educação Musical e Cotidiano” (EMCO) e “Música, educação, cotidiano e sociabilidade” (MUSEDUC).

5 A CONSTRUÇÃO DE UMA ATUAÇÃO NA PESQUISA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO MUSICAL

5.1 A construção da minha relação com o campo da educação musical

Como mencionado na primeira parte deste memorial, fui tornando-me professora ao longo da minha passagem como aluna pela educação básica. Se a ideia de ser professora de música foi construída aos poucos, a de me tornar pesquisadora no campo da educação musical foi ainda menos planejada, pois, somente no final da graduação, entendi o que era o mestrado e o doutorado. Não sabia muito bem o que significava uma pós-graduação, não sabia o que era pesquisa em música e/ou em educação musical.

Como já antecipado, a disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa (MTP), ministrada pelo professor da filosofia, foi abrindo caminhos e foi permitindo, de alguma forma, a construção de um olhar que passava por aspectos técnicos do “raciocínio científico”, no entanto, envolvia aspectos teóricos e de filiação epistemológica que não eram claros.

A elaboração do TCC no curso de Graduação em Música, intitulado “Música e sociedade” (Gonçalves, 1989), foi um processo bem solitário, que busca entender por tentativa e erro as lógicas metodológicas. Considero que a contribuição desse trabalho para o meu processo foi ter tido a permissão de “escolher um tema” que me tocava, de poder focar em questões que eu tinha curiosidade.

Mas o interesse por pesquisa em educação musical viria muito mais de uma disciplina que se chamava “Expressão Musical”, ministrada em sete semestres no Curso de Música, que tinha foco em metodologias, tendências, vivências, estratégias para o ensino e aprendizagem de música. Em duas dessas disciplinas, o foco esteve na pedagogia do instrumento, ministrada pela professora Sandra Santos, mais especificamente no ensino do piano. A professora se centrou em aspectos mais racionais que associava, por exemplo, a técnica pianística à anatomia.

Essa disciplina foi um *start* para o meu entendimento sobre ensino de música, já que eu o achava “muito intuitivo” e não conseguia respostas que me ajudassem a entender o porquê “deveria tocar dessa ou daquela forma”. Desde muito cedo, eu percebia que nem todos aprendiam da mesma forma. A partir dessa disciplina, consegui vislumbrar que existiam muitos conhecimentos que eu não tinha acesso e que seria fundamental que eu aprendesse e estudasse mais.

Foi a partir daí que pensei que era uma possibilidade continuar meus estudos. Se fosse um mestrado, seria nesse curso que eu aprenderia outras coisas, pois eu precisava de muitas respostas. Então, ao ver minha colega Cintia Thais Morato ser aprovada em um curso de mestrado da UFRGS, senti-me motivada a me preparar para o processo seletivo, e não tinha ideia em qual área. Portanto, apesar de ter aulas de instrumento e de ter que realizar recitais durante o mestrado, candidatei-me ao processo seletivo no PPGMUS da UFRGS na área da educação musical. Naquele momento, a escolha era muito prática: não tocava piano tão bem quanto necessário para o mestrado na área de práticas interpretativas. No entanto, não foi uma escolha feita com tristeza, mas eu não sabia muito bem o que estudar no campo da educação musical, sabia que era sobre o ensino e a aprendizagem de música.

Foi durante o mestrado que descobri a “educação musical” como um campo de conhecimento, quando dei início à fase mais sistematizada da minha formação na pesquisa, principalmente com o apoio de disciplinas como Métodos e técnicas de pesquisa em música, Pesquisa aplicada à música e Seminário de preparação para a dissertação, todas ministradas pela professora Maria Elizabeth Lucas, bem como nas que faziam parte do campo da educação musical, como: Sistemas e processos de educação musical I e II e Estudo individual orientado, ministradas pelo professor Raimundo Martins; Música e aprendizagem, pela professora Vera Regina Cauduro; Seminário de tendências contemporâneas para a educação musical, realizada pela professora Alda Jesus de Oliveira; e Seminário de estrutura e organização de currículos em música, oferecida pela professora Jusamara Souza.

Sem dúvida, esse curso também foi importante, inclusive para a minha formação musical, pois o foco estava em conteúdos que eu não havia estudado na graduação, como métodos analíticos da música do século XX, história da música europeia da idade média ao período barroco, além da minha formação em instrumento como organista. Nesse curso, era obrigatório ter aulas de instrumento e realizar um recital ao final do primeiro ano do curso (cursei o primeiro semestre tendo aulas de piano, mas mudei para aulas de órgão com a professora Any Raquel Carvalho).

Contudo, o grande aprendizado foi conhecer e iniciar pesquisas no campo da educação musical, nas reflexões sobre a organização da prática pedagógico-musical, principalmente na escola, colocando “o meu radar” naquele momento na educação musical, sendo este um mundo muito mais amplo do que o da sala de aula. Com a maioria dos professores com doutorados fora do Brasil, a educação musical era mostrada já com perspectiva internacional, “ditando” ideias, pesquisas sobre o ensino e a aprendizagem de música. Um ensino-aprendizagem que era nos mostrado e lido como organização de processos

cognitivos, comportamentais e afetivos fundamentados, principalmente em teorias da psicologia da música (cognitiva e desenvolvimentista). Para aquela “menina” de 23 anos que passou a ter “sede” de entender o porquê das coisas, como funcionava o processo de aprender música, o conhecimento era algo que me dava conforto e que me permitia inúmeras descobertas.

Apesar de ter “caído meio que de paraquedas” no campo da educação musical, a minha relação com esse campo foi se fortalecendo e se solidificando ao longo do mestrado. Essa solidificação não se deu, portanto, somente durante a realização das disciplinas, elas foram muito importantes, mas foi através dos congressos, contatos com pesquisadores renomados que fui me constituindo como pesquisadora.

Foi nesse período, em 1991, durante a realização, em Porto Alegre, do “IV Encontro da ANPPOM” (Figura 36), que tive contato pela primeira vez com grandes nomes da pesquisa em música no Brasil (Jamary de Oliveira, Manuel Veiga, Regis Duprat, dentre outros). Naquele momento, inclusive, participei de programações com convidados internacionais, como Charles Rosen⁴², que, além de palestra, também realizou um concerto. Foi o meu primeiro contato com aquela dinâmica de apresentações musicais, mesas redondas (o que era uma mesa redonda, se a mesa não era redonda?), apresentações de trabalhos, alguns debates acirrados.

⁴² Charles Rosen (1927-2012) “foi um pianista e escritor americano sobre música. Ele é lembrado por sua carreira como pianista de concerto, por suas gravações e por seus muitos escritos, dentre eles os livros *“The classical style”*.

Figura 36 - Certificado de participação “IV Encontro da ANPPOM”, realizado em Porto Alegre, em 1991



Fonte: Acervo pessoal.

Era um olhar de “descoberta do mundo”, de um mundo muito diferente daquele que eu conhecia desde a infância no fazer musical vivido na/com minha família, na igreja, no conservatório. Agora, a minha relação com a música continuava sendo construída com outras características, revestida da ideia de “cientificidade”, regida por outras lógicas, outros fazeres musicais.

Foi nessa época que li pela primeira vez o texto “O campo científico” (Bourdieu, 1983, p. 122), discutido a partir da “teoria dos campos” desse autor. Compreendido como um “campo social como outro qualquer, com suas relações de força e monopólios, suas lutas e estratégias, seus interesses e lucros, mas onde todas essas invariantes revestem formas específicas”, o esforço de entender as lógicas e os *habitus* de funcionamento “desse mundo” foi um processo no qual fui me embrenhando aos poucos.

5.2 Fundamentação teórica na sociologia da educação musical

A fundamentação teórica das pesquisas e das orientações realizadas por mim no campo da educação musical na universidade passa por três eixos: o pensamento da educação musical como um campo de conhecimento, da música e da educação musical enquanto

práticas sociais e, na perspectiva social, o olhar é direcionado para o mundo social no âmbito das teorias do cotidiano.

A educação musical como campo de conhecimento

A educação musical pode ser vista tanto como prática de ensinar e aprender música quanto como campo de conhecimento, sendo que na Alemanha, tal como mencionado por Souza (2000b, p. 49), educação musical, como campo de conhecimento, é chamada de Pedagogia musical, enquanto o termo educação musical “é utilizado para se referir à prática da educação musical”. Essa explicação se insere em um contexto amplo de discussões, realizado ao longo de vários anos, como proposto por Souza (2001, 2020) quando se refere à educação musical enquanto campo de conhecimento.

Uma importante contribuição para essa discussão foi a tradução do texto de Kraemer (2000) por Souza (2000b). Segundo Kraemer (2000, p. 51), a “pedagogia da música ocupa-se com as relações entre as pessoas(s) e a(s) música(s) sob os aspectos da apropriação e da transmissão”. Com uma abordagem ampla desse campo do conhecimento, esse autor afirma ainda que “ao seu campo de trabalho pertence toda a prática músico-educacional que é realizada em aulas escolares e não escolares, assim todo toda cultura musical em processo de formação”. Outra questão importante apontada por Souza (2000b, p. 50) é que, para esse autor, “o conhecimento pedagógico-musical é complexo e por isso sua compreensão depende de outras disciplinas, principalmente, das chamadas ciências humanas” (filosofia, antropologia, sociologia, psicologia, pedagogia, ciências políticas, história).

Assim, a pesquisa pedagógico-musical, ao se voltar para os problemas da apropriação e transmissão musical, orienta-se, principalmente, nas seguintes questões: “quem faz música, qual música, como e por que a fazem?” (Souza, 2001, p. 89). São essas questões que, segundo essa autora, “têm ocupado o centro do interesse da pesquisa pedagógico-musical nas últimas décadas, considerando que as músicas, as maneiras de recepção e suas justificativas se modificam permanentemente diante da utilização dos meios de comunicação”.

Essa autora fala de uma “virada epistemológica” que se caracteriza por uma ideia mais ampla de que os processos de transmissão e de apropriação da música não são vividos somente nas instituições de ensino, mas experienciados nos múltiplos contextos sociais e culturais, o que direciona não só o olhar dos pesquisadores para múltiplas práticas de ensinar-

aprender música, mas também para as relações, significados e sentidos estabelecidos pelos indivíduos nos espaços sociais em que vivem. Segundo Souza,

a produção acadêmica na área da Educação Musical volta-se para os fenômenos da transmissão e recepção da(s) música(s) seja(m) ela(s) de qualquer gênero ou estilo. Entende-se por transmissão e recepção processos de apreensão, aprendizagens musicais difusas ou sistematizadas, transmitidas de formas orais, midiáticas ou escolarizadas, incluindo as práticas pedagógico-musicais no âmbito de socializações musicais, em vários ambientes tais como na família, na rua, na igreja, nas bandas (Souza, 2020, p. 16).

No bojo dessas discussões, as práticas pedagógicos-musicais vividas socioculturalmente também são importantes de serem analisadas à luz do seu tempo e espaço, levando em consideração, por exemplo, práticas mediadas pelas tecnologias (Souza, 2024; Costa, 2025). Essas práticas colocam em questão aspectos que circundam e transversalizam os muitos processos e ações de ensino-aprendizagem de música presentes quando as pessoas vivem, se formam, interagem e se relacionam com a música (Marques, 2011, Silveira, 2025).

A música e a educação musical como práticas sociais

Tal como tenho pensado, a música e a educação musical como práticas sociais se situam na sociologia da educação musical e se inserem em um campo de estudos amplo dos fenômenos educativo-musicais no Brasil, que foram intensificados nos anos 1990, a partir dos estudos da professora Dra. Jusamara Souza. É importante destacar o deslocamento do olhar em torno das questões que envolvem a música e o seu ensino na escola (que envolvia temáticas ligadas ao currículo e a formação de professores de música) para aspectos socioculturais dos processos de transmissão e apropriação do conhecimento musical. Conde e Neves (1984-1985), por exemplo, na década de 1980, se dedicaram a estudar os processos de aprendizagem em manifestações da cultura rural e urbana, como em grupos de folia de reis, blocos carnavalescos, bandas de música, conjuntos instrumentais de música popular; já Tourinho (1993, 1996) propôs uma análise dos usos e funções da música pensada em uma estrutura mais macro da escola concebida como instituição.

É nesse contexto de inquietação sobre processos de ensino-aprendizagem imersos na vida social que a professora Jusamara Souza construiu a sua trajetória no Brasil em torno de estudos e orientações na pós-graduação que passam por considerar a música e a educação musical na perspectiva da sociologia da educação musical. Inicialmente, analisou o canto

orfeônico empreendido por Villa-Lobos no Brasil nos anos de 1930 e 1940, no contexto das questões políticas do período (Souza, 1991, 1992) e, ao mesmo tempo, propôs “novas formas” não só de olhar para a aula de música como objeto de pesquisa (Souza, 1998), mas também como fundamento epistemológico para construir outras perspectivas para essa aula, considerando o cotidiano como tempo e espaço social (Souza, 1996a, 1996b, 2000a). Nesse sentido, houve a ampliação do olhar para a aula de música tanto como objeto de pesquisa quanto como espaço de ações pedagógico-musicais. O autor propôs que “a prática músico-educacional encontra-se em vários lugares, isto é, os espaços onde se aprende e ensina música são múltiplos e vão além das instituições escolares” (Souza, 2000a, p. 49).

Em 1996, Souza (1996a, p. 31-32) expõe as possibilidades do diálogo da educação musical com a sociologia. Segundo essa autora, pesquisas com essa conexão apresentam um deslocamento de seus interesses para fatos sociais objetivos presentes nas instituições educacionais, fugindo das naturalizações e das explicações óbvias da presença da música nos espaços escolares e, cada vez mais, ao longo dos anos, nos vários espaços onde os processos de transmissão e apropriação da música acontecem. As pesquisas que têm como fundamento a sociologia se preocupam com a relação dos grupos sociais, nos quais os sujeitos ensinam-aprendem-ensinam música nos variados contextos sociomusicais. Isso porque não se acredita que o mundo da música é separado dos sujeitos, nem o mundo das obras musicais é independente da constituição dos sujeitos e/ou dos grupos (Souza, 2004, p. 8) em nível analítico macro e micro. Nessa perspectiva, ações pedagógico-musicais não estão separadas da vida social, já que antes essas ações fazem parte dela. Portanto, pensar a educação musical nessa perspectiva significa, por exemplo, “compreender que as exigências técnico-musicais estão ligadas às práticas de sociabilidade nos grupos, na família, na escola, na igreja e na comunidade” (Souza, 2014, p. 95).

Em seu texto de 2004, professora Jusamara Souza busca traduzir o que seria pensar a educação musical como “fato social” e o modo como seria uma aula de música que tivesse essa ideia como fundamento.

Apoiando-se nos estudos de Anne-Marie Green, menciona que se deve considerar “a música como uma comunicação sensorial, simbólica e afetiva que pode, muitas vezes, estar subjacente à nossa consciência” (Green, A.-M., 1987, p. 91 *apud* Souza, 2004, p. 8). A autora menciona que a música ainda é estudada “como um objeto que pode ser tratado descontextualizado de sua produção sociocultural”. Salienta que trabalhos com vieses mais sociológicos têm se preocupado com a “construção social do significado musical”, que, por sua vez, indica que

não existe objeto musical independentemente de sua constituição por um sujeito. Não existe, portanto, por um lado, o mundo das obras musicais (que não são entidades universais e se desenvolvem em condições particulares ligadas a uma dada ordem cultural), e por outro, indivíduos com disposições adquiridas ou condutas musicais influenciadas pelas normas da sociedade. A música é, portanto, um fato cultural inscrito em uma dada sociedade [...] (Green, Anne-Marie, 1987, p. 91 *apud* Souza, 2004, p. 1098).

Ao considerar a música como um “fato social”, Anne Marie Green (*apud* Souza, 2014, p. 7) argumenta que enxergá-la como uma realidade social de múltiplos aspectos permite alcançar compreensões mais profundas e abrangentes dos fatos musicais. Nesse sentido, a música é um objeto complexo que permeia e combina múltiplos aspectos: técnicos, sociais, culturais e econômicos.

Se a música é vista como essa produção que é humana e socialmente construída, as práticas pedagógico-musicais também são experienciadas, ensinadas, compartilhadas nos vários espaços sociais em que a música está presente: nas famílias, igrejas, escolas e que são mediados pela tecnologia (vendo vídeos, produzindo, escutando música, escutando música). Nas relações estabelecidas com a música é que os indivíduos constroem seus sentidos e significados, e através dos quais estabelecem relações com a música.

Esse embasamento epistemológico passa não só pelos temas de estudos, mas também por lentes teórico-metodológicas em que a prática pedagógico-musical aparece revestida não só na necessidade de entender o que e como os indivíduos fazem, produzem e consomem música, mas também como ações pedagógico-musicais e a organização das práticas de “produzir música” nos múltiplos contextos são perpassadas pelas relações musicais, as quais são construídas, transformadas e reconstruídas.

As sociologias do cotidiano

No doutorado, conheci, a partir das orientações da professora Jusamara Souza, os fundamentos das teorias do cotidiano em pesquisas na educação musical. As teorias do cotidiano estão presentes em várias perspectivas e em campos diversos do conhecimento. O cotidiano é visto por Tedesco (2003) como um campo de análise do social que possui métodos de apreensão do real, um lugar de construção dos sentidos do senso comum estabelecidos na vida ordinária e comum, mas também é considerado nas situações inusitadas. Segundo esse autor, quando se fala em vida cotidiana

não se entende só o vivido no plano do indivíduo, nem a interação pura e simples, nem só as posições coletivas e muito menos, a ideia de *freqüência das ações*. A vida cotidiana é um *atributo* do ator individual e se realiza sempre num quadro socioespacial, seja de um modo *individualista*, seja de um modo *estruturalista* (Tedesco, 2003, p. 22, grifos no original).

Para Brougère (2012, p. 12), a vida cotidiana é vista como “aquele conjunto de modos de fazer, de rituais, que nenhuma ordem cósmica ou biológica vem impor ao homem”. Para Pais (1993, p. 108), o cotidiano seria o que “no dia-a-dia se passa quando nada se parece passar”. Nessa perspectiva de análise do social, “‘as maneiras de fazer’ quotidianas são tão significantes quanto os resultados das práticas quotidianas tantas vezes analisados à margem das retóricas e expressividades próprias da vida quotidiana” (p. 110). Nesse sentido, enquanto um campo de análise do social, as “rotas do cotidiano” correspondem “mais a uma perspectiva metodológica do que a um esforço de teorização”.

Souza (2025) afirma que os estudos fundamentados nas sociologias do cotidiano

contemplam o domínio das ações individuais, ações rotineiras e aparentemente não organizadas – como fatos sociais – situando-as em seu ambiente institucional simbólico. A prioridade está no efêmero, no contingente, no fragmento, no relato, no múltiplo, no sujeito. Embora privilegiem o sujeito, essas teorias estão cientes de que o sujeito individualmente com suas relações próximas e regulares não está isento de vínculos em relação às estruturas e classes sociais e ao sistema societal (Souza, 2025, p. 19).

O cotidiano é visto como um campo de análise do social, mas Souza (2000) também se dedica a apresentar a relevância do seu estudo para o campo da educação musical, principalmente no que se refere ao saber escolar e ao saber cotidiano, nos quais os processos de inserção, de socialização e de sociabilidade dão elementos para “mostrações” do social quando o indivíduo ou os grupos sociais se envolvem com a música. Souza (2025, p. 20), trazendo essa perspectiva para a educação musical, menciona que “interessam-nos as questões: O que acontece em relação aos processos de aprendizagem musical no cotidiano: quais são os procedimentos utilizados? Como desvendá-los? Quais métodos são adequados para o aproveitamento da experiência musical cotidiana?”

É nessa perspectiva que Souza (2000) argumenta que a educação musical, sob um viés teórico para a construção de uma teoria da educação musical com ênfase no cotidiano como campo social para análise dos processos educativo-musicais,

[...] entra nas brechas, nas falhas, nas ausências de perspectivas totalizantes. Ela se compromete com a análise individual histórica, com o sujeito imerso,

envolvido num complexo de relações presentes, numa realidade histórica prenhe de significações culturais. Seu interesse está em restaurar as tramas de vidas que estavam encobertas; recuperar a pluralidade de possíveis vivências e interpretações; desfiar a teia de relações cotidianas e suas diferentes dimensões de experiências fugindo dos dualismos e polaridades e questionando dicotomias (Souza, 2000, p. 28).

É a partir dessas brechas, das relações micro, das interações vividas em espaços pouco privilegiados em termos de análise do ensino-aprendizagem de música nos conjuntos orquestrais, na família, nos recreios escolares e nas práticas musicais vividas em vários grupos sociais, que tenho buscado orientar os trabalhos de pesquisa. Também é nessa perspectiva que estão situados os estudos sobre a sociabilidade que venho discutindo desde o doutorado. Esses estudos

aparecem constantemente ligados à problemática do cotidiano, de situações e acontecimentos que não estão necessariamente ligados à análise das grandes questões estruturais. A sociabilidade é tida como um território em que se lida com as interações, com as redes de interações, ou seja, como, na vida cotidiana, as pessoas se relacionam em seus grupos sociais (Gonçalves, 2007, p. 22).

A temática da sociabilidade e seus aspectos presentes no tecido social constituiu o foco ao qual me dediquei com maior profundidade durante o doutorado. Como uma categoria de análise do social, a sociabilidade é vista e considerada na perspectiva microssocial e ajuda a entender por que as pessoas se organizam em seus grupos sociais para aprenderem e ensinarem música. As teorias expostas vão dar suporte, principalmente no mestrado, quando, junto com meus orientandos, buscamos estratégias metodológicas e epistemológicas para compreender a educação musical e suas muitas práticas de conhecer e aprender música imersas nas relações estabelecidas pelos indivíduos nos tempos/espaços em que estão inseridos.

5.3 Atuação na pesquisa no campo da educação musical

5.3.1 As pesquisas de mestrado, de doutorado e de pós-doutorado

No contexto de construção da minha relação com o campo da educação musical, não posso deixar de especificar a minha formação em pesquisa no campo da educação musical durante o mestrado, o doutorado e o pós-doutorado, e o modo como essas pesquisas fundamentaram minha relação com o campo da educação musical e, ao mesmo tempo,

pavimentaram a construção da minha trajetória nas atividades acadêmicas relacionadas à pesquisa na universidade. Assim como as disciplinas cursadas, as atividades realizadas nesses cursos e as pesquisas para a escrita da dissertação, da tese e do relatório de pós-doutorado foram importantes para a minha formação e atuação enquanto pesquisadora no campo da educação musical.

A pesquisa de mestrado, que teve como foco a criação dos conservatórios estaduais mineiros, me ajudou a “fincar minhas raízes” no campo da educação musical. A dissertação intitulada “Educar pela música: um estudo sobre a criação e as concepções pedagógico-musicais dos conservatórios estaduais mineiros na década de 50” (Gonçalves, 1993) me fez ter contato com o ensino de música no meu estado, Minas Gerais, e me permitiu um olhar para o ensino-aprendizagem de música nessas escolas específicas de música. Apesar dessas escolas já estarem consolidadas no estado na década de 1990, quando a pesquisa foi realizada, ainda não havia trabalhos acadêmicos sobre a sua criação, aspectos do seu projeto pedagógico, sobre o seu ensino, em que circunstâncias políticas essas escolas foram se constituindo no estado.

Além do mais, este trabalho permitiu uma visão em uma escala mais ampla, no sentido proposto por Revel, 1998)⁴³, que entende que os fenômenos sociais mudam a partir da escala de análise, se no modo micro ou macro. Nesse sentido, esse trabalho procurou entender como esses conservatórios se localizavam no cenário do ensino de música no Brasil na época, trazendo para a discussão a reprodução de práticas musicais e pedagógicas presentes na época. Esse trabalho, sob a orientação da professora Maria Elizabeth Lucas, teve uma orientação qualificada, já que, como musicóloga e etnomusicóloga, me orientou na pesquisa em arquivos, entrevistas com colaboradores e preparou um olhar atento e refinado para aspectos que respondiam aos objetivos da pesquisa. Busquei alinhamentos teóricos sobre o ensino de música ministrado em escolas específicas de música e o modo como a tradição do ensino específico de música ecoa também nessas escolas, analisando a coexistência de tendências pedagógico-musicais na época, no Brasil.

Os conservatórios, dentre seus objetivos, visam participar da formação de professores de música que pretendem atuar como professores de canto orfeônico nas escolas de educação básica mineiras, já que se via no Brasil um arrefecimento das políticas de formação musical empreendidas por Villa Lobos à frente da Superintendência Educacional e

⁴³ Jacques Revel (1942) é um historiador francês. Foi diretor de estudos da “*École des hautes études en sciences Sociales*” na década de 1990.

Artística (SEMA). Percebia-se, portanto, em Minas Gerais, a existência de duas formas distintas de abordagem do ensino de música: nas escolas de educação básica, a persistência do ensino de canto com seus ideais de desenvolver a disciplina, o civismo e a educação artística; e nos conservatórios, nos quais constatou-se a existência de um ensino de música associado ao repertório da música de concerto dos séculos XVIII e XIX, com base nos sistemas “tradicionalis” do estudo do instrumento.

No doutorado, sob a orientação da professora Jusamara Souza, me dediquei aos estudos das teorias expostas no item anterior, sendo a sociabilidade o foco da tese (Gonçalves, 2007). A sociabilidade permitiu “entrar” no cotidiano da aula de música em espaços de ensinar/aprender música em Uberlândia, nas décadas de 1940 a 1960, compreender meandros da prática pedagógico-musical nos “jeitos” de ensinar/aprender música, nos conteúdos, no repertório, bem como no tipo de interação no qual cada agente estava envolvido: seja quando se ensinava/aprendia, seja quando se tocava em conjunto ou individualmente, ou quando se apresentava na cidade ou fora dela. Enquanto categoria social, a sociabilidade permitiu mirar na organização de cada grupo em torno de práticas pedagógico-musicais e nas estratégias de sociabilidade atravessadas por ideias, valores, gostos envolvidos em produção e divulgação pedagógico-musical com suas especificidades.

A “sociabilidade pedagógico-musical” foi a categoria social que permitiu conceber o ensino-aprendizagem de música imersos na trama da vida cotidiana de Uberlândia, uma cidade com cerca de setenta mil habitantes entre anos de 1940 e 1970. Essa pesquisa expôs relações de aproximação, afastamento e diferenciação na cidade, as quais perpassavam as várias atividades de ensino-aprendizagem musical, como a frequência da aula de música e dos concertos, os contatos com os espaços sociais em que as práticas musicais estavam presentes, o acesso a essas práticas, bem como os laços estabelecidos entre os vários agentes (professores, alunos, músicos, maestros, diretores) e os espaços sociais (a escola, conservatório, a aula de música, os grupos musicais – bandas de música, conjuntos orquestrais, salas de concerto, cinemas, dentre outros) no campo pedagógico-musical de Uberlândia, nessa época.

Inicialmente, a temática da sociabilidade foi inspirada no texto “Práticas musicais e classes sociais: estrutura de um campo local”, de Michel Bozon (2000), uma tradução da professora Maria Elizabeth Lucas (2000, p. 145), que tem como “objetivo entender a constituição social e cultural das hierarquias e processos de identidade que marcam a prática musical, bem como seu reverso, em instituições escolares e não escolares”.

Bozon (2000), com fundamentação na teoria de Bourdieu sobre os “campos locais”⁴⁴, analisou uma pequena cidade francesa - Ville Franche⁴⁵, incluindo os campos político, musical, o das atividades culturais e o das festas, considerando que “a descrição do seu funcionamento, permite ver como se faz o contato entre os indivíduos representantes das classes e das práticas sociais diferentes” (Bozon, 1984, p. 220)⁴⁶.

No que se refere ao campo da música, ao discutir laços sociais, processos de aproximação e afastamento, o funcionamento de associações musicais, os mecanismos de integração e pertencimento de várias camadas e campos sociais nas especificidades de uma cultura local, os fenômenos de sociabilidade representam para Bozon

um ponto de vista estratégico para o estudo de uma pequena cidade. De fato, o efeito do contato cotidiano, a coexistência e a coabitação de grupos e de indivíduos muito diferentes socialmente, a confrontação de estilos de ser em sociedade oposta que definem sociologicamente a situação dos grupos sociais em uma pequena cidade (Bozon, 1984, p. 13)⁴⁷.

O estudo de Bozon (1984) foi importante por associar o pensamento de Bourdieu à ideia de sociabilidade; e por estudar as hierarquias sociais, considerando a música como “um lugar por excelência da diferenciação” (Bozon, 1984, p. 147). Nessa linha, Bozon (2000) afirma que a música é um “fenômeno transversal, que perpassa todo o espaço de uma sociedade” e que “a prática musical constitui um dos domínios onde as diferenças sociais ordenam-se de maneira mais clássica e marcante, mesmo se os agentes sociais, [...], se recusem a admitir que a hierarquia interna da prática é uma hierarquia social”. O autor conclui que, “longe de ser uma atividade unificadora, no que concerne todos os ambientes sociais e todas as classes, a música é o lugar por excelência da diferenciação pelo desconhecimento mútuo; os gostos e os estilos seguidamente se ignoram, se menosprezam, se julgam, se copiam” (Bozon, 2000, p. 147).

⁴⁴ Inspirado na teoria dos campos de Bourdieu, Bozon define campo como “um conjunto de indivíduos, de grupos, de atividades, pertencendo a uma unidade local, unidos pelo fato de que eles servem-se mútua e regularmente de referência (positiva ou negativa)” (Bozon, 1984, p. 220).

⁴⁵ Villefranche-sur-Mer, uma pequena cidade operária francesa, localizada no sul da França, no departamento dos Alpes Marítimos, situada à beira do mar Mediterrâneo, na Costa Azul (Côte d'Azur).

⁴⁶ No original: “La description de leur fonctionnement permet de voir comment se fait le contact entre les individus représentant des couches et de pratiques sociales différentes”.

⁴⁷ No original: “une point de vue stratégique pour l'étude d'une petite ville. C'est bien en effet le contact quotidien, la coexistence et la cohabitation de groupes et d'individus très différents socialement, la confrontation de styles d'être en-société opposés qui définissent sociologiquement la situation des groupes sociaux dans une petite ville”.

Nesse contexto, para Souza (2014, p. 95), entender a música como prática social significa “compreender que as exigências técnico-musicais estão ligadas às práticas de sociabilidade nos grupos, na família, na escola, na igreja e na comunidade”. Sobre isso, Anne-Marie Green⁴⁸ reforça que, embora não se saiba claramente “porque” fazemos música, sabe-se que sua prática é exclusivamente humana, circunstancial, ou seja, uma expressão inherentemente humana, cultural, uma prática e fato social⁴⁹ (Souza, 2004), com relação direta e/ou indireta em relação ao seu contexto de produção.

Outro autor importante na construção da tese de que os indivíduos ensinam e aprendem música imersos em uma trama social organizada nas perspectivas micro e macro do contexto da sociabilidade é Riedel (1964), a primeira referência encontrada no campo da música. Esse autor considera a sociabilidade uma possibilidade de estudo das práticas musicais e da educação musical. Para ele, quem aprende música necessita adquirir um conhecimento musical que permita compartilhar experiências musicais em seu meio social. Assim, na sua concepção, um aluno de música “precisa de um conhecimento musical que o ajude a se identificar com o nível ocupado por seu professor, compositor, performer, regente preferidos; ou [...] que o distinga de sua família” (p. 152)⁵⁰.

Sob esse ponto de vista, para esse autor, um estudante que

pratica seu instrumento assiduamente não o faz somente porque gostaria de aprender tocar o instrumento, mas também porque gostaria de adquirir alguma habilidade com a qual possa agradar seus amigos, para ser aceito pelo grupo, para impressionar seus pais, adversários reais ou imaginários, ou membros do sexo oposto (Riedel, 1964, p. 152)⁵¹.

Foi nessa discussão sobre o conceito de sociabilidade que me dediquei no pós-doutorado, já que o conceito de sociabilidade utilizado na tese de doutorado foi o de Simmel

⁴⁸ Obra citada por Souza (2004) – (ver: GREEN, Anne-Marie. *Les comportements musicaux des adolescents. Inharmoniques* “Musiques, Identités”, v. 2, p. 88-102, mai. 1987).

⁴⁹ Segundo Durkheim (1972): “fato social é toda maneira de fazer, fixada ou não, susceptível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior: ou então, que é geral no âmbito de uma dada sociedade tendo, ao mesmo tempo, uma existência própria, independente das suas manifestações individuais” (ver: DURKHEIM, Emile. “O que é fato social?” *In: As regras do método sociológico*. Tradução de: Maria Isaura Pereira de Queiroz. 6. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972. p. 1-4, 5, 8-11).

⁵⁰ No original: “He [music student] wants that kind of knowledge that permits him to identify himself with the level occupied by his preferred teacher, composer, performer, or conductor; or, [...] to distinguish himself from his family”.

⁵¹ No original: “The student who practices his instrument assiduously does so not only because he wants to learn how to play the instrument, but also because he wants to acquire some skill with which to please his friends, to gain acceptance by a group, to impress his parents, real or imaginary adversaries, or members of the opposite sex”.

(1983a, 1983b)⁵², um dos primeiros autores a explicar empiricamente as dinâmicas de sociabilidade nos grupos sociais. Dada ainda essa perspectiva, ainda pouco flexível no seu conceito (o que viria a se transformar ao longo do século XX e início do XXI), o objetivo do estudo no pós-doutorado foi a sociabilidade pedagógico-musical como categoria analítica de processos de transmissão e apropriação do conhecimento musical, considerando o material empírico levantado durante o doutorado.

Foram realizadas muitas outras leituras de vários campos do conhecimento das ciências humanas, buscando aprofundar as teorias que tratam da sociabilidade. Gilberto Velho (2001, p. 203) lembra que Simmel estava preocupado, assim como Durkheim, na sua época, em definir o que é social e o que não é social. Para explicar esse fenômeno, Simmel (1983b, p. 168) trabalha com o conceito de “sociação”, que seria a “forma como os indivíduos se agrupam para satisfazer seus interesses”, enquanto a sociedade, propriamente dita, “é um estar com o outro, para um outro, com um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais” (*Idem*).

Velho (2001, p. 203) salienta que, depois de Simmel, a sociabilidade ganhou várias outras conotações, significados e usos.

A sociabilidade aparece constantemente ligada à problemática do cotidiano, da *daily life*. Quando se fala em sociologia da vida cotidiana, está-se falando do dia-a-dia [sic] literalmente, dos acontecimentos e das situações que não estão necessariamente ligadas às grandes questões estruturais. A antropologia tem uma contribuição muito forte nessa direção pelo fato de ter estudado, e de ter como uma de suas âncoras, família e parentesco - as relações familiares, as relações de parentesco, as regras de relação entre parentes, as regras de organização de casamento (Velho, 2001, p. 204).

É na complexidade e amplitude do conceito de sociabilidade que estão os estudos sobre a sociabilidade no campo da música e da educação musical. Nesse contexto, retomei a pesquisa, mas, desta vez, em diálogo com os estudos de Riedel (1964) e Bozon (1984, 2000). Enquanto Riedel relaciona sociabilidade e música (e, por que não, a educação musical, quando pensa o “fazer musical” em termos de relação de sociabilidade entre músicos e espaços nos quais convivem e interagem), Bozon estuda a música como fenômeno social transversal presente nas relações estabelecidas em grupos sociais e musicais diversos, nos

⁵² Georg Simmel (1858-1918) foi um sociólogo e filósofo alemão. Professor universitário admirado pelos seus alunos, teve dificuldade em encontrar um lugar no seio da rígida academia do seu tempo. Se interessava em entender os conteúdos e formas das interações dos indivíduos, principalmente, tendo em vista as mudanças da época em que vivia.

quais as redes de sociabilidade permitem visualizar os tipos de vínculos presentes nos espaços onde a música está presente.

Riedel (1964, p. 149) vê a música como uma forma de comportamento social que produz vários tipos de sociabilidade, que é caracterizada por ele em três categorias: a primeira, que abrange o sentimento de pertencer ao grupo; a segunda abrange o sentimento de estar em algum grupo através da *performance* musical, executando qualquer tipo de música; e a terceira, que promove a formação de grupos, organizações e sociedades de interesse. Esses três tipos de sociabilidade, para esse autor, se referem a todas as pessoas engajadas, de alguma forma, com a música, como os ouvintes, os executantes, os professores, os comentaristas, ou os compositores.

Para Bozon (1984), a sociabilidade faz parte do conjunto de acontecimentos e dos contatos que definem o universo social no cotidiano de um indivíduo. Mas Bozon considera que ver na sociabilidade apenas o esquema variado de relações dos indivíduos (na família, vizinhança, amigos, vida associativa etc.) é esquecer, de início, que os próprios indivíduos são uma engrenagem ativa desses agrupamentos humanos, que não existem fora deles, e, reciprocamente, que nenhum indivíduo pode existir sem um universo social cotidiano já em parte estruturado. De fato, as diferenças (e as semelhanças) entre indivíduos são, por sua vez, profundas, sociais e sistemáticas (p. 101).

Nesse pensamento, as semelhanças e diferenças entre os indivíduos são exacerbadas na proximidade. Enquanto a sociabilidade como um lugar de circulação e apropriação de capital social exprime aproximação, fazendo referência às relações prolongadas que um indivíduo mantém com outros indivíduos, a distância social exprime o afastamento. Nesse afastamento, os indivíduos colocam em cena diferenças grupais, diferenças de práticas sociais, culturais e/ou econômicas que, confrontadas, conduzem a estratégias de afastamento, de oposição ou de imitação. Dessa forma, para Bozon (1984), o indivíduo se define socialmente em um movimento duplo de aproximação (com o grupo social no qual está ou no qual gostaria de estar) e de distanciamento (do grupo do qual não se quer fazer parte).

Apesar de concluir que as ideias de Simmel (1983a, 1983b) sobre uma “sociabilidade pura”, desprovida de interesses, não dê conta das discussões propostas, considero que o pensamento relacional desse autor na construção da ideia de sociabilidade foi e é importante para entender os muitos aspectos envolvidos na sociabilidade, inclusive no que se refere à formação e organização dos grupos sociais. Esses estudos sobre sociabilidade ajudaram a mobilizar a socialidade como uma categoria social que permite analisar estratégias das pessoas em torno de práticas pedagógico-musicais movidas por interesses, valores e ideias

sobre fazer, sentir e pensar sobre música.

5.3.2 Orientações

Essa minha construção teórica foi me ajudando também a sedimentar aos poucos a minha atuação nas orientações, tanto na graduação quanto na pós-graduação. Cada objeto de estudo, cada saída metodológica diante dos temas, das características dos objetivos da pesquisa, das condições do aluno, do local da pesquisa foi uma escola de aprendizagem.

Enquanto orientações no campo da educação musical, elas podem ser divididas em duas partes: as orientações de TCCs de alunos da graduação e de dissertações de mestrado de alunos da pós-graduação.

Na graduação, a verticalização dos projetos não é tão evidente, já que as temáticas dos trabalhos são variadas e, de alguma forma, contemplam interesses dos alunos. Além do mais, o meu processo de construção da fundamentação teórica da educação musical como prática social aconteceu somente com a conclusão do doutorado em 2007.

Os trabalhos concluídos ao longo das décadas de 1990, 2000, 2010 e 2020, sob a minha orientação, estão organizados no Quadro 2 abaixo. Coloco em destaque os temas através dos quais o trabalho foi realizado, além das fontes de pesquisas utilizadas.

Quadro 2 - Temas, espaços e fontes de pesquisa de orientações de TCCs

Década 1990			
Temática/O que	Do que/Quando	Onde/espaço	Fontes
Programas de ensino	Curso de teclado	Conservatórios estaduais de música: Ituiutaba, Uberlândia e Araguari	- Programas de ensino de teclado - Questionários com professores de teclado.
Princípios psicológicos e epistemológicos	Sistema CLAM (Centro Livre de Aprendizagem Musical)	Escola do Zimbo Trio ⁵³	- Plano de ensino do Sistema CLAM.
Criação do Conservatório (1985) e Concepções pedagógico-musicais	No ano de criação do Conservatório	Conservatório estadual de música de Araguari	- Decretos, leis, resoluções, portarias, pareceres; - Planos de curso, anotações em diários de classe; - Entrevistas.
Princípios pedagógicos e metodológicos Conteúdos de métodos	Iniciação ao violão	Escola de Tárrega e Jodacil Damasceno	- Análise do método para violão de Francisco Tárrega - Entrevista prof. Jodacil

⁵³ Zimbo Trio é um trio instrumental brasileiro criado em 1964 e formado, originariamente, por Amilton Godói ao piano, Luis Chaves no contrabaixo e Rubinho Barsotti na bateria (ver: https://pt.wikipedia.org/wiki/Zimbo_Trio).

de iniciação ao violão			Damasceno.
Desenvolvimento auditivo e melódico	Proposta de Edgar Willemens	Concepções do autor -	Estudo bibliográfico em obras escritas por Willemens.
Presença do curso de Magistério de Educação Artística	Implantação e término	Conservatório Estadual de Araguari	Pareceres, leis, resoluções do CEE, grades curriculares, planos de curso e diários de classe - Entrevistas.
Função da canção	Livro e material didático	Coleção “Nova Edição Pedagógica Brasileira” (pós lei 5692/71).	- Análise do conteúdo.
Concepções sobre processo de musicalização	Livros didáticos para professores de música	- Música na escola primária, de Edna Almeida Del Valle e Niobe Marques da Costa (1970)	- Análise do conteúdo dos dois livros.
Concepções de música, ensino de música (conteúdos e procedimentos pedagógicos.	Coleção - material didático publicado as escolas brasileiras “Bolsa Nacional do Livro” (BNL) para professores	Coleção “Nova Edição Pedagógica Brasileira” (pós lei 5692/71).	- Análise do conteúdo de dos livros.

Década 2000

Estrutura e funcionamento do ensino de flauta doce	Curso de flauta doce	Conservatórios estaduais de música: Ituiutaba, Uberlândia e Araguari	Programas e planos de curso.
Aspectos históricos, filosóficos e metodológicos	Canto orfeônico	Em escolas brasileiras	Pesquisa bibliográfica - livros, artigos que tratavam do canto orfeônico no Brasil.
Características de acervos de livros e materiais didáticos de música	Catalogação de livros e material didático	Bibliotecas de escolas estaduais e municipais de Araguari	- Bibliografia comentada de 118 títulos de livros: (livros específicos de música, livros didáticos não específicos e materiais didáticos).
Função da canção	Livros e material didático	- Educação musical para a pré-escola, de Nereide Schilaro Santa Rosa (1990).	- Análise do conteúdo.
Características de acervos de livros e materiais didáticos de música	Livros e material didático	Bibliotecas de escolas estaduais e municipais de Uberlândia	Organização e características do acervo de levantado na primeira fase da pesquisa.
Características de acervos de livros e materiais didáticos de música	Livros e material didático	Bibliotecas de escolas particulares de Araguari	Organização e características do acervo de levantado.
Conteúdos de métodos para o ensino de flauta doce	Curso de flauta doce	Ensino fundamental e médio dos Conservatórios estaduais de música: Ituiutaba, Uberlândia e Araguari	Bibliografia comentada dos conteúdos dos métodos de flauta doce utilizados nos programas dos Cursos de flauta doce.
Concepções de ensino de música	Curso de flauta doce	Conservatório estadual de música de Ituiutaba.	- PPP do Conservatório, planejamento e programas de ensino do Curso de Flauta

			doce.
Características de acervos de livros e materiais didáticos de música	Livros e material didático	Bibliotecas de escolas estaduais e municipais de Uberlândia	- Organização e características do acervo de livros encontrados em todas as escolas da cidade de Uberlândia.
Formação musical	Zelio Sanchez Navarro	Família	- Entrevista com o pai; - Imagens.
Documentação e análise de características	Encontros de flauta doce (7 edições)	Conservatório estadual de música de Ituiutaba	- Pesquisa documental analítica; - Projetos dos encontros, vídeos, gravações, palestras, programas de recitais, artigos de jornais e revistas.
Práticas pedagógico-musicais	“Coral Vozencanto” - crianças de 7 a 16 anos	Conservatório estadual de música de Ituiutaba	- Observação de ensaios; - Entrevista com a regente.
Processo de ensino-aprendizagem musical na interação musical	Conjunto de violões	Conservatório estadual de música de Uberaba	- Observação dos ensaios do grupo.
Presença da aula de música na escola	Revista da ABEM (n.1 ao n. 27 – 1992-2012)	Associação Brasileira de Educação Musical	- 22 artigos da Revista da ABEM que argumentam sobre a música na escola.
Construção do conhecimento musical	Banda Metalcore <i>Beneath Legace</i>	Uberlândia-MG	- Observações de ensaios em 4 estúdios diferentes; - 5 entrevistas com participantes da banda.
Princípios e procedimentos pedagógicos preparação de alunos para concurso de piano	Concurso Abrão Calil Neto	Conservatórios estadual de música de Ituiutaba	- Entrevistas com 3 professoras que preparam alunos para concurso.
Sentidos construídos com a música	Projeto social “Orquestra viva”	Uberlândia-MG	- Entrevistas com 4 participantes do projeto (15 a 17 anos).
Trânsito de músicos entre os universos da música popular e música erudita	Músicos que atuam em espaços variados, principalmente, em eventos e bares	Uberlândia-MG	- Entrevistas com 4 músicos (violonista, percussionista, saxofonista e cantor).
Atuação e formação de produtores musicais	Produtores atuantes na cidade	Uberlândia-MG	- Entrevistas com 3 produtores musicais atuantes em Uberlândia.
Experiências de aprendizagens musicais	Construção do álbum “Nunca estou só”	Uberlândia-MG	- Entrevistas com 4 participantes do grupo “AMI”; - O Álbum “Nunca estou só”.
Formação musical na igreja	Na igreja Assembleia de Deus	Uberlândia-MG	- Entrevistas com 3 maestros da igreja (Coral, Orquestra e da Banda).
Papel do projeto social na formação cidadania de jovens	Projeto social “Orquestra Jovem de Uberlândia”	Uberlândia-MG	- Entrevistas com 4 participantes do projeto (14 a 18 anos).
Processos de socialização em grupos musicais	Banda Jovem de Uberlândia (projeto da Banda Municipal de Uberlândia)	Uberlândia-MG	- Observações de ensaios; - Entrevistas com 4 jovens participantes da banda (3 mulheres e 1 homem).
Funcionamento e atuação de grupos musicais	Atuação no mercado de casamentos	Uberlândia-MG	- Entrevistas com líderes de grupos de casamento.
Percursos de transição vocal	Cantores transmasculinos	Vídeos do YouTube	- Vídeos do YouTube.
Estrutura e organização	Do grupo “Udia Cello	Uberlândia-MG	- Entrevistas com prof.

de grupos musicais	<i>Ensemble”</i>		Kayami e o membro mais antigo do grupo – guardião do arquivo do grupo; - Fotos, programas de concertos, artigos de jornais e revistas, mídias sociais, imagens.
O ensino de música nas escolas	Visão dos Parâmetros curriculares para o Terceiro e Quarto ciclos	Documento - Parâmetros curriculares para o Terceiro e Quarto ciclos	Análise de conteúdo dos Parâmetros Curriculares.
Relações com o canto, com o cantar em coral	Coral do AFRID (Atividades Físicas e Recreativas para Terceira Idade)	Projeto de extensão do Curso de Educação Física da UFU (Uberlândia-MG)	- Entrevistas 9 mulheres que participantes do Coral.
Ser professor de música	Memorial pessoal da aluna	Aluna do Curso de Música da UFU	- Narrativa autobiográfica.
História de vida de professor de música	Professor Napoleão Gonçalves Moreira	Professor do Conservatório estadual de música de Ituiutaba	- 3 entrevistas com o prof. Napoleão Gonçalves Moreira.
História de vida de músico e regente	Músico Napoleão Gonçalves Moreira	Professor do Conservatório estadual de música de Ituiutaba e músico na cidade	- 4 entrevistas com o prof. Napoleão Gonçalves Moreira.
Criação de banda de música	Associação Musical Lira Abadiense	Abadia dos Dourados-MG	- Fontes documentais (atas, estatuto certidões); - Entrevistas com 4 participantes da banda da época; - Memórias do autor.

Década de 2010

Experiência musical	Coral “Pequenos cantores de Cássia-MG”	Cidade de Cássia-MG	- Fontes escritas (artigos do jornal “A Vanguarda” (1910-1970); - Imagens e fotos.
Bandas de música da cidade de Cássia-MG	Função das bandas de música e sua relação com a cidade	Cidade de Cássia-MG	- Fontes escritas (artigos do jornal “A Vanguarda” (1929-1945); - Imagens e fotos
Organização e a estrutura do ensino de música na educação infantil	Referencial curricular Nacional para a educação infantil	Documento Referenciais curriculares para a educação infantil	Análise de conteúdo dos Parâmetros.
Aprendizagem musical na terceira idade	Centro de Atendimento Integrado ao Idoso (CEAI)	Uberlândia-MG	- Entrevistas com 10 idosos e idosas que participantes de corais dos CEAI.
Criação, organização e extinção da banda de música	Banda Municipal Santa Cecília	Canápolis-MG	- Artigos de jornais da cidade, fontes iconográficas (fotos, instrumentos, uniformes); - Relatos orais de 4 músicos.
Atuação da banda feminina na cidade (1959-1962)	Banda Lira Feminina	Uberlândia-MG	- Entrevistas com 3 mulheres que participaram da banda; - Artigos de jornais (1961 e 1962)
Experiências musicais na preparação e participação em concursos musicais	Concurso Paulo Bozígio	Alunos de violoncelo do prof. Kayami Satomi de Uberlândia-MG	- Entrevistas com 3 alunos de violoncelo participantes de concursos; - Entrevista com professor

			prépara os alunos para o concurso.
Década 2020			
Escuta musical no ensino aprendizagem de música na pesquisa na área da educação musical	Em 3 revistas internacionais de 2001 a 2019 - <i>Journal of research in music education</i> - <i>British Journal of music education</i> - <i>International Journal of Music Education da ISME</i>	ISME - internacional	- Estado da arte; - Revisão bibliográfica; - Fontes artigos das revistas.
Experiências heteronormativas de professores de canto gays	3 Professores gays quando eram alunos de canto	Professor universitário, prof. de canto particular e prof. do conservatório	- Entrevistas com professores de canto.
Proposta de ensino-aprendizagem de composição musical na educação básica	Do livro <i>Minds on music: composition for creative and critical thinking</i>	Educação básica dos EUA	- Análise de conteúdo do livro.
Estrutura e funcionamento de uma bateria universitária	Bateria Artilharia (Artes da UFU)	Universidade Federal de Uberlândia-MG	- Mensagens do grupo de Whatsapp.
Ensino do trompete	Curso de trompete (1952 a 1982)	Conservatório Estadual de Uberlândia	- Documentos do conservatório: diários de classe; - Artigos de jornais; - Entrevistas.
Práticas pedagógico-musicais de professores de música	Escola de educação básica	Uberlândia-MG	Entrevistas com professores de música da educação básica.
Antônio Melo como professor de música	De 1950-1960	Cidade de Uberlândia-MG	- Entrevistas; - Artigos de jornais e revistas.

Fonte: Quadro elaborado por mim para este memorial.

Em sua maioria, os trabalhos adotam referenciais de análise trazidos nas suas respectivas revisões bibliográficas. Os objetos de estudo passam pelos seguintes temas: estudos e organização de acervos de livros didáticos de música; análise de conteúdos de métodos de ensino de música (de instrumentos musicais, de conteúdos musicais diversos); concepções de ensino de escolas de música; organização, estrutura e funcionamento de escolas, de cursos de instrumento, de grupos musicais, de programas de ensino; concepções de música e do seu ensino na organização de conteúdos, estratégias e procedimentos de ensino de música, de grupos musicais diversos (corais, violoncelo, flauta doce). Também são discutidas experiências musicais, aprendizagens musicais em grupos musicais e aspectos da formação e atuação de músicos e professores de música em espaços e tempos variados (escolas de música, igrejas, famílias), além do conteúdo de documentos oficiais (leis, decretos, material didático).

Os trabalhos da graduação foram uma oportunidade de experimentação de ideias, que precisavam ser conduzidos a partir das habilidades de escrita dos alunos e da organização de passos para análise, com formas de ensinar o aluno a organizar o seu pensamento: como fazer dois ou mais textos “conversarem”? Como organizar um projeto ou um relatório (final ou parcial) de pesquisa? Como estar em campo? Como elaborar um roteiro de entrevista? Como fazer uma entrevista?

Nessa perspectiva, o trabalho com os orientandos da graduação foi um lugar de “didatizar” a pesquisa. Contudo, apesar de “colecionar” livros de metodologias de pesquisa, eles pouco elucidam “como ensinar” os alunos a realizarem essas atividades. Ao longo dos anos, concentrei meus esforços no trabalho e no desenvolvimento dessas habilidades dos alunos na pesquisa, acreditando que a pesquisa é mais um recurso para a formação de músicos e professores de música. Tomanik (2004, p. 26) defende que “o conhecimento das teorias e das formas de investigação próprias da sua área são tão importantes quanto, ou até mais do que, a aprendizagem de técnicas de atuação”. O autor acredita que, ao ter uma atuação coerente, frente a situações específicas, “o profissional precisa basear todas as suas ações num conhecimento profundo da realidade onde ocorreu aquela situação”.

Quando se trata da iniciação científica, outro eixo das orientações na graduação, das doze concluídas, onze delas tiveram como objeto de análise três tipos de fontes: o livro didático (2 trabalhos), a formação de professores na revista da ABEM (1 trabalho), artigos de jornais que circularam na cidade de Uberlândia de 1889 à década de 1980 (6 trabalhos) e o “Acervo de Imagens do Curso de Música da UFU” (2 trabalhos concluídos)⁵⁴. Uma IC está em andamento para dar continuidade à análise do Acervo de Imagens do Curso de Música da UFU. Esse tipo de trabalho não demanda aprovação do Conselho de Ética da UFU e, além disso, esses trabalhos foram importantes para o levantamento e organização de fontes e acervos para a pesquisa em educação musical.

Quando se trata de temas das dissertações de mestrado (Quadro 3), eles têm temáticas variadas e observa-se que as orientações não colocam em foco um tema, ou outro. No mestrado, o projeto de orientação passa mais por uma orientação teórica do que exatamente temática.

⁵⁴ Sobre esse acervo, Lidia Alves de Lima, durante a pandemia, após concluir suas duas ICs com a análise do Acervo de Imagens do Curso de Música da UFU, com o apoio da Lei Aldir Blanc, escaneou uma parte desse Acervo e disponibilizou as imagens digitalizadas no seguinte link: <https://drive.google.com/drive/folders/10F7TSEW5a5kwky-yFjIyyurvrlzgcTI>

Quadro 3 - Temas, espaços e fontes de pesquisa de orientações de dissertações de mestrado

Década 2010			
Temática/O que	Do que/Quando	Onde/espaço	Fontes de pesquisa
Experiências musicais de idosas	Coral do AFRID (Atividades Físicas e Recreativas para a Terceira Idade)	Uberlândia-MG	- Entrevistas com 10 participantes do Coral do AFRID, de 64 a 81 anos de idade.
Ensino-aprendizagem de música no ensaio da orquestra	Orquestra Camargo Guarnieri	Uberlândia-MG	Observação dos ensaios da Orquestra; - Relatórios das atividades da Orquestra; - Entrevistas com 2 regentes e 1 assistente que passaram pela orquestra.
Relações estabelecidas com a música em fases da vida no recreio escola	Na escola de ensino fundamental	Uberlândia-MG	- Observações livres no recreio; - Entrevistas em grupo e individuais com 32 crianças 1º ao 5º ano.
Experiências de aprendizagens musicais em fases da vida	Na aposentadoria	Uberlândia-MG	Entrevistas com 9 aposentados participantes de corais e/ou têm aulas de instrumentos musicais.
Ações pedagógico-musicais com o piano	Piano na cidade	Uberlândia-MG	- Consultados cerca de 700 artigos que circularam em jornais que circularam na cidade (primeira década de 1910 a década de 1950).
Práticas musicais de alunos do conservatório no tempo livre	- Intervalos, recreios, apresentações	Ituiutaba-MG	- Observações livres: corredores, intervalos, recreios, apresentações; - Entrevistas com 14 alunos (7 a 21 anos) em grupos.
Processos de aprendizagens musicais no instrumento através do videogame	Jogo <i>Rocksmith</i>	Jovens de Uberaba que aprenderam tocar guitarra pelo jogo	- Observações jogando o jogo: individuais e 3 coletivas; - 2 participantes de 15 e 19 anos.
Relações de ensino-aprendizagem de música	Corporação Musical Nossa Senhora do Carmo (1985-2014)	Arcos-MG	- Artigos de jornais de 2 acervos particulares (periódicos 1915-2010); - Entrevistas com 12 participantes da banda (que estiveram na banda entre os anos de 1950 e 2015 – cada participante com/em tempos diferentes).
Ensino-aprendizagem musical na montagem (preparação e apresentação) de um musical na escola	Musical <i>Wicked</i> na escola de educação básica	Uberaba-MG	- Documentos escritos (PPP da escola, planejamentos de musicais anteriores, artigos de jornais do acervo da regente sobre as montagens anteriores; - Diálogos do grupo de WhatsApp – do grupo de cantores; - Postagens no Facebook de familiares e participantes do musical; - Observação de ensaios, audições, aulas, espetáculo final.
Representações de ensino-aprendizagem de música	Livros didáticos de arte o PNLD (2015-2017)	Brasil	- Livros (Aluno e do Professor) aprovados PNLD/Arte destinados ao ensino fundamental - séries iniciais (três coleções), ensino fundamental -séries finais (duas

			coleções) e ensino médio (duas coleções) – 2015, 2016 e 2017.
Relações com práticas musicais com diferentes grupos etários da EJA	Educação de jovens e adultos na educação básica (Ensino Médio)	Uberlândia-MG	- Observação aulas de arte de 6 turmas de EJA do ensino médio; - Realização de 3 grupos focais com cada turma.
Formação e atuação de músicos	Em/de casamentos	Uberlândia-MG	- Entrevistas com 5 músicos que tocam/cantam em casamentos (3 cantoras, um saxofonista e um violinista).

Década 2020

Operação do gênero na voz e construção de performances vocais	Cantores transgêneros	3 cidades brasileiras	Entrevistas - entrevistas com 2 transfeminino e 1 transmasculino.
Relações com a escuta no espaço digital de plataformas de <i>streaming</i>	Spotify	(pesquisa a partir de redes sociais)	- Questionário disponível em redes sociais – 111 respostas aos questionários.
Relações de escuta musical	Na família	Franca-SP	- Observações de reuniões familiares que aconteciam às sextas-feiras.
Construção de escuta de música clássica	Ouvintes em geral	Residentes em Uberaba	- Entrevistas com 4 participantes – 3 homens (31, 62 e 75 anos) e 1 mulher (37 anos).
Aprendizagens musicais no processo de produção fonográfica	EP Algazarra da Banda Mocho Rei	Uberlândia-MG	- 2 grupos focais com a participação de 5 músicos do grupo Mocho Rei (4 rapazes e 1 moça).
Processos pedagógicos nas práticas musicais coletiva	Relações estabelecidas entre pianista colaborador e o cantor	Pianistas – colaboradores brasileiros	- Entrevistas – 4 entrevistas com pianistas colaboradores (1 mulher e 3 homens, dentre eles um que vive no exterior).
Vivências musicais de imigrantes	Escola específica de música	Uberaba	- Entrevistas – 2 entrevistas (1 com família de imigrantes venezuelanos e 1 imigrante haitiana).
Aprendizagem de práticas criativas de produtores-compositores	Cena do rap, do trap e do funk	Uberlândia	- Entrevistas com 2 produtores musicais (22 – 1 entrevista e 24 anos - 2 entrevistas).

Fonte: Quadro elaborado por mim para este memorial.

Ao longo dos anos, como exposto, busquei orientar os alunos a pensar a educação musical como um campo de conhecimento, na perspectiva da educação musical enquanto prática social e epistemologicamente orientada, colocando o cotidiano dos fazeres pedagógico-musicais e a análise do social no centro dos processos de transmissão e apropriação do conhecimento musical (Kraemer, 2000). Longe de compreender a apropriação como um processo em que quem aprende música atua apenas como um receptáculo nas relações de aprendizagem, a perspectiva sociocultural aqui adotada entende que apropriar-se implica também significar, ressignificar e criar sentidos nas experiências musicais e/ou pedagógico-musicais vividas pelas pessoas nos diversos tempos e espaços sociais em que convivem e partilham a música. Nesse processo, a preocupação é ter em vista essas práticas

no cotidiano sem perder de vista os processos educativo-musicais, evitando, portanto, uma análise que caia na sociologia da música, por exemplo.

Souza afirma que estudos que envolvem o cotidiano buscam

restaurar as tramas de vidas que estão encobertas; procurar no fundo da história figuras ocultas; recuperar a pluralidade de possíveis vivências e interpretações; desfiar a teia de relações cotidianas e suas diferentes dimensões de experiências fugindo dos dualismos e polaridade, e questionando dicotomias (Souza, 2025, p. 20-21).

Nesse sentido, os trabalhos têm buscado entender a “realidade vivida”, relacionada “ao senso comum e que recuperam a possibilidade de produzir conhecimentos sobre a vida comum, os pensamentos rotineiros e ordinários da vida de todos” (Souza, 2025, p. 18).

São trabalhos que focaram em entender experiências de idosas com a música a partir das lembranças (Marques, 2011). Ao todo, 10 idosas com 64 a 81 anos de idade, que tiveram poucas oportunidades de estudarem música ou porque os pais ou maridos não deixaram, tiveram que assumir a criação dos filhos e, mesmo cantando no Coral, achavam que não sabiam música, pois não tinham estudado música em uma escola.

Outro trabalho que coloca em vista “momentos da vida” é o de Mata (2014), que se propõe a estudar experiências vividas por aposentados. Neste, o trabalho deixa de ser impedimento para aprender música, ou seja, a aposentadoria é o momento em que as pessoas passam a ter “tempo para aprenderem música”. Nesse trabalho, o aposentado foi visto “como um sujeito que está passando por um processo de modificação social, e que a música é vista como uma oportunidade para que essa nova inserção social aconteça de forma prazerosa e rica de conhecimento” (Mata, 2014, p. 120).

Sobre espaços de ensinar-aprender música, o trabalho de Silva (2012) busca explicar o ensino-aprendizagem de música no ensaio da orquestra, compartilhado nos processos interativos vividos por músicos em níveis diferentes de formação na Orquestra Camargo Guarnieri⁵⁵. Além disso, passa a enxergar o ensaio como espaço no qual também se ensina/aprende música com suas hierarquias e relações na construção do repertório da música de concerto. O ensaio (Silva, 2012).

⁵⁵ A “Orquestra Camargo Guarnieri” da UFU foi criada em 1999 a partir da iniciativa de dois alunos Ruth de Sousa e Lucas de Paula Barbosa. Foi regida por Ruth de Sousa, inicialmente e, posteriormente, pelos professores Flávio Santos (2000-2008) – com o apoio de Mábio Duarte a partir de 2004, e Kayami Satomi (2008 até por volta de 2014).

Outro trabalho nessa categoria é o de Oliveira (2015), que estudou práticas musicais realizadas fora da aula de música, ou seja, nos espaços/tempos do/no Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zóccoli de Andrade” de Ituiutaba-MG. Nesse trabalho, buscou-se compreender quais eram essas práticas musicais, como aconteciam e como se organizavam nos espaços/tempos em que os alunos estavam no Conservatório, no caso, fora da aula de música, nos corredores, pátio, hall e, até mesmo, em horários vagos, recreios, horários burlados, entre outros.

Todos esses trabalhos, de alguma forma, colocam a música e as relações com a música em evidência numa construção dialética em que pessoas, ao se envolverem com a música, transformam e são transformadas nesse processo de experiência nos espaços em que a vivenciam. Nessa perspectiva, cinco trabalhos buscam entender essas relações estabelecidas com a música e o espaço social no qual é vivida e experienciada: o de Scarpelini (2013), que abordou as relações que crianças do ensino fundamental 1, de uma escola de educação básica de Uberlândia, estabeleciam com a música no recreio escolar; o de Rezende (2016), que discutiu a constituição - como se dava ou se organizava - do ensino/aprendizagem musical de músicos a partir das relações sociais que estabeleciam no espaço da banda “Corporação Musical Nossa Senhora do Carmo”, da cidade de Arcos-MG; o de Gonzaga (2019), que concentra sua pesquisa nas relações musicais que são estabelecidas com a música e como essas relações são potencializadas pelas especificidades na/pela convivência das diferentes gerações a que pertencem os grupos etários da EJA, os quais cursam o ensino médio na escola; o de Scandar (2018), que destaca os processos envolvidos no ensino-aprendizagem de música na montagem (preparação e apresentação) de um musical, no caso, o *Wicked*⁵⁶, em uma escola de educação básica; e, por último, o de Souza Júnior (2025), que foca nas relações estabelecidas entre pianista colaborador e cantores na prática musical coletiva, buscando aprofundar a compreensão dessas relações sociais no contexto da música colaborativa, na perspectiva da sociologia da educação musical.

Com temáticas que “conversam”, esses trabalhos, de alguma forma, passam processos e ensino-aprendizagem mediados pelas tecnologias, cujas especificidades enquanto “produto social” terão impactos importantes tanto na relação que os indivíduos estabelecem com a música e, ao mesmo tempo, como suas aprendizagens podem e são transformadas por

⁵⁶ *Wicked*: a história não contada das bruxas de Oz (do original *Wicked: The Untold Story of the Witches of Oz*) é um musical composto por Stephen Schwartz com libreto de Winnie Holzman. Conta a história não contada das bruxas de Oz, focando na complexa amizade e rivalidade entre Elphaba (a futura Bruxa Má do Oeste) e Glinda (a futura Bruxa Boa do Norte) desde a infância ([Wicked \(musical\) – Wikipédia, a encyclopédie libre](#)).

essa relação. O primeiro, o de Mota (2016), estuda aprendizagens da guitarra elétrica através de um jogo do videogame, o *Rochsmith*, o qual utiliza uma “guitarra de verdade” para aprender rock, simulando o “tocar de verdade”; o segundo, o de Souza (2024), trata das aprendizagens musicais de um grupo musical Mocho Rei, criado em 2019 por músicos, em sua maioria estudantes do Curso de Música Popular da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) na produção fonográfica do EP “Algazarra”⁵⁷; o terceiro, o de Costa (2025), foca em saberes, aprendizagens e identidades de práticas criativas de músicos produtores-compositores que atuam na cena do rap, do trap e do funk na cidade de Uberlândia-MG. Esses músicos tiveram sua formação mediada pela internet, principalmente em cenas periféricas da música na cidade de Uberlândia. Esses trabalhos trazem para a discussão o quanto as tecnologias transformaram não só os processos de produção, consumo e distribuição da música, mas também os tempos e espaços das experiências musicais, bem como os processos envolvidos no seu ensino-aprendizagem.

Vale ressaltar que uma forma de pensar socialmente as práticas musicais e educativo-musicais como sociais, imersas em teias de relações cotidianas, em tempos/espaços nos quais a música é experienciada, está nos seguintes trabalhos: o de Cunha (2014), no qual a presença do piano e suas ações pedagógico-musicais de 1888 a 1957 foram analisadas a partir de artigos de jornais que circularam em Uberlândia⁵⁸; o trabalho sobre a formação e atuação de músicos em casamentos, de autoria de Simão (2019), que instiga o olhar para compreender como se dá a atuação e formação desses músicos de casamentos na cidade de Uberlândia-MG, considerando, a partir do conceito de socialização profissional, a entrada, permanência e projeção profissional nesse espaço de atuação; o de Caldeira (2020), que destaca em sua dissertação como o gênero opera na construção de performances vocais de cantores e cantoras transgêneros, ao acreditar em uma estética vocal de gêneros, a qual dispõe os valores e significados para as vozes com base em padrões binários de masculinidades e feminilidades vocais naturalizados pela operação do gênero nas vozes; e o de Silveira (2025), que traz uma população que tem sido pouco vista nos estudos do campo da educação musical. Nesse último trabalho, uma família de imigrantes venezuelanos e uma freira hatiana são pesquisados em

⁵⁷ EP (*Extended Play*) é um formato de gravação musical mais longo que um single, mas mais curto que um álbum. Geralmente contém de 4 a 6 faixas e dura até 30 minutos, servindo como um lançamento intermediário que permite aos artistas explorar mais músicas sem a necessidade de um álbum completo (definição *IA Gemini do Google*).

⁵⁸ O material empírico deste trabalho, cerca de mais de 700 artigos de jornais que circularam na imprensa periódica de Uberlândia desde o final do século XIX foi levantado e organizado pelas pesquisas de Iniciação Científica realizadas por alunos do Curso de Graduação em Música.

suas vivências musicais em uma escola pública de música, considerando a escola de música como espaço de inserção e de convivência social.

Por último, considerando a escuta musical também como uma construção, estão três trabalhos em que essa prática musical é abordada na perspectiva social: o primeiro trabalho, de Rincon (2023), estuda a construção de escutas musicais por ouvintes que escutam música em sua vida cotidiana, em aprendizagens experienciadas nas várias instâncias de aprendizagens musicais de música clássica; o de Silva (2023), realizado na perspectiva da escuta musical como uma construção social, foca nas relações de escuta musical estabelecidas em encontros semanais de uma família. Nessas reuniões, um espaço físico e social de encontros, a escuta é atravessada por relações de geração e de gênero na forma como seus membros organizam suas estratégias e modos de escuta, além daquilo que escutam, como e porque escutam música; e, por último, o trabalho de Lima (2023), que se dedica a compreender as relações com a escuta musical no espaço digital do Spotify, analisando sua constituição e operação, explorando os vínculos dos ouvintes com o serviço de *streaming*, bem como as organizações e transformações da escuta ao revelar as relações estabelecidas pelos ouvintes com a sua própria escuta nesse espaço.

Em todos esses trabalhos, os indivíduos que vivem e experienciam a música são seres sociais e, como tais, não são iguais, e “constroem-se nas vivências e nas experiências sociais em diferentes lugares, em casa, na igreja, nos bairros, escolas, e são construídos como sujeitos diferentes e diferenciados, no seu tempo-espacó” (Souza, 2004, p. 10).

Epistemologicamente e metodologicamente, todos os trabalhos, como trabalhos nas perspectivas sociais, contemplam

o domínio das ações individuais, ações rotineiras e aparentemente não organizadas – como fatos sociais – situando-as em seu ambiente institucional simbólico. A prioridade está no efêmero, no contingente, no fragmento, no relato, no múltiplo, no sujeito. Embora privilegiem o sujeito, essas teorias estão cientes de que o sujeito individualmente com suas relações próximas e regulares não está isento de vínculos em relação às estruturas e classes sociais e ao sistema societal (Souza, 2025, p. 19).

Nesse sentido, a compreensão dos processos de ensinar-aprender música nas relações estabelecidas em práticas musicais individuais e coletivas considera “suas condições materiais e simbólicas”, bem como “os problemas que se apresentam no dia a dia como elemento para investigações e análises”. São trabalhos, em sua maioria, que focam em observações, entrevistas e grupo focais de pequenos grupos, com destaque para os sentidos e significados sociais que constroem nos “ambientes naturais em que vivem” (Denzin; Lincoln, 2006, p. 17).

5.3.3 Nos grupos de pesquisa

A minha primeira incursão em um grupo para produção coletiva se deu no âmbito do Núcleo de Educação Musical (NEMUS)⁵⁹ da UFU, um grupo que foi pensado como núcleo de ensino, pesquisa e extensão do Curso de Música da UFU na década de 1990. Apesar de ter promovido alguns eventos, ao longo dos anos, dada a diversidade e afiliação teórica das professoras, aos poucos a sua atuação foi se restringindo ao eixo pedagógico do Curso de Licenciatura em Música da UFU. É um grupo que discute os rumos do curso, das disciplinas, as reformulações curriculares necessárias aos componentes pedagógicos, às realidades vividas por alunos e professores no curso, ao enfrentamento de políticas públicas municipais, estaduais e federais no âmbito da música como componente curricular nos vários espaços escolares, dentre muitos outros temas associados com a nossa atuação na formação de professores de música.

Os trabalhos de produção coletiva de pesquisa aconteceram a partir de 2003, quando ingressei no doutorado em Música na UFRGS. Um dos grupos em que participei foi o grupo de “Produção de materiais didáticos”, através do qual produzi em coautoria 2 livros destinados a professores de música (Figura 37).

Figura 37 - Reunião do grupo de “Produção de materiais didáticos”



Fonte: Acervo pessoal.

⁵⁹ O Núcleo de Educação Musical da UFU (NEMUS) foi criado em 1998 com frentes de atuação no ensino, na pesquisa e na extensão, composto de 3 grupos: O Grupo de Ensino, Estudos e Pesquisa em Educação Musical (ensino), o Grupo de Pesquisa em Educação Musical (pesquisa) e o Grupo de Estudos em Educação Musical (extensão). Quando foi criado ele era composto pelas seguintes professoras: Cíntia Thais Morato, Lilia Neves Gonçalves, Margarete Arroyo, Maria Tereza B. Rezende, Sônia Tereza Ribeiro, Teresinha Araújo.

Mas o processo de formação para/na pesquisa começou quando conheci o grupo “Educação Musical e Cotidiano” (EMCO), coordenado pela professora Jusamara Souza, desde 1996, quando ele foi criado. Esse grupo tornou-se um pilar muito importante no meu processo de formação e atuação, bem como na minha produção bibliográfica e técnica na pesquisa ligada ao campo da educação musical ao longo desses mais de 20 anos.

A participação nesse grupo começou quando passei a frequentar suas reuniões durante o doutorado (Figura 38), mas que se estende até hoje, às segundas-feiras pela manhã. Esse grupo, a partir da pandemia, mais especificamente no final de 2020, passou a reunir-se de forma *on-line*, o que tem favorecido a participação dos componentes que não moram em Porto Alegre.

Figura 38 - Uma das muitas reuniões do EMCO, na sala do Curso de PPGMUS, da UFRGS



Fonte: Acervo pessoal.

Outra forma de estar com/no grupo em suas atividades consiste na participação dos seminários, que teve sua primeira edição em 2006. O objetivo foi, principalmente, discutir um projeto de pesquisa encomendado ao grupo intitulado a “Arte no cotidiano de crianças e adolescentes: uma pesquisa de avaliação do Projeto Pedagógico em Ação na 6ª Bienal do Mercosul”. Nesse evento, compartilhamos experiências de pesquisa entre os membros do EMCO, mediadores e professores, representantes da Fundação Bienal do Mercosul, bem como debatemos procedimentos de pesquisa para avaliação do projeto pedagógico em questão. Esse debate é apoiado na aplicação e análise de questionários e entrevistas com

professores e alunos que participaram das atividades. Esse foi o primeiro seminário das 15 edições que foram realizadas posteriormente, sendo que a última foi sediada na cidade de Xalapa-México, com convênio entre a UFRGS, Faculdade de Música da Universidad Veracruzana e a Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo (UAEH), em junho de 2025.

Dos 15 seminários, não estive presente em apenas um deles. Inicialmente foram realizados em Porto Alegre e, em 2013, o “VIII Seminário Educação Musical e Cotidiano” teve lugar, pela primeira vez, em outra cidade, Uberlândia (Figura 39). Esses seminários foram realizados em 2014, em João Pessoa (UFPB); em 2016, em Salvador (UFBA); em Salvador do Sul, em 2017 – este com a presença do sociólogo do cotidiano português, José Machado Pais; e, em 2018, em Bagé na Unipampa-RS.

Figura 39 - “VIII Seminário Educação Musical e Cotidiano”, do EMCO, realizado em Uberlândia, em 2013



Fonte: Acervo pessoal

Se esse grupo foi tão importante para a minha formação e atuação como pesquisadora no campo da educação musical, em 2009, diante de algumas pessoas interessadas em fazer pesquisa em educação musical, entender as teorias do cotidiano e os fundamentos da pesquisa na perspectiva da sociologia da educação musical, decidi também criar um grupo através do qual pudéssemos nos encontrar – nessa época, o EMCO só tinha reuniões presenciais.

Foi assim que esse grupo foi criado em 2009, com o nome “Música, educação, cotidiano e sociabilidade”, chamado posteriormente por MUSEDUC, com o objetivo de compreender a produção pedagógico-musical inserida no contexto das relações sociais, tendo como subsídio teórico as Teorias do Cotidiano e a música e educação musical como prática

social. Esse grupo procura discutir práticas músico-educativas e fundamentos dos fazeres musicais que permeiam as experiências das pessoas. O grupo também se preocupa com a organização de fontes de pesquisa para pesquisas na área da Educação Musical. Esse grupo olha o sujeito que aprende/ensina/aprende música nos muitos contextos sociomusicais, identificando caminhos de/para pesquisas na área da educação musical (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3812287400290523) (Figura 40).

Figura 40 - Reunião do grupo de pesquisa MUSEDUC



Fonte: Acervo pessoal.

As duas linhas de pesquisa do grupo são “Práticas e fundamentos educativo-musicais em contextos sociais diversos” e “Documentação e memória em/da Educação Musical”. A primeira linha tem como objetivo compreender a produção pedagógico-musical inserida nas relações sociais em/nos diversos contextos de ensino/aprendizagem musicais, tendo como subsídio teórico as Teorias do Cotidiano; e a segunda se propõe a levantar, analisar e interpretar a produção pedagógico-musical a partir de fontes escritas (documentos e jornais), orais (entrevistas, relatos orais) e iconográficas (objetos diversos e fotografias), contribuindo com a organização de fontes básicas para pesquisas na área da educação musical. Nesses dois aspectos, tenho estruturado minha produção e formação de pesquisadores tanto iniciantes, na graduação e na iniciação científica, quanto no curso de mestrado.

A partir da criação do MUSEDUC, também será criada uma parceria entre esses dois grupos. Continuando esse trabalho coletivo, em 2019, realizamos novamente na UFU o “XIV Seminário do EMCO” (Torres; Gonçalves, 2025), aproveitando para comemorar também os 10 anos de criação do MUSEDUC (ver figuras 41 e 42). Os eventos apontam para uma produção extensa do grupo e traduziram-se em momentos importantes, pois favorecem o compartilhamento das nossas pesquisas, ideias, laços de amizade e de compromisso com a pesquisa no campo da educação musical. Reafirmamos ainda a crença na proposta desse grupo de pesquisa, capitaneado pela professora Jusamara Souza ao longo dos quase 30 anos.

Figura 41 - “XIV Seminário do EMCO”, em 2019, realizado em Uberlândia



Fonte: Acervo pessoal

Figura 42 - XIV Seminário do EMCO, em 2019, realizado em Uberlândia, também comemorando os 10 anos do grupo de pesquisa MUSEDUC



Fonte: Acervo pessoal

A minha participação nesses dois grupos de pesquisa, no EMCO e no MUSEDUC, tem tido papel importante na minha formação como pesquisadora e na minha atuação na pesquisa, mais especificamente pela formação de pesquisadores desde a graduação até a pós-graduação, o que consubstancia um entrelaçamento dessas atividades experienciadas coletivamente.

Tenho estabelecido parcerias não só com a professora Jusamara Souza, mas também com os demais membros do grupo. Essas parcerias se dão, como mencionado, na organização de eventos, na colaboração em publicações, na composição de bancas de defesa de trabalhos. Temos tido bons e boas interlocutoras no debate das ideias e questões do campo da educação musical que nos tem movido.

5.3.4 Coordenação do GTE Sociologia da Educação Musical

Em 2021, a “Chamada de Grupos Temáticos Especiais”⁶⁰, assinada pelo Presidente

⁶⁰ A referida “Chamada de Grupos Temáticos Especiais” feita pela ABEM foi assinada pelo Presidente do Comitê Científico do XXV Congresso Nacional da ABEM, pelo Professor Dr. Mário André Wanderley de Oliveira, e pelo, então, Presidente da ABEM, Professor Dr. Marcus Vinícius Medeiros Pereira.

da ABEM e pelo Presidente do Comitê Científico da ABEM e do “XXV Congresso Nacional da ABEM”, foi emitida pela primeira vez. Essa chamada era proposta

a partir da necessidade de reestruturação dos Grupos de Trabalho tradicionalmente organizados nas chamadas de trabalhos da associação, o convida a comunidade acadêmica a indicar **Grupos Temáticos Especiais** com potencial de agregar pesquisadores/as, docentes, discentes e demais interessados/as e promover debates que contribuam para o avanço da produção e circulação de conhecimento da área (ABEM, 2021; grifos no original).

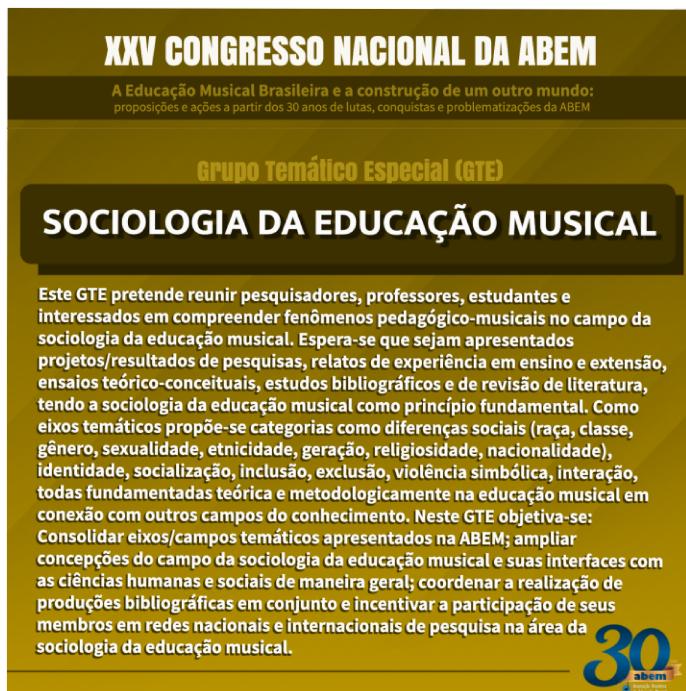
Também foi mencionado que o objetivo era “conhecer e avaliar a potencialidade das temáticas sobre as quais a comunidade acadêmica da ABEM” tinha se dedicado, “com vistas ao estabelecimento de Grupos de Trabalho fixos da associação” (ABEM, 2021). Foi quando, a convite da professora Jusamara Souza, submetemos para a avaliação do comitê científico a proposta de criação do GTE – Sociologia da Educação Musical, sob a coordenação da professora Jusamara Souza, minha e da professora Lúcia Teixeira (figuras 43 e 44).

Figura 43 - Divulgação do GTE – Sociologia da Educação Musical feita pela ABEM



Fonte: Cartaz de promoção publicado pela ABEM em suas redes sociais (2021).

Figura 44 - Ementa do GTE – Sociologia da Educação Musical divulgada pela ABEM



Fonte: Cartaz de promoção publicado pela ABEM em suas redes sociais (2021).

Fiquei com a coordenação geral desse GTE, cujas atribuições foram acessar o sistema *Open Conference System* (OCS)⁶¹, gerenciar a submissão, avaliação, apresentação e publicação dos trabalhos submetidos ao GTE. Nesse processo de avaliação, a coordenação mantinha contato com os avaliadores, com os autores e coordenava, no referido sistema, a entrega da revisão dos trabalhos para publicação nos anais do evento.

Em 2022, nos Encontros Regionais, realizados também *on-line*, o GTE de Sociologia da Educação Musical foi proposto apenas nas regiões Norte, Nordeste e Sul. Fiquei responsável pela coordenação das regiões Norte e Nordeste. Foram submetidos e aprovados 4 trabalhos para o “VII Encontro Regional Norte da ABEM” e 1 trabalho na “XVI Encontro Regional Nordeste da ABEM”, dos quais coordenei o processo de avaliação e a apresentação dos trabalhos no evento *on-line*.

Em 2023 foi submetido o GTE Sociologia da Educação Musical para o “XXVI Congresso Nacional da ABEM”, realizado de forma híbrida na cidade de Ouro Preto-MG, também sob a minha coordenação geral, juntamente com as professoras Jusamara Souza e

⁶¹ O sistema *Open Conference System* (OCS), um sistema de gestão de congressos, projetado para receber e publicar de trabalhos submetidos para apresentação em conferências, que gerencia a submissão, avaliação e publicação de trabalhos.

Lucia Teixeira. Nesse congresso, foram submetidos para avaliação 27 trabalhos, sendo 26 aprovados e 1 reprovado.

Em 2024, coordenei esse GTE no âmbito do “XVI Encontro Regional Sudeste da ABEM”, realizado em Vitória-RS. Nesse ano, o GTE Sociologia da Educação Musical foi realizado nos encontros regionais de todas as regiões brasileiras (Região Centro-oeste, Nordeste, Norte, Sudeste e Sul). No regional Sudeste foram submetidos e avaliados 5 trabalhos e todos aprovados.

Por último, foi realizado em Curitiba o “XXVII Congresso Nacional da ABEM”, no qual também estive na coordenação geral, mas com uma equipe maior, composta pelas professoras Lúcia Teixeira (Unipampa) e Jusamara Souza (UFRGS) e pelos professores Celson Henrique Sousa Gomes (UFPA) e Antônio Chagas Neto (UFCA). Para esse congresso foram submetidos 31 trabalhos para avaliação, sendo que 1 deles foi uma submissão duplicada e os demais 30 trabalhos foram aprovados para apresentação no evento.

Coordenar esse GTE, junto com outros colegas, tem sido uma experiência importante. O trabalho coletivo, os debates sobre os rumos desse grupo, a organização do processo de avaliação dos trabalhos e o contato com autores, bem como o acompanhamento dos trabalhos submetidos, têm sido interessantes. Percebe-se o aumento paulatino da submissão de trabalhos: foram 22 trabalhos em 2021, 26 em 2023 e 30 trabalhos em 2025, o que, aos poucos, parece consolidar interesses em comum no âmbito da ABEM. Esses encontros reúnem pesquisadores (iniciantes, pós-graduandos, pesquisadores profissionais) que se interessam em pesquisas com olhares e fundamentos da sociologia da educação musical. Aos poucos, os trabalhos vão adquirindo perspectivas e estratégias de pesquisa desenvolvidas no âmbito da sociologia, dialogando com trabalhos produzidos pelo grupo. O mais importante é que, no último Congresso da ABEM, pelo seu percurso, esse GTE foi considerado como permanente nos congressos da ABEM.

Essas experiências, além do pensar coletivo sobre rumos de um grupo que se interessa pela música e seu ensino na perspectiva da sociologia da educação musical, configuram um espaço importante para o estabelecimento de redes, de parcerias que buscam compartilhar conhecimentos nesse subcampo da educação musical. Ao mesmo tempo, possibilita uma atuação minha mais efetiva na ABEM e, também, junto ao grupo que coordena esse GTE.

5.3.5 Relação com a ABEM

A minha primeira incursão na ABEM se deu em 1993, quando foi realizado em Porto Alegre o “II Encontro Anual da ABEM”. Esse encontro havia sido criado no ano de 1991, enquanto o I Encontro foi realizado no Rio de Janeiro, em 1992. Vivi a movimentação dessa criação quando cursava o mestrado, sem ter a clareza do que era uma associação que envolveria pesquisadores, estudantes e professores de música.

O “II Encontro Nacional” foi o meu primeiro congresso da ABEM (ver Figura 45). Além de estar nas primeiras filas da plateia, vi pela primeira vez o professor Keith Swanwick no discurso de abertura com a professora Alda de Oliveira, então presidente da ABEM. Na época, a professora Alda de Oliveira já era ligada à “*Internacional Society of Music Education*” (ISME), discutindo temas em mesas de debates com Cristina Tourinho, Irene Tourinho, Liane Hentschke, Raimundo Martins e Marisa Fonterrada.

Figura 45 - Plateia do “II Encontro Anual da ABEM” 1993



Fonte: Foto (Abem, 1993, p. 14).

O meu envolvimento com a ABEM é desde aquele momento (figuras 46 e 47). Dos 27 congressos nacionais da ABEM realizados no país, em várias cidades brasileiras, estive presente em 20 deles - a partir do II Encontro realizado até o “XXVII Congresso Nacional da ABEM”, que aconteceu em Curitiba de 3 a 7 de novembro de 2025.

Figura 46 - Frente da Carteirinha de sócia da ABEM



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 47 - Verso da Carteirinha de sócia efetiva da ABEM



Fonte: Acervo pessoal.

Além da minha presença nesses eventos, procurei, ao longo dos anos, apresentar trabalhos nesses eventos da ABEM (Figura 48) e, após as orientações na pós-graduação, passei a incentivar os alunos a participarem dos congressos. Acredito que esses eventos constituem importantes espaços para compartilhamento de pesquisas realizadas, reflexões sobre temas ligados ao ensino e aprendizagem de música, o que coloca em perspectiva a área com suas forças, suas hierarquias e lutas enquanto campo de conhecimento.

Figura 48 - Certificado de apresentação do 1º trabalho na II Encontro Nacional da ABEM, em 1993



Fonte: Acervo pessoal.

Com a associação, o meu envolvimento mais de perto foi com a Revista da ABEM e com a Revista MEB entre os anos de 2007 e 2013. A convivência com os demais conselheiros foi importante para um processo colaborativo e para o meu entendimento e experiência com o processo editorial de revistas acadêmicas.

Posso dizer que, ao longo da minha atuação na universidade, tenho me dedicado também à atuação e participação coletiva em atividades realizadas no campo da educação musical, não só na universidade, com as minhas atividades laborais, mas também em uma atuação que vê a educação musical sob a perspectiva do envolvimento político e construída coletivamente.

5.3.6 Produção bibliográfica

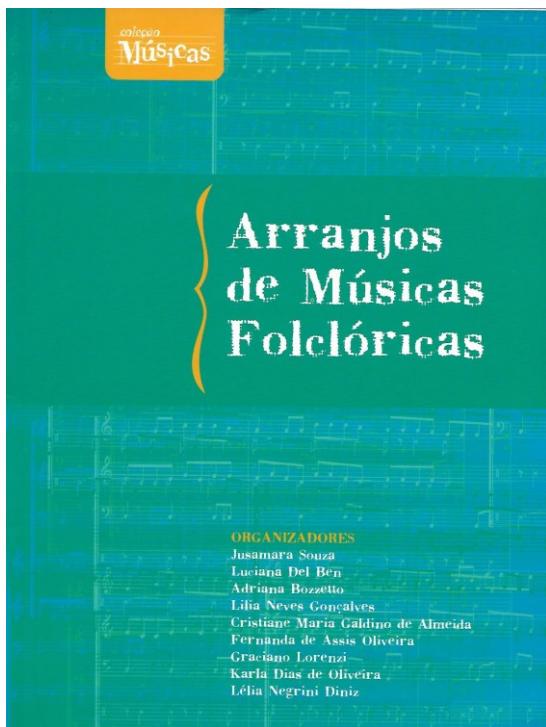
Grande parte da minha produção bibliográfica advém de trabalhos produzidos e publicados a partir da minha participação no Grupo de Pesquisa EMCO e das orientações realizadas, principalmente com alunos do curso de Mestrado.

A minha produção bibliográfica está organizada, até o momento, em 10 trabalhos publicados em periódicos, 5 coautorias na organização e edição de livros, 12 capítulos de livros e 48 trabalhos completos em anais de congressos (ver Apêndice I).

Dos 10 trabalhos publicados em periódicos, o primeiro foi na Revista Música Hoje, em 1997. Os demais foram publicados na revista Em Pauta (2 trabalhos), no Boletim do Núcleo de Educação Musical do DEMAC (1 trabalho), na Revista Horizonte Científico (1 trabalho), na Revista OuvirOuvir (2 trabalhos), na Revista Olhares e Trilhas (3 trabalhos). Participei da organização de 6 livros e escrevi 14 capítulos de livros.

A partir da minha participação no grupo “Produção de materiais didáticos”, também sob a coordenação da Profª. Jusamara Souza, foram produzidos e organizados os seguintes livros, em duas edições: “Arranjos de músicas folclóricas” (2005, 2012), “Palavras em cantam” (2006, 2013) (ver figuras 49, 50 e 51).

Figura 49 - Capa do livro “Arranjos de músicas folclóricas” (2005)



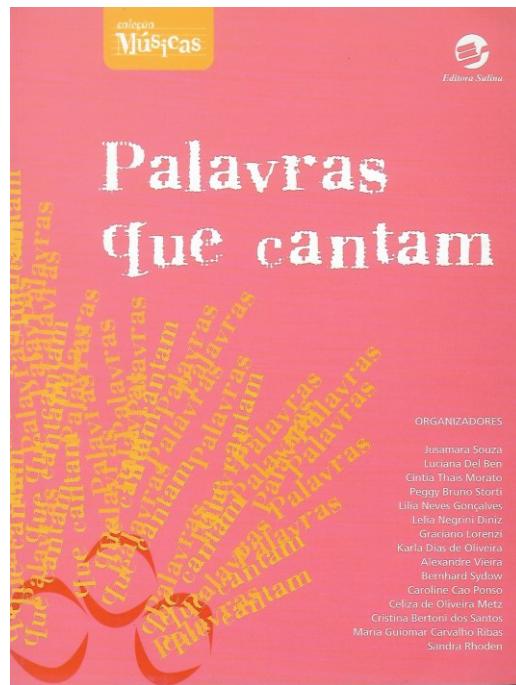
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 50 - Lançamento do livro “Arranjos de músicas folclóricas”, na Feira do Livro de Porto Alegre



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 51 - Capa do livro “Palavras que cantam” (2006)



Fonte: Acervo pessoal.

Também participei da organização de dois livros produzidos pelo grupo EMCO: para o primeiro, “O cotidiano no cotidiano da pandemia: reflexões e experiências com a educação musical” (Figura 52), dentre outras reflexões, trouxe como proposta para a escrita do livro as seguintes perguntas: “que tipo de aula estamos fazendo? Como estamos avaliando a oferta de

aulas de música, nos diferentes níveis da educação, neste período de pandemia? Como analisamos a participação dos professores e das professoras neste momento? Como vemos o contexto em que as aulas de música estão ocorrendo? O que refletir sobre os tipos de aulas que nós professores estávamos realizando durante a pandemia?" (Souza *et al.*, 2021, p. 7). Dentre essas temáticas, escrevi um capítulo intitulado "A aula de música na universidade - reflexões de uma professora: o ensino da pesquisa em tempos de pandemia da COVID-19", no qual refleti sobre as aulas de "Introdução à pesquisa em música", ministradas no curso de Música da UFU. Abordo as dificuldades no enfrentamento da pandemia no que se refere à inclusão digital dos alunos, à preparação do componente curricular que não parecia suficiente para lidar com o limite que a tela estabelecia na comunicação com os alunos durante as aulas, aos objetos de estudo de pesquisa dos alunos que já não podiam ser os mesmos e, também, aos procedimentos metodológicos. Essas reflexões passaram mais uma vez pela ciência e os limites impostos pelas condições sociais estavam presentes.

Figura 52 - Capa do livro "O cotidiano no cotidiano da pandemia".

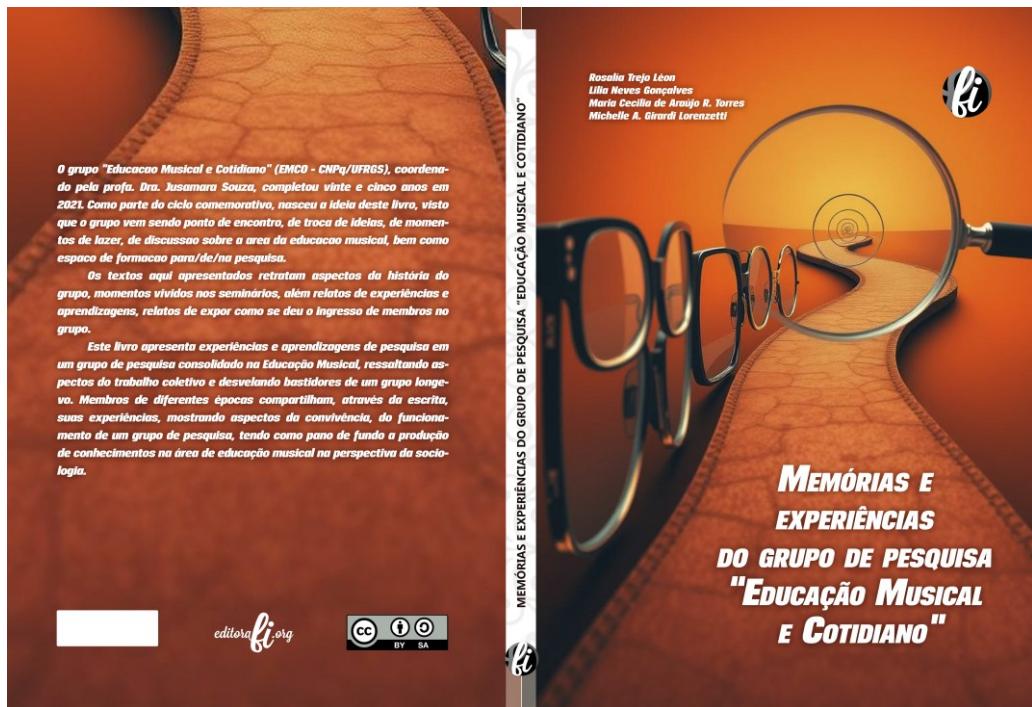


Fonte: Capa do livro de Isabel Kubaski (Souza et al., 2021).

O segundo livro, uma ideia da professora Rosalia Trejo Leon, foi proposto após o EMCO completar 25 anos de sua criação, em 2021. Trabalhei com Rosalia Trejo Leon, Maria

Cecília de Araújo R. Torres e Michelle A. Girardi Lorenzetti na organização desse livro, cujo título foi “Memórias e experiências do Grupo de Pesquisa “Educação Musical e Cotidiano” (figuras 53 e 54), recém-lançado no “XXVII Congresso Nacional da ABEM”, em novembro de 2025. Os textos trazem aspectos da história do grupo, dos seminários realizados, dos momentos de lazer, com foco em experiências de pesquisa, destacando também fundamentos teóricos e metodológicos adotados no/por esse grupo. Os textos são de autores com tempos variados de permanência no grupo e conta também com a Introdução e um posfácio escrito pela professora Jusamara Souza.

Figura 53 - Capa e contracapa do livro Memórias e experiência do Grupo de Pesquisa “Educação Musical e Cotidiano”



Fonte: Capa do livro de Gabriele do Carmo (Trejo Leon; Gonçalves; Torres; Lorenzetti, 2025).

Figura 54 - Lançamento do livro “Memórias e experiência do Grupo de Pesquisa “Educação Musical e Cotidiano”, no “XXVII Congresso Nacional da ABEM”, em 2025.



Fonte: Acervo pessoal.

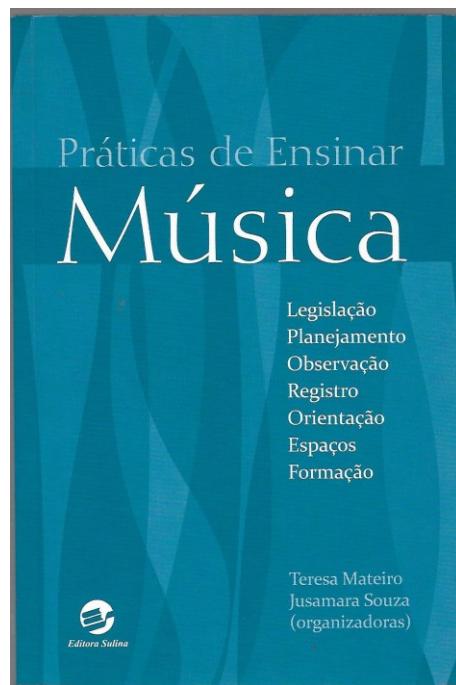
Nesse livro “Memórias e experiências do Grupo de Pesquisa “Educação Musical e Cotidiano” (Trejo Leon *et al.*, 2025), escrevi dois capítulos: o primeiro “Educação Musical e Cotidiano” (EMCO): interesses e perspectivas de um Grupo de Pesquisa”, no qual abordo a minha relação com esse grupo de pesquisa, aspectos do seu funcionamento como um grupo de pesquisa no campo da educação musical, os seus interesses, bem como o objetivo de “pensar sociologicamente” a educação musical; o segundo capítulo foi em coautoria com Maria Cecília de Araújo R. Torres, intitulado “Seminários do Grupo ‘Educação Musical e Cotidiano’ (EMCO): rotas e itinerâncias”, no qual fazemos tanto uma “arqueologia” quanto uma retomada de nossas memórias sobre os 14 seminários que foram realizados a partir do ano de 2006 em Porto Alegre. Trouxemos ainda as itinerâncias desses encontros como momentos de fortalecimento dos laços estabelecidos.

Também publiquei 2 capítulos⁶² em cada uma das duas edições dos livros “Práticas de ensinar música: legislação, planejamento, observação, registro, orientação, espaços, formação” (Figura 55), organizados por Teresa Mateiro e Jusamara Souza (2006, 2014). Os capítulos têm como títulos “Observar a prática pedagógico-musical é mais do que ver!”, em

⁶² O capítulo “Observar a prática pedagógico-musical é mais do que ver” foi escrito em coautoria com Cintia Thais Morato e o capítulo “O portfólio como uma proposta de documentação, registro e avaliação na Prática de Ensino em música” foi escrito em parceria com Maria Cristina Lemes de Souza Costa.

coautoria com Cintia Thais Morato, e “O portfólio como uma proposta de documentação, registro e avaliação na prática de ensino em música”, em coautoria com Maria Cristina Lemes de Souza Costa. Enquanto o primeiro instiga o observador no campo da música a ampliar o olhar e todos os sentidos durante a observação, porque “vemos do mundo aquilo que queremos ver conforme as perspectivas socioculturais em que somos formados” (Morato; Gonçalves, 2009, p. 117), o segundo traz o portfólio como um recurso com múltiplas possibilidades e meios para organizar, registrar e avaliar as práticas de ensino nos campos de estágios na formação de professores.

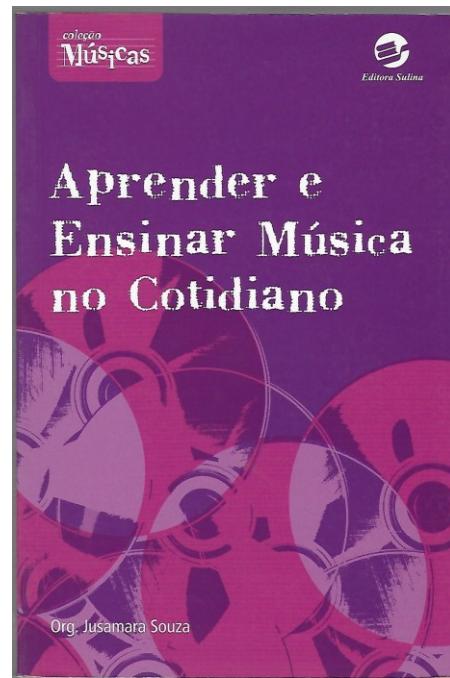
Figura 55 - Capa do livro “Práticas de ensinar música”



Fonte: Acervo pessoal.

O capítulo “A aula de música na escola: reflexões a partir do filme “Mudança de Hábito 2: mais loucuras no convento” foi publicado em três edições do livro “Aprender e ensinar música no cotidiano” (figuras 56 e 57), organizado por Jusamara Souza (2008, 2012, 2016). Com um *feedback* interessante sobre o seu uso em cursos de música espalhados pelo país, nesse capítulo pude exercitar o meu olhar para o filme não somente como uma produção audiovisual (que não é vista como recurso, como técnica e nem como meio didático), mas como uma possibilidade de problematização da cultura. Nesse caso especificamente, faço referência tanto a uma possibilidade analítica da presença da música na escola quanto metodológica para o entendimento da realidade sociopedagógico-musical destacada no filme.

Figura 56 - Capa do livro “Aprender e ensinar música no cotidiano” (2008)



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 57 - Lançamento do livro Aprender e ensinar música no cotidiano”, no Congresso Nacional da ABEM, Goiânia, em 2010



Fonte: Acervo pessoal.

Por último, estão quatro capítulos advindos de pesquisas apresentadas em congressos e que foram organizados e publicados em livros. Em congressos do IARTEM de 2021, realizado em Buenos Aires, foi publicado o livro “*Investigaciones sobre libros de texto y*

medios de enseñanza: Contribuciones desde América Latina”, tendo como editores Graciela María Carbone, Jesús Rodríguez Rodríguez, Nilson Marcos Dias Garcia e Tânia Maria F. Braga Garcia (2021), no qual escrevi, em coautoria com Karla Beatriz Soares de Souza, o capítulo “Representações de ensino aprendizagem de Música nos conteúdos do livro didático de Arte do PNLD (2015 a 2017).

Também foi publicado um capítulo a partir da apresentação realizada na Conferencia Internacional do IARTEM, em Santiago-Chile, em 2023, no livro “Materiales didácticos y políticas públicas que contribuyen a la equidad, inclusión e innovación educativa e na escuela y universidad”, sob a direção de Francisco Alejandro Riveros Ramirez e Nicolás Garrido Sánchez (2025). Nesse livro, em coautoria com a professora Jusamara Souza, escrevi o capítulo “*Producción académica sobre el libro didáctico de música en Brasil: estado del arte y resultados parciales*”, no qual expusemos os resultados parciais de uma investigação sobre o estado da arte de produções brasileiras sobre o livro didático de música publicadas de 1995 a 2023, ou seja, durante 28 anos. Foram levantadas 86 referências bibliográficas, o que mostra um interesse sobre o tema no Brasil no campo da educação musical, sendo que a maioria dessas referências está disponível *on-line*.

E, por último, estão dois capítulos de livros publicados. Um deles intitulado “Apreciação e escuta musical em escolas brasileiras: A coleção de livros didáticos Mosaico Arte do PNLD-2020” faz parte do livro com trabalhos apresentados na “XIII Conferencia Regional Latinoamericana y V Conferencia Regional Panamericana da ISME”, realizada de forma híbrida em Cancun-México, em 2022. Esse trabalho foi escrito em coautoria com duas orientandas na época, Karla Beatriz Soares de Souza e Lidia Alves de Lima. Esse trabalho foi interessante, porque juntou os estudos sobre o livro didático de música de Karla Beatriz e os estudos de Lidia Alves de Lima sobre escuta musical. Como orientadora, meu papel foi organizar e tecer as duas pesquisas de forma que ganhassem um corpus analítico dessa temática e que trata da abordagem da escuta musical em livros didáticos do PNLD/Arte.

O último capítulo de livro foi escrito em coautoria com Bruno Gustavo Damasceno Costa, intitulado “Práticas de criação como estratégia de formação da autonomia e abordagem das diversidades no ensino-aprendizagem de música”, e foi publicado no livro “Formação de professores: Vozes dos Licenciandos da UFU”, pela Pró-Reitoria de Graduação da UFU, sob a organização de Claudia Molina Zaqueu Xavier, Mirella de Oliveira Freitas, Marili Peres Junqueira, Jane Maria dos Santos Reis (2023). O livro discute a importância da ênfase em práticas criativas na aula de música em formação musical de alunos de música em qualquer espaço de ensino e aprendizagem.

Quando se trata de trabalhos publicados em anais de congressos, a maior parte da minha produção bibliográfica foi publicada em coautoria com colegas e orientandos de trabalhos de conclusão de curso de graduação, de iniciação científica e de mestrandos. Foram publicados ao todo 48 trabalhos, além de outros 5 que foram apresentados no “XXVII Congresso Nacional da ABEM”, realizado nos dias 3 a 7 de novembro de 2025. Esses trabalhos serão publicados até dezembro de 2025.

Foram ainda publicados alguns trabalhos em eventos, os quais frequentei poucas vezes, como: “I Seminário de Estudos Culturais” (2004), realizado pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA); “5º Encuentro Latino Americano de Educación Musical: Acción e Investigación Musical” em Santiago-Chile (2005); 1 trabalho, em 2010, no “II Seminário de Pesquisa do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Práticas Escolares” (NUPEPE), da Escola de Educação Básica (ESEBA) da UFU; “XIII Encontro Nacional de História Oral” (2016) realizado em Porto Alegre; 1 trabalho em coautoria com Jaqueline Soares Marques, apresentado e publicado no “Music and shared imaginaries: nationalisms, communities, and choral singing”, realizado em 2014 na Universidade de Aveiro-PT.

Foram publicados nos “5º e 6º Congressos Brasileiros de Iconografia Musical”, realizados, respectivamente, em Salvador (2019) e em Campinas (2021), 2 trabalhos em coautoria com Lidia Alves de Lima. Os trabalhos trouxeram resultados de trabalhos de IC com análises do “Acervo de Imagens do Curso de Música da UFU”; 3 trabalhos no “VI Seminário de Pesquisa em Artes” (2014); 2 trabalhos no “Congresso Nacional da ANPPOM” (2011, 2012); 4 trabalhos no EIFORPECS (Encontro Internacional de Formação de Professores e Estágio Curricular Supervisionado), realizado pela UFU em 2020; e 3 trabalhos publicados em anos diferentes no “Encontro de Reflexões e Ações no Ensino de Arte” (2008, 2016, 2017), um evento que congregava professores e pesquisadores, majoritariamente da cidade de Uberlândia, para compartilhar conhecimento sobre o ensinar e aprender Arte, no universo das distintas modalidades artísticas, artes visuais, dança, música e teatro em suas infinitas possibilidades criativas e educativas.

Dos 53 trabalhos publicados em anais de evento, 34 trabalhos foram em anais de Congressos da ABEM (de 1998 a 2025), sendo 28 em Congressos Nacionais e 6 em Encontros Regionais Sudeste da ABEM (2018, 2023). Nessa produção está boa parte da minha pesquisa docente e, também, das orientações de TCCs, de Iniciação Científica e dissertações de mestrado.

Ao longo dos anos, esforços empreendidos na frequência e na apresentação de trabalhos nesses congressos indicam o meu envolvimento com a ABEM e a minha atuação na

preparação de pesquisadores iniciantes, tanto no nível da graduação quanto da pós-graduação, como mestrados.

6 E OS FIOS TECIDOS: UM ÚLTIMO OLHAR

Chegar a este momento implica que o Memorial Descritivo-Reflexivo foi escrito. Foi escrito de uma forma que encontrei para juntar e tecer muitos fios que constituíram a minha trajetória na universidade, ao longo dos últimos 31 anos. Mas, ao tecer com fios que compuseram e compõem o ofício de professora/pesquisadora, implica assumir que essa trajetória, por um lado, está ligada intrinsecamente com a minha formação a partir da família em que nasci, dos espaços que frequentei, e, por outro, está na crença de uma atuação/formação que alimenta o vir a ser professora, o tornar-me professora/pesquisadora na universidade, no campo da educação musical.

Sou e faço parte, portanto, de uma construção coletiva da minha família, da igreja que frequento, da educação pública escolar e musical, de cada banca, aulas e orientações a perder de vista ao longo dos anos. Essa construção não está separada da criança que iniciou seus estudos em uma escola da periferia na cidade de Ituiutaba, que se tornou professora, pesquisadora, que chegou a essa universidade em 1985, há exatamente 40 anos, primeiro como aluna e depois como professora. Vi essa universidade crescer, vi frutificar conhecimentos musicais e pedagógicos que aprendi com meus professores da graduação em Música, parte de um processo que me trouxe até a este momento. Essa universidade foi o lugar da minha formação e, também, um campo de trabalho no qual pude exercer a liberdade de propor, de acionar recursos para realização de projetos de ensino, pesquisa e extensão. Aqui pude sonhar!

Tornar-me pesquisadora não foi um caminho planejado. Essa possibilidade foi se materializando aos poucos, em descobertas a “contas gotas” na graduação, ao embrenhar-me na pesquisa da pós-graduação (mestrado, doutorado e pós-doutorado), sendo professora/pesquisadora, ministrando aulas, orientando os alunos, participando de bancas, escrevendo trabalhos para publicação. Essas ações fizeram parte do ofício de professora/pesquisadora construído na minha trajetória profissional na universidade.

Escrever este memorial foi um processo de ressignificação do vivido em uma vida que foi escorrendo pelos muitos tecidos da vida acadêmica, em matizes que foram se transformando à medida que a urdidura deste memorial foi construída. Foi uma construção que permitiu “passar a limpo” não só as minhas atividades, que sabia que eram muitas, mas de me situar melhor no que vivi, no que construí com meus alunos, com colegas e comigo mesma. Com diz Passeggi (2008a, p. 35), pude situar-me “deliberadamente, do lado do

processo e não do produto, da ação e não da produção”, pois trata-se da relação que fui estabelecendo com o conhecimento musical, com o conhecimento pedagógico-musical e com os companheiros e companheiras presentes nas rotas escolhidas e, às vezes, não tão escolhidas da minha trajetória profissional. Pude inserir minha formação e minha vida intelectual no conjunto da minha atuação profissional.

Este memorial, construído artesanalmente, é também tecido por fios que contam partes de histórias da minha vida familiar e escolar, das minhas experiências profissionais, de leituras marcantes, dos meus encontros com a pesquisa, das parcerias construídas, das respostas às muitas indagações musicais que só vieram no campo da pesquisa em educação musical (Prado; Cunha; Soligo, 2008, p. 140).

Passar por rotas da minha vida cotidiana (Pais, 1993) como uma professora/pesquisadora, denunciam “múltiplos meandros da vida social que escapam aos itinerários ou caminhos” (Pais, 2003, p. 29) que eu teria estabelecido previamente. Esse processo também foi de (re)construção, pois foi possível trazer à tona não só a minha experiência docente/pesquisadora nesses vários trajetos vividos por mim, mas também possibilitou o (re)encontro com professores da minha infância, colegas, alunos, ações pedagógicas, produções bibliográficas, momentos que ficaram “perdidos” no fluxo da vida acadêmica ao longo dos anos. Re(encontros) que antes de tudo também foram re(encontros) comigo mesma, com meus objetivos, com atividades pedagógicas, musicais, administrativas. Esses encontros e reuniões, por mais simples e pequenos que possam parecer, compuseram este quadro da minha atuação na vida acadêmica.

Deparei-me intensamente com meus processos, minhas transformações, desafios e ideais que foram e são mantidos vivos: o meu amor pela universidade, o meu amor pela docência, pelas relações construídas com os alunos/orientandos, o meu engajamento com a pesquisa e com o meu campo de conhecimento, com uma educação musical compromissada com preceitos éticos e com a formação de professores/pesquisadores/músicos atentos ao seu tempo. Além do mais, com certeza, sou uma privilegiada por ter podido estudar música, por me graduar e me pós-graduar em música em escolas públicas, uma raridade em nosso país quando tantas crianças, jovens e adultos não têm oportunidades de estudarem música.

Quando entendi que eu não precisava reconstituir o vaso em si, mas ouvir o que não estava mais audível, foi possível me colocar ao lado do processo de formação/atuação, atuação/formação para recuperar e reforçar o que eu já sabia: ainda tenho muito o que realizar na universidade. Estamos em um novo momento de reformulação curricular, tenho publicações engavetadas e tenho projeto de me dedicar mais ao mestrado em música e quiçá a

um doutorado, buscando sempre uma atuação ética e comprometida com cada pessoa com quem convivo, incluindo alunos e colegas, e com a educação musical enquanto campo de conhecimento e como atividade eminentemente humana e social.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Fetichismo na música e regressão na audição. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

ABEM. In: II ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 2., 1993, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: ABEM, 1993.

ABEM. **Chamada de Grupos Temáticos Especiais**. 2021. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/congressos/docs/Chamada%20de%20Trabalhos%20-%20ABEM%202021.pdf> Acesso em: 1 nov. 2025.

ANDRADE, Gleber Gonçalves Vilela de; COSTA, Geni de Araújo; MEDEIROS, Izaura de Menezes. Projeto AFRID: Atividades Físicas e Recreativas para a Terceira Idade. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 9, n. 2, p. 167-176, jul./dez. 2010. <https://seer.ufu.br/index.php/revextenso/article/view/41430/pdf> Acesso em: 22 nov. 2025.

BARIANI, Isabel Cristina Dib. **Estilos cognitivos de universitários e iniciação científica**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1998. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detailhe/124823> Acesso em: 22 nov. 2025.

BONA, Paschoal. **Bona**: método completo para divisão. São Paulo: Casa Manon, s.d.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). **Sociologia** – Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOZON, Michel. **Vie quotidienne et rapports sociaux dans une petite ville de province**: la mise en scène des différences. Lyon: Press Universitaires de Lyon, 1984.

BOZON, Michel. Práticas musicais e classes sociais: estrutura de um campo local. **Em Pauta**, Porto Alegre, v. 11, n. 16/17, p. 147-174, abr/nov. 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmPauta/article/view/9381/5553> Acesso em: 10 jul. 2024.

BRASIL. **Resolução CNE/CP 1**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília: CNE, 2002. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=159261-rcp001-02&category_slug=outubro-2020-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 11 nov. 2025.

BRASIL. **Lei n. 10.741, de 1 de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2003. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/pessoa-idosa/estatuto-da-pessoa-idosa.pdf/view> Acesso em: 18 out. 2025.

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília: MEC, 2015. Disponível em:

https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=136731-rcp002-15-1&category_slug=dezembro-2019-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 27 nov. 2025.

BRASIL. Cidades e estados do Brasil: Ituiutaba (Senso de 2022). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ituiutaba/panorama> Acesso em: 20 out. 2025.

BROUGÈRE, Gilles. Vida cotidiana e aprendizagens. In: BROUGÈRE, Gilles; ULMANN, Anne-Lise (orgs.). **Aprender pela vida cotidiana.** Campinas, SP: Autores Associados, 2012. p. 11-24.

CALDEIRA, Bruno. **Em que gênero eu canto?** A operação do gênero na construção de performances vocais de cantoras e cantores transgêneros. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/33495/1/EmG%c3%aaneroEu.pdf> Acesso em: 18 nov. 2025.

COELHO, Nicula Maria Gianoglou. **De escola de acordeom ao Conservatório Estadual de Música Dr. José Zoccoli de Andrade (Ituiutaba-MG 1965-1983).** 2013. 125 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13985/1/EscolaAcordeomConservatorio.pdf> Acesso em: 7 out. 2025.

CONDE, Cecília; NEVES, José Maria. Música e educação não-formal. **Pesquisa e música,** Revista do Conservatório Brasileiro de Música, v. 1, n. 1, p. 41-52, 1984-1985.

COSTA, Bruno Gustavo Damasceno. **Processos criativos de músicos produtores-compositores:** razões, experiências e aprendizagens. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2025 (ainda não publicado).

CUNHA, Daniela Carrijo Franco. **A presença do piano na cidade de Uberlândia-MG:** um estudo documental sobre as ações pedagógico-musicais no período de 1888 a 1957. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/12347/1/PresencaPianoCidade.pdf> Acesso em: 18 nov. 2025.

DALBEN, Ângela Imaculada; OLIVEIRA· Maria Rita Neto Sales; VILELA, Rita Amélia Teixeira. Lembrando Neidson Rodrigues. **Revista Brasileira de Educação,** v. 22, abr. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/cGxMfzfYzLXsqdrfXGQfncL/?lang=pt> Acesso em: 22 nov. 2025.

DENZIN, Norman Ken; LINCOLN, I. **O planejamento da pesquisa qualitativa:** teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUPRÉ, Maria José. **A ilha perdida.** 39. ed. São Paulo: Ática, 2006.

DURKHEIM, Émile. O que é fato social? In: **As regras do método sociológico.** Tradução de: Maria Isaura Pereira de Queiroz. 6. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972.

FARIA, Adriano Antônio. **O Instituto Universal Brasileiro e a gênese da educação a distância no Brasil.** 2010. 156 p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em:
<https://tede.utp.br/jspui/bitstream/tede/1489/2/A%20HISTORIA%20DO%20INSTITUTO%20UNIVERSAL%20BRASILEIRO.pdf> Acesso em: 7 out. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FICHAS de disciplinas. **Curso de Licenciatura.** 2018. Disponível em:
<https://arte.ufu.br/m%C3%BAtica/fichas-dos-componentes-curriculares> Acesso em: 19 out. 2025.

GASPAR, Mônica Maria Gadelha de Souza. **Acompanhamento do memorial de formação:** entre formar e formar-se. Recife: EDUPE, 2018. Disponível em:
<https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/b8d5292f-0aad-4bf3-bd00-8f0346d0e052/content> Acesso em: 23 nov. 2025.

GONÇALVES, Lilia Neves. **Música e sociedade.** Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Artística – Habilitação em Música), Departamento de Música, Universidade Federal de Uberlândia, 1989 (não publicado).

GONÇALVES, Lilia Neves. **Educar pela música:** um estudo sobre a criação e as concepções pedagógico-musicais dos conservatórios estaduais mineiros na década de 50. 1993. 186 p. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/267495/000045737.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 7 out. 2025.

GONÇALVES, Lilia Neves. **Educação musical e sociabilidade:** um estudo em espaços de ensinar/aprender música em Uberlândia - MG nas décadas de 1940 a 1960. 2007. 333 p. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10563> Acesso em: 8 out. 2025.

GONÇALVES, Lilia Neves. **Relatório final de pós-doutorado voluntário:** produção intelectual e atuação acadêmica. Relatório (Pós-Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024. (não publicado).

GONÇALVES, Lilia Neves; COSTA, Maria Cristina Lemes de Souza; SILVA, Renata Ribeiro. PIBID, universidade, escola e a formação de professores de Música. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO (EIFORPECS), 2019, Uberlândia. **Anais [...].** Uberlândia: Culturatrix, 2020, V. 1, p. 1-16. Disponível em: [\[L\]](#) Acesso em: 21 jan. 2025

GONZAGA, Jennifer. **A música na Educação de Jovens e Adultos (EJA): um estudo sobre relações musicais entre diferentes grupos etários na escola.** Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/28703/5/MusicaEducacaoJovens%20Adultos.pdf> Acesso em: 18 nov. 2025.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Montando um quebra cabeça:** peças de um Memorial de Concurso. Memorial (Concurso para Professor Titular) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: <https://editora.fe.unicamp.br/index.php/fe/catalog/view/70/70/420> Acesso em: 26 nov. 2025.

IBGE. **Brasil/Minas Gerais/Ituiutaba.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ituiutaba/panorama> Acesso em: 7 out. 2025.

KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. **Em Pauta**, v. 11, n.16/17, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmPauta/article/view/9378/5550> Acesso em: 12 out. 2025.

LIMA, Lidia Alves de. **Ouvintes e relações de escuta musical no espaço digital do Spotify.** Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023 (ainda não publicado).

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs). **Usos & abusos da História Oral.** 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 15-25.

LUCAS, Maria Elizabeth. Introdução do texto de Michel Bozon (Práticas musicais e classes sociais: estrutura de um campo local). **Em Pauta**, Porto Alegre, v. 11, n. 16/17, p. 145, abr/nov. 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmPauta/article/view/9381/5553> Acesso em: 10 jul. 2024.

MACHADO, Rafael Coelho. **ABC musical.** São Paulo: Casa Manon, s.d.

MARQUES, Jaqueline Soares. “**Até hoje aquilo que eu aprendi eu não esqueci**”: experiências musicais reconstruídas nas/pelas lembranças de idosas. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/12283/1/AteHojeAquila.pdf> Acesso em: 18 out. 2025. pdf

MATA, Hosana Rodrigues Ferreira da. **Ter tempo para aprender música:** experiências vividas e compartilhadas por aposentados. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/12350/1/TerTempoAprender.pdf> Acesso em: 18 nov. 2025.

MILLS, C. Wright. Do artesanato intelectual. **A imaginação sociológica.** 6. ed. Tradução de: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 211-243.

MINAS GERAIS. Lei n. 811, de 13 de dezembro de 1951. Cria cinco Conservatórios Estaduais de Música. **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 14 dez. 1951.

MORATO, Cintia Thais. **Estudar e trabalhar durante a graduação em música:** construindo sentidos sobre a formação profissional do músico e do professor de música. 2009. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17686/000722586.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 12 out. 2025.

MORATO, Cintia Thais; GONÇALVES, Lilia Neves. Observar a prática pedagógico-musical é mais do que ver! In: MATEIRO Teresa; SOUZA, Jusamara (org.). **Práticas de ensinar música:** legislação, planejamento, observação, registro, orientação, espaços, formação. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 111-124.

MOTA, Fernando de Sousa. **Rocksmith:** desvelando relações de aprendizagem entre a guitarra elétrica e o jogo de videogame. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19686/1/RocksmithDesvelandoRelacoes.pdf> Acesso em: 28 nov. 2025.

NAVES, Madalena Martins Lopes. Considerações sobre a participação de docentes universitários em bancas examinadoras. **Revista Docência do Ensino Superior**, v. 3, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/1994/1334> Acesso em: 26 out. 2025.

OLIVEIRA, Livia Roberta. **Práticas musicais constituídas pelos alunos nos espaços/tempos livres no/do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG.** Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/18903/1/PraticasMusicaisConstitu%c3%addas.pdf> Acesso em: 18 nov. 2025.

PAIS, José Machado. Nas rotas do quotidiano. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Lisboa: ISCTE, n. 37, n. p. 105-115, jun. 1993. Disponível em: <https://acesse.dev/e8EwP>. Acesso em: 13 out. 2023.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana:** enigmas e revelações. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais auto-biográficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si. In: Passeggi, Maria da Conceição; Barbosa, Tatyana Mabel Nobre (Org.). **Memórias, memoriais:** pesquisa e formação docente. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008a. p. 27-41. (Coleção Pesquisa (auto)Biográfica e Educação, 5)

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais: injunção institucional e sedução autobiográfica. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino (Org.) (**Auto**) **Biografia:** formação, territórios e saberes. São Paulo: Paulus: Natal: EDUFRN, 2008b. p. 103-132. Coleção Pesquisa (auto)Biográfica e Educação, 2)

PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. Apresentação. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Org.). **Memórias,**

memoriais: pesquisa e formação docente. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 15-24. (Coleção Pesquisa (auto)Biográfica e Educação, 5)

PPC. Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Música – Grau Licenciatura, 2018. Disponível em: https://iarte.ufu.br/sites/iarte.ufu.br/files/conteudo/page/ppc-musica2018-licenciatura-sei_versao_final_mesmo.pdf Acesso em: 18 out. 2025.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; CUNHA, Renata Cristina; SOLIGO, Rosaura. *In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Org.). Memórias, memoriais:* pesquisa e formação docente. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 135-152. (Coleção Pesquisa (auto)Biográfica e Educação, 5)

RAYNOR, Henry. **História social da música:** da idade média a Beethoven. Tradução de: Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

REVEL, Jacques. A microanálise e a construção do social. *In: REVEL, Jacques (org.). Jogo de escalas: a experiência da microanálise.* Tradução de: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RIBAS, Maria Guiomar de Carvalho. **Música na educação de jovens e adultos:** um estudo sobre práticas musicais entre gerações. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7177/000540408.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 19 out. 2025.

REZENDE, Murilo Silva. **A Banda Corporação Musical Nossa Senhora do Carmo:** um espaço de relações e de ensino/aprendizagem musical (1985-2014). Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/18111/1/BandaCorporacaoMusical.pdf> Acesso em: 18 nov. 2025.

RIEDEL, Johannes. The function of sociability in the Sociology of Music and Music Education. **Journal of research in music education.** v. 12, n. 2, p. 149-158, sum. 1964. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3343655> Acesso em: 20 mar. 2024.

RINCON, Alexandre Santiago. **Ouvintes de música clássica:** um estudo sobre a construção da escuta. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal e Uberlândia, 2023 (ainda não publicado).

SCANDAR, Maria Faria. **O ensino aprendizagem de música no Musical Wicked.** Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/27132/4/EnsinoAprendizagemMusical.pdf> Acesso em: 18 nov. 2025.

SCARPELLINI, Maira Andriani. **As crianças em suas relações com a música no recreio escolar.** Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/12359/1/CriancasRelacoesMusica.pdf> Acesso em: 18 nov. 2025.

SETTON Maria da Graça Jacintho. Teorias da socialização: um estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 711724, dez. 2011. Disponível em: Acesso em: 14 jan. 2021.

SILVA, Carolina Cason da. **Encontros às sextas-feiras**: espaço de relações de escutas musicais na família. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em:
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/45945/3/EncontrosSextasFeiras.pdf> Acesso em: 18 nov. 2025.

SILVA, Ruth de Sousa Ferreira. **Ensino/aprendizagem musical no ensaio**: um estudo de caso na Orquestra Camargo Guarnieri. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. Disponível em:
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/12299/1/d.pdf> Acesso em: 18 nov. 2025.

SILVEIRA, Felipe Donizetti de Melo. **Vivências musicais de imigrantes**: um estudo sobre aprendizagens em uma escola pública de música como forma de inserção social. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2025 (ainda não publicado).

SIMÃO, Diego Caaobi dos Santos. **Atuação e Formação de Músicos de Casamento na Cidade de Uberlândia-MG**. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em:
<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/35536> Acesso em: 18 nov. 2025.

SIMMEL, Georg. O problema da Sociologia. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org). **Georg Simmel: sociologia**. Tradução de Carlos Alberto Pavanelli. São Paulo: Ática, 1983a. p. 59-78.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org). **Georg Simmel: sociologia**. Tradução de Carlos Alberto Pavanelli. São Paulo: Ática, 1983b. p. 165-181.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências**. 16. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2010.

SOUZA, Jusamara. Política na prática da educação musical nos anos trinta. **Em Pauta**, v. 3, n.4, p. 17-32, 1991.

SOUZA, Jusamara. Funções e objetivos da aula de música vistos e revistos através da literatura dos anos trinta. **Revista da ABEM**, v. 1, n.1, p. 12-21, 1992.

SOUZA, Jusamara. Contribuições teóricas e metodológicas da sociologia para a pesquisa em educação musical. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 5. 1996a, Londrina. **Anais [...]** Londrina: ABEM, 1996a. v. 1. p. 11-40.

SOUZA, Jusamara. O cotidiano como perspectiva para a aula de música. **Fundamentos da educação musical**, v. 3, p. 61-74, 1996b.

SOUZA, Jusamara. O conceito de cotidiano como perspectiva para a pesquisa e a ação em Educação Musical. **Fundamentos da educação musical**, v. 1, p. 38-44, 1998.

SOUZA, Jusamara. O cotidiano como uma perspectiva para a aula de música. In: SOUZA, Jusamara. (Org.). **Música, cotidiano e educação**. Porto Alegre: CORAG, 2000a, v. 1, p. 12-30.

SOUZA, Jusamara. (Apresentação da tradução do texto Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical, de, Rudolf-Dieter Kraemer. **Em Pauta**, v. 11, n.16/17, 2000b. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmPauta/article/view/9378/5550> Acesso em: 12 out. 2025.

SOUZA, Jusamara. Múltiplos espaços e novas demandas profissionais: re-configurando o campo da Educação Musical. In: ENCONTRO ANUALDA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 10., 2001, Uberlândia. **Anais [...]** Uberlândia: ABEM, 2001. p. 58-92.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. **Revista ABEM**, v. 10, p. 7-11, 2004. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/356> Acesso em: 10 jun. 2025.

SOUZA, Jusamara. Música, educação e vida cotidiana: apontamentos de uma sociografia musical. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 53, p. 91-111, jul./set. 2014. Disponível em: <http://old.scielo.br/pdf/er/n53/07.pdf> Acesso em: 20 mar. 2024.

SOUZA, Jusamara. A educação musical como campo científico. **Olhares e Trilhas** (Dossiê: Pesquisas em Educação Musical), Uberlândia, v. 22, n.1, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/olharesetrilhas/article/view/53720/28637> Acesso em: 12 out. 2025.

SOUZA, Jusamara (Org.); SPECHT, Ana Claudia (Org.); CHAGAS NETO, A. GONÇALVES, Lilia Neves; (Org.); MARQUES, J. S. (Org.); LORENZETTI, Michelle A. Girardi (Org.); (Org.). **O cotidiano no cotidiano da pandemia: reflexões e experiências com a educação musical**. Porto Alegre: Scientific, 2021. v. 1. 114 p. Disponível em: <https://bit.ly/livrocotidiano2021>

SOUZA, Jusamara. Introdução: o Grupo de Pesquisa “Educação Musical e Cotidiano” (EMCO): a invenção de um espaço. In: TREJO LEON, Rosalia; GONÇALVES, Lilia Neves; TORRES, Maria Cecília de Araújo R.; LORENZETTI, Michelle A. Girardi. **Memórias e experiências do Grupo de Pesquisa “Educação Musical e Cotidiano”**. Cachoeirinha: Editora Fi, 2025. Disponível em: <https://www.editorafi.org/ebook/c205-memorias-experiencias> Acesso em: 22 nov. 2025.

SOUZA, Jusamara. Introdução: o Grupo de Pesquisa “Educação Musical e Cotidiano” (EMCO): a invenção de um espaço. In: TREJO LEON, Rosalia; GONÇALVES, Lilia Neves; TORRES, Maria Cecília de Araújo R.; LORENZETTI, Michelle A. Girardi. **Memórias e experiências do Grupo de Pesquisa “Educação Musical e Cotidiano”**. Cachoeirinha: Editora Fi, 2025. p. 17-25. Disponível em: <https://www.editorafi.org/ebook/c205-memorias-experiencias> Acesso em: 22 nov. 2025.

SOUZA JÚNIOR, Carmerindo Miranda. **Relações estabelecidas entre o pianista colaborador e o cantor:** um estudo dos processos pedagógicos na prática musical coletiva. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2025 (ainda não publicado).

SOUZA, Rodrigo Fontes Nepomuceno Carvalho de. **Aprendizagens musicais no processo de produção fonográfica:** criação musical e gravação do EP “Algazarra” da banda Mocho Rei. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024 (ainda não publicado).

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 17. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

TEDESCO, João Carlos. **Paradigmas do cotidiano:** introdução à constituição de um campo de análise do social. 2. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc/UPF, 2003.

TOMANIK Eduardo Augusto. Algumas noções preliminares sobre ciência: por que pesquisar? In: **O olhar no espelho:** “conversas” sobre pesquisa em ciências sociais. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2004. p. 13-29.

TORRES, Maria Cecília de Araújo R.; GONÇALVES, Lilia Neves. Seminários do Grupo “Educação Musical e Cotidiano” (EMCO): rotas e itinerâncias. In: TREJO LEON, Rosalia; GONÇALVES, Lilia Neves; TORRES, Maria Cecília de Araújo R.; LORENZETTI, Michelle A. Girardi. **Memórias e experiências do Grupo de Pesquisa “Educação Musical e Cotidiano”**. Cachoeirinha: Editora Fi, 2025. p. 53-63. Disponível em: <https://www.editorafi.org/ebook/c205-memorias-experiencias> Acesso em: 22 nov. 2025.

TREJO LEON, Rosalia; GONÇALVES, Lilia Neves; TORRES, Maria Cecília de Araújo R.; LORENZETTI, Michelle A. Girardi. **Memórias e experiências do Grupo de Pesquisa “Educação Musical e Cotidiano”**. Cachoeirinha: Editora Fi, 2025. Disponível em: <https://www.editorafi.org/ebook/c205-memorias-experiencias> Acesso em: 22 nov. 2025.

TOURINHO, Irene. Usos e funções da música na escola pública de 1º grau. **Fundamentos da educação musical**, v. 1, p. 91-133, 1993.

TOURINHO, Irene. Práticas musicais de alunos de 3^a a 4^a séries: implicações para o ensino de música nas instituições educacionais. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 5., 1996, Londrina. **Anais [...] Londrina: ABEM, 1996. v. 1. p. 41-58.**

UFU. **Resolução n. 3/2005.** Aprova o Projeto Institucional de Formação e Desenvolvimento do Profissional da Educação. Uberlândia: CONSUN, 2005. Disponível em: <https://prefe.ufu.br/sites/prefe.ufu.br/files/media/arquivo/ataconsun-2005-3.pdf> Acesso em: 22 nov. 2025.

UFU. **Resolução do CONGRAD n. 49/2010.** Aprova a instituição do Núcleo Docente Estruturante (NDE) em cada Curso de Graduação – Bacharelado e Licenciatura – da Universidade Federal de Uberlândia, define suas atribuições e critérios para sua constituição. Uberlândia: CONGRAD/UFU, 2010. Disponível em: http://prograd.ufu.br/sites/prograd.ufu.br/files/media/documento/3_resol._congrad-ufu_49-2010_.nde.pdf Acesso em: 19 out. 2025.

UFU. **Resolução SEI nº 32, 2017.** Dispõe sobre o Projeto Institucional de Formação e Desenvolvimento do Profissional da Educação. Uberlândia: CONSUN/UFU, 2017. Disponível em: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONSUN-2017-32.pdf> Acesso em: 19 out. 2025.

UFU. **Resolução CONGRAD Nº 46, de 28 de março de 2022.** Aprova as Normas Gerais da Graduação da Universidade Federal de Uberlândia, e dá outras providências. Uberlândia: UFU/CONGRAD, 2022. Disponível em: https://iciag.ufu.br/system/files/conteudo/resolucao_46.2022_alterada_em_14.06.2023.pdf Acesso em: 20 nov. 2025.

VELHO, Gilberto. Entrevista com Gilberto Velho (Celso Castro, Lúcia Lippi Oliveira e Marieta de Moraes Ferreira). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 28, 2001. Disponível em: <www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/316.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2005.

VIEIRA, Francisco Giovanni David. O convidado ilustre: observações sobre participação e prática docente em bancas examinadoras. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 27, n. 3, e220199, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/qpNjGwg4pkhfQ4Xmrx4qZNf/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 23 nov. 2025.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel.** São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação/Editora 34, 2000. 592 p.

Links consultados:

A Ilha Perdida - https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Ilha_Perdida

Academia de Letras, Artes e Música de Ituiutaba-MG -
<https://alami.org.br/patrono.php?id=92>

Conselho editorial da EDUFU - <https://edufu.ufu.br/conselho-editorial>

Curso de Pós-Graduação em Música da UFRGS - <https://www.ufrgs.br/ppgmusica/>

EDUFU - <https://edufu.ufu.br/conselho-editorial>

Elias Antônio Daia - <https://alami.org.br/patrono.php?id=92>
Fichas das disciplinas -
https://iarte.ufu.br/sites/iarte.ufu.br/files/media/publicacoes/b_002_fichas_por_periodos_licenciatura-compressed.pdf

PIBID - <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>

PNLD - <https://www.gov.br/fnde/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro>

Residência Pedagógica - <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programas-encerrados/programa-residencia-pedagogica>

Theodor W. Adorno - https://pt.wikipedia.org/wiki/Theodor_W._Adorno

Zimbo Trio - https://pt.wikipedia.org/wiki/Zimbo_Trio



APÊNDICES

APÊNDICE A

Atividades didáticas/disciplinas no Conservatório Estadual de Música Dr. José Zoccoli de Andrade”, de Ituiutaba-MG

1985
- Professora substituta de Percepção Musical (5 ^a a 8 ^a séries) – Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zoccoli de Andrade”, de Ituiutaba-MG
1986
- Professora substituta de Regência (Curso de Magistério de Educação Artística) – Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zoccoli de Andrade”, de Ituiutaba-MG.
- Cargo de “professor acompanhador – piano” do Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zoccoli de Andrade”, de Ituiutaba-MG.
1987
- Aprovada em Concurso público estadual para exercício do magistério de 1 ^a a 4 ^a série do 1º grau. Ituiutaba (MG).
- Professora contratada de Órgão eletrônico (1 ^a a 4 ^a série) – Conservatório Estadual de Música ‘Dr. José Zoccoli de Andrade”, de Ituiutaba-MG.
1988
- Professora contratada de Iniciação ao piano (1 ^a a 4 ^a série, crianças e adultos) – Conservatório Estadual de Música ‘Dr. José Zoccoli de Andrade”, de Ituiutaba-MG.
1989
- Professora contratada de Iniciação ao piano (1 ^a a 4 ^a série, crianças e adultos) – Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zoccoli de Andrade”, de Ituiutaba-MG.
1990
- Professora contratada de Órgão eletrônico e de Prática de ensino do instrumento – Órgão (2º grau)
- Conservatório Estadual de Música Dr. José Zoccoli de Andrade”, de Ituiutaba-MG.
- Professora contratada de Percepção Musical (5 ^a a 8 ^a série, 1º grau) – Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zoccoli de Andrade”, de Ituiutaba-MG.
1991
- Nomeação ao cargo PA1 (1 ^a a 4 ^a série) publicada no Minas Gerais de 14 de dezembro de 1991.
1996
- Professora contratada de Movimento e criatividade - musicalização (1 ^a a 4 ^a série, 1º grau) – Conservatório Estadual de Música “Cora Pavan Caparelli”, de Ituiutaba-MG.

APÊNDICE B

Atividades didáticas/disciplinas na Graduação - Curso de Música da UFU

Atuação de 1994 a 2002⁶³
<ul style="list-style-type: none"> - Canto para a escola - Estágio Supervisionado - Educação musical no Brasil - Formas de expressão e comunicação artística (FECA 1 e 2)⁶⁴ - Leitura à 1^a vista avançada - Metodologia científica - Metodologias do ensino da música - Orientação de projetos de pesquisa e monografias - Pesquisa em música - Percepção musical⁶⁵ - Psicologia do desenvolvimento musical
Atuação de 2007 a 2025
<ul style="list-style-type: none"> - Canto para a escola Estágio Licenciatura - Educação musical, música e sociedade - História da Educação Musical no Brasil - Leitura e escrita na pesquisa em música - Material didático em educação musical - Metodologias do ensino da música - Orientação de projetos de pesquisa e monografias - Projeto Integrado de Prática Educativa (PIPE) - Pesquisa em música - Projeto Interdisciplinar – PROINTER - Psicologia do desenvolvimento musical - Seminário Institucional das Licenciaturas - SEILIC

⁶³ São oferecidas em alguns semestres, sendo que a percepção e disciplinas de orientação de TCC foram realizadas em todos esses primeiros 9 anos de atuação na UFU.

⁶⁴ Era uma disciplina relacionada com a percepção musical, mas que tinha como foco a criatividade.

⁶⁵ Com as mudanças curriculares algumas disciplinas tiveram seus nomes alterados, outras foram excluídas do currículo ao longo do tempo.

APÊNDICE C

Atividades didáticas/disciplinas na Pós-Graduação *lato sensu* e *stricto sensu* – Mestrado em Artes e Mestrado em Música da UFU

2000 e 2001 - Curso de Especialização em música do século XX
- Tópicos em percepção musical - Tópicos em Psicologia da Música - Elaboração de projeto de pesquisa
2009 a 2014 – Mestrado em Artes
- Pesquisa em Artes - Tópicos especiais em ensino e aprendizagens em artes: Tendências e Fundamentos da Educação Musical
2015 a 2025 – Mestrado em Música
- Pesquisa em Música - Tópicos especiais em Pesquisa em educação musical - Fundamentos da Educação musical - Orientação de Pesquisa

APÊNDICE D

Orientações de graduação

1 – Orientações em andamento

- | |
|---|
| 1 - João Pedro Rezende Andrade. Bateria Artilharia: organização e estruturação do ensino de música. Início: 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Música - Habilidade em Instrumento) - Universidade Federal de Uberlândia. (Orientadora). |
| 2 - Pedro Henrique de Oliveira Campos. Formação e atuação de músicos no violino popular. Início: 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Música - Bacharelado) - Universidade Federal de Uberlândia. (Orientadora). |

2 – Orientações concluídas

Década de 1990
1 - Jane Clair Garcia. O Curso de Teclado: uma análise dos programas ministrados nos conservatórios estaduais de Ituiutaba, Uberlândia e Araguari. 1994. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilidade em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
2 - Maria Tereza B Rezende. Sistema CLAM: um estudo epistemológico dos princípios psicológicos e metodológicos. 1994. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilidade em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
3 - Andréa Mara Benaventana. Os princípios pedagógico-metodológicos de iniciação ao violão da Escola de Tárrega e de Jodacil Damaceno. 1996. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilidade em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
4 - Thays Cristina Resende Santana. Conservatórios estaduais mineiros: a criação e as concepções pedagógico-musicais do ensino de música ministrado no Conservatório de Araguari em 1985. 1996. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilidade em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
5 - Ana Cláudia Castilho Curi. O desenvolvimento auditivo melódico na proposta de E. Willems: um estudo. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilidade em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
6 - Maria Teresa Beaumont. O Curso de Magistério em Educação Artística no Conservatório Estadual de Música. 1998. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilidade em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
7 - Cláudia Pereira Dias. A abordagem do canto no material didático Nova Edição Pedagógica brasileira: uma análise de conteúdo. 1998. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilidade em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
8 - Daniela Carrijo Franco. O processo de musicalização veiculado nos livros didáticos

Música na Escola Primária e Educação Musical para a pré-escola: uma análise de conteúdo. 1999. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilitação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.

9 - Bernadete Correia e Souza. A concepção de ensino de música veiculada no material didático Nova Edição Pedagógica Brasileira: uma análise de conteúdo. 1999. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilitação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.

Década de 2000

10 - Lilia Regina de Melo. A estrutura e funcionamento do Curso de Flauta Doce, seus programas e planos de curso, ministrados nos Conservatórios Estaduais de Música de Araguari, Ituiutaba e Uberlândia. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilitação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.

11 - Rita de Cássia Fracon Borges. Aspectos históricos, filosóficos e metodológicos do canto orfeônico empreendido por Villa-Lobos de 1930-1945: uma revisão bibliográfica. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilitação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.

12 - Rosângela da Cunha Santos e Gláucia Osório Ribeiro. Características do acervo de livros e materiais didáticos que abordam conteúdos de música, encontrados em bibliotecas de escolas estaduais e municipais de Araguari-MG. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilitação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.

13 - Fernanda de Assis Oliveira. A função da canção em livros didáticos: uma análise de conteúdo. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilitação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.

14 - Andréia Aparecida Floriano. Características do acervo de livros e materiais didáticos que abordam conteúdos de música encontrados em bibliotecas estaduais e municipais de Uberlândia-MG. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilitação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.

15 - Sandra Carvalho de Castro Ferreira. Características do acervo de livros e materiais didáticos que abordam conteúdos de música encontrados nas bibliotecas das escolas particulares de Araguari-MG. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilitação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.

16 - Edna Pereira de Melo. Características do conteúdo dos métodos utilizados no Curso de Flauta doce no ensino fundamental e médio dos Conservatórios Estaduais de Música de Araguari, Ituiutaba e Uberlândia. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilitação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.

17 - Roberta Tahan. Concepções de ensino de música do Curso de Flauta doce do Conservatório Estadual Dr. José Zoccoli de Andrade de Ituiutaba-MG, a partir dos seus programas de ensino. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilitação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.

18 - Marilda das Dores Vieira. Características do acervo de livros e materiais didáticos que abordam conteúdos de música, encontrados nas bibliotecas das escolas estaduais e municipais de Uberlândia, MG. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilitação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.

19 - Leíse Sanches Muniz. A formação musical de Zélio Sanches Navarro: uma história de

vida. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilitação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
20 - Rita de Cássia Bertoni. Os encontros de flauta-doce realizados no Conservatório estadual de música Dr. José Zoccoli de Andrade: documentação e características. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilitação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
22 - Raquel da Silva Mendes Martins. Coral “Vozencanto”: um estudo sobre a prática pedagógico-musical. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilitação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
23 - Giordan Benfica Mendes. “Conjunto de Violões” do Conservatório Estadual de Música Renato Frateschi, de Uberaba-MG: um estudo sobre o processo de ensino/aprendizagem musical. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilitação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
23 - Valter Roberto Gonzaga da Silva. Parâmetros curriculares para o terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental e médio: o que eles abordam sobre o ensino de música. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilitação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
24 - Jaqueline Soares Marques. Relações com o cantar e com o "Coral do AFRID" por nove mulheres: um estudo. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientador: Lilia Neves Gonçalves.
25 - Esther Carvalho Varoto Souza Tonini. Eu, professora de música: uma narrativa memorialística. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Instrumento) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
26 - Manoel Luiz Duarte. Minhas memórias, outras memórias: a criação da “Associação Musical Lira Abadiense”. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilitação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
27 - Severino Ramos de Lima. Napoleão Gonçalves Moreira: músico e regente de bandas de baile em Ituiutaba-MG. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilitação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
28 - Romes Faustino de Medeiros Júnior. Napoleão Gonçalves Moreira: professor de música no Conservatório Estadual de Música Dr. José Zóccoli de Andrade de Ituiutaba-MG. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística - Habilitação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
Década de 2010
29 - Reinaldo Honório Toledo. Coral “Pequenos Cantores De Cássia?”: um espaço de aprendizagem musical e experiência de vida. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Instrumento) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
30 - José Luís Moreira Rodrigues. Bandas de Música em Cássia. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Instrumento) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
31 - Genoveva Pereira. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil/RCNEI: um estudo sobre o ensino de música. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Educação Artística Habilitação Em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
32 - Davi Faris Câmara. Aprender música na terceira idade: um estudo com idosos dos CEAIS (Centro Educacional de Atendimento Integrado) de Uberlândia-MG. 2010. Trabalho

de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Instrumento) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
33 - Rose Dayane Silva Amorim. A Banda Municipal Santa Cecília de Canápolis-MG: criação, organização e extinção. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Música - Habilitação em Instrumento) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
34 - Thais Medeiros Floriano. A atuação da Banda Lira Feminina em Uberlândia-MG. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Música - Habilitação em Instrumento) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
35 - William de Freitas Neres. Experiências musicais na preparação e participação em concursos de instrumentos; um estudo com alunos de violoncelo do professor Kayami Satomi. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Música) - Universidade Federal de São João Del Rei. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
36 - Mariana Faria Scandar. Em defesa da presença da aula de música na escola: um estudo na Revista da ABEM. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Música - Habilitação em Instrumento) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
37 - Diego Caaobi dos Santos Simão. Construção do conhecimento musical em grupo: um estudo de caso com a banda de metalcore <i>Beneath the Legacy</i> . 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Música - Habilitação em Instrumento) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
38 - Letícia da Fonseca Novaes. Preparação da performance musical: um estudo no Concurso de Piano "Abrão Calil Neto" do Conservatório Estadual de Dr. José Zóccoli de Andrade de Ituiutaba-MG. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Música - Licenciatura Ou Bacharelado) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
39 - Elias Jacob da Silva Ferreira. Sentidos que alunos construíram com a música no projeto social Orquestra Viva. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Música - Licenciatura Ou Bacharelado) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
40 - Daniel Macedo de Lima. Transitando entre os universos da música popular e a música erudita: um estudo com quatro músicos. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
41 - Lucas Fonseca Naves. Atuação e formação de produtores musicais. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
42 - Eliézio Peixoto da Silva. A música na Assembleia de Deus de Uberlândia-MG: aspectos da formação musical na igreja. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Instrumento) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
43 - Ezequiel Urbano da Silva. Educação Musical e cidadania: um estudo com músicos da Orquestra Jovem de Uberlândia-MG. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Música - Licenciatura Ou Bacharelado) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
44 - Paloma Felício Monteiro. Tornando-se músico: processos de socialização na Banda Jovem de Uberlândia-MG. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
45 - Paulo Jorge Gonçalves Valadão. Experiências de aprendizagens musicais no processo de construção do álbum musical “Nunca estou só”. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Música - Habilitação em Instrumento) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
46 - Wellington Pereira Alves. Grupos musicais no mercado de casamentos: funcionamento e atuação em Uberlândia-MG. Uberlândia. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso.

(Graduação em Licenciatura em Música - Habilitação em Instrumento) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
47 - Bruno Caldeira. O processo de despedir-se de uma voz: percursos de transição vocal de cantores transmasculinos. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Música - Licenciatura Ou Bacharelado) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
48 - Julio Luz da Silva. “ <i>Udi Cello Ensemble</i> ”: sua estrutura e sua organização enquanto um octeto de violoncelos. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Bacharelado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
Década de 2020
49 - Lidia Alves de Lima. Ensinar a ouvir: uma discussão crítica sobre a escuta musical em pesquisas na área da educação musical. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Música - Habilitação em Instrumento) - Universidade Federal de Uberlândia, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
50 - Rodrigo Nunes de Oliveira Jesus. Práticas homofóbicas na aula de canto: um estudo sobre experiências heteronormativas na formação de professores gays de canto. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Curso de Graduação em Música - Licenciatura) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
51 - Bruno Gustavo Damaceno Costa. Proposta de ensino-aprendizagem de composição musical na escola: uma análise do livro " <i>Minds on music - composition for creative and critical thinking</i> ". 2023. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Curso de Graduação em Música - Licenciatura) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
52 - Pablo Soares Pessoa. A bateria universitária “Artilharia”: um estudo sobre sua estrutura e seu funcionamento. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Música - Habilitação em Instrumento) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
53 - Natanael Marcelino da Silva. O ensino do trompete no conservatório estadual de música. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Bacharelado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
54 - Carlos Daniel da Costa. Aula de música na escola educação básica: práticas pedagógico-musicais de professores de música. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Curso de Graduação em Música - Licenciatura) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
55 - Hamilton Faria de Souza. Antônio Melo como professor de música em Uberlândia nas décadas de 1950 e 1960. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.

APÊNDICE E

Orientações de Iniciação Científica

1 – Orientações em andamento

1 – Ana Roberta Roberta Fonseca Gregorio. Início em agosto de 2025. Memórias da Educação musical. Acervo de imagens. Curso de Música da UFU - Universidade Federal de Uberlândia, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.

2 – Orientações concluídas

Década de 1990
1 - Maria Teresa Beaumont. Aquisição de habilidades rítmicas e da leitura da notação de alturas. 1995. 0 f. Iniciação Científica. (Graduando em Educação Artística - Habilitação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
2 - Daniela Carrijo Franco. Análise de livros de musicalização infantil: uma bibliografia comentada. 1999. Iniciação Científica. (Graduando em Educação Artística Habilidade em Música) - Universidade Federal de Uberlândia, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
3 - Fernanda de Assis Oliveira. A canção em livros de música para a escola: uma análise de conteúdo. 1999. Iniciação Científica. (Graduando em Educação Artística - Habilitação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
Década de 2000
4 - José Luís Moreira Rodrigues. O ensino/aprendizagem de música em Uberlândia de 1930-1945: um estudo sobre as práticas pedagógico-musicais. 2009. Iniciação Científica. (Graduação - Bacharelado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
Década de 2010
5 - Murilo Silva Rezende. O ensino/aprendizagem de música em Uberlândia de 1915-1930: um estudo. 2010. Iniciação Científica. (Graduação - Bacharelado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
6 - Igor Luis Medeiros. Estudos na área de Educação Musical que se fundamentam nas Teorias do cotidiano: uma bibliografia comentada. 2010. Iniciação Científica. (Graduação - Licenciatura em Música) - Universidade Federal de Uberlândia, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
7 - Diego Caaobi dos Santos Simão. O ensino de música em Uberlândia: levantamento, organização e classificação de fontes escritas. 2012. Iniciação Científica. (Graduação - Licenciatura em Música) - Universidade Federal de Uberlândia, Conselho Nacional de

<p>Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.</p> <p>8 - Diego Caaobi dos Santos Simão. O ensino/aprendizagem de música em Uberlândia de 1988 a 1915: um estudo. 2012. Iniciação Científica. (Graduação - Licenciatura em Música - Habilidade em Instrumento) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.</p> <p>9 - Lidia Alves de Lima. Práticas pedagógico-musicais: organização, catalogação e análise do Acervo de Imagens do Curso de Música da UFU. 2018. Iniciação Científica. (Graduação - Música - Licenciatura) - Universidade Federal de Uberlândia, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.</p> <p>10 - Natalia Costa Fernandes dos Santos. O ensino/aprendizagem de música em Uberlândia-MG: um estudo a partir de jornais que circularam na cidade de 1960-1980. 2018. Iniciação Científica. (Graduação em Música - Licenciatura) - Universidade Federal de Uberlândia, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.</p> <p>11 - Lara Coelho Pelli. Evidências do ensino aprendizagem de música em jornais que circularam em Uberlândia-MG entre os anos de 1978 a1985. 2019. Iniciação Científica. (Graduação em Música - Habilidade em Instrumento) - Universidade Federal de Uberlândia, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.</p>
Década de 2020
<p>12 - Lidia Alves de Lima. Tradição e ensino aprendizagem de música: narrativas visuais de práticas pedagógicas na cidade de Uberlândia-MG. 2020. Iniciação Científica. (Graduação em Música - Habilidade em Instrumento) - Universidade Federal de Uberlândia, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.</p>

APÊNDICE F

Orientações da Pós-Graduação em andamento e concluídas

1 – Orientações em andamento

1 - Mariana Ribeiro Jonas Damião. Processos de aprendizagens musicais no luto: construções e desconstruções sociais. Início: 2024. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
2 - Alexandre Junior de Alencar Amorim. Transformações na formação individual e coletiva: um estudo sobre o impacto da SOLIBEL na educação musical no distrito do Belmonte em Crato-CE. Início: 2024. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
3 - Fernanda Patricia Silva de Souza. Crianças da educação infantil e suas relações socioafetivas com a música. Início: 2025. Dissertação (Mestrado profissional em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
4 - Rodrigo Nunes Oliveira Jesus. Redescobrindo a voz na maturidade: lazer, bem-estar e aprendizagem do canto para alunos acima de 50 anos. Início: 2025. Dissertação (Mestrado profissional em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.

2 – Orientações concluídas

2.1 Curso de Aperfeiçoamento/Especialização

Década de 2000
1 – Devânia Dias Mendonça. Planejamento da educação musical para a educação infantil: reflexões e proposições. 2001. Monografia (Curso de Especialização Em Música do Século XX – Educação Musical) - Universidade Federal de Uberlândia, 2001. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.

2.2 Curso de Mestrado em Artes/Mestrado em Música

Mestrado em Artes
Década de 2010
1 - Jaqueline Soares Marques. "Até hoje aquilo que eu aprendi eu não esqueci": experiências musicais reconstruídas nas/pelas lembranças de idosas. 2011. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
2 - Ruth de Sousa Ferreira Silva. O ensino/aprendizagem musical no ensaio: um estudo de caso na Orquestra Camargo Guarnieri. 2012. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível

Superior. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
3 - Maíra Andriani Scarpolini. As crianças em suas relações com a música no recreio escolar. 2013. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
4 - Hosana Rodrigues Ferreira da Mata. Ter tempo para aprender música: experiências de aprendizagens vividas e compartilhadas por aposentados. 2014. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
5 - Daniela Carrijo Franco Cunha. O piano e suas ações pedagógico-musicais na cidade de Uberlândia-MG (1888-1957). 2014. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
6 - Livia Roberta Oliveira. Práticas musicais constituídas pelos alunos nos espaços/tempos livres no/do Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba-MG. 2015. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
7 - Fernando de Sousa Mota. <i>Rocksmith</i> : desvelando processos de aprendizagens da guitarra elétrica através de um jogo de videogame. 2016. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
8 - Murilo Silva Rezende. A banda “Corporação Musical Nossa Senhora do Carmo”: um espaço de relações e de ensino/aprendizagem musical (1985-2014). 2016. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
Mestrado em Música
Década de 2010
9 - Mariana Faria Scandar. O ensino aprendizagem de música no musical <i>Wicked</i> . 2018. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
10 - Karla Beatriz Soares de Souza. “Abram os livros, por favor...”: 13122 representações de ensino aprendizagem de música nos conteúdos do livro didático de arte do PNLD (2015 a 2017). 2018. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Música - Universidade Federal de Uber) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
11 - Jennifer Gonzaga. A música na Educação de Jovens e Adultos (EJA): um estudo sobre relações musicais entre diferentes grupos etários na escola. 2019. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
12 - Diego Caaobi dos Santos Simão. Atuação de músicos em casamentos na cidade de Uberlândia-MG. 2019. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
Década de 2020
13 - Bruno Caldeira. Em que gênero eu canto? A operação do gênero na construção de performances vocais de cantoras e cantores transgêneros. 2020. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
14 - Lidia Alves de Lima. Ouvintes e relações de escuta musical no espaço digital do Spotify. 2023. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
15 - Carol Cason da Silva. “Encontros às sextas-feiras”: espaço de relações de escuta musical na família. 2023. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.

- 16 - Alexandre Santiago Rincon. Ouvintes de música clássica: um estudo sobre a construção da escuta. 2023. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
- 17 - Rodrigo Fontes Nepomuceno Carvalho de Souza. Aprendizagens musicais no processo de produção fonográfica: criação musical e gravação do EP “Algazarra” da banda Mocho Rei. 2024. Dissertação (Mestrado em Curso de Pós-Graduação em Música - Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
- 18 - Carmerindo Miranda de Souza Júnior. Relações estabelecidas entre o pianista colaborador e o cantor: um estudo dos processos pedagógicos na prática musical coletiva. 2025. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
- 19 - Felipe Donizetti de Melo Silveira. Vivências musicais de imigrantes: um estudo sobre aprendizagens em uma escola pública de música como forma de inserção social. 2025. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.
- 20 - Bruno Gustavo Damaceno Costa. Práticas criativas de músicos produtores-compositores: saberes, aprendizagens e identidades. 2025. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Lilia Neves Gonçalves.

APÊNDICE G

Participação em bancas na pós-graduação

1.1 Qualificações de mestrado

1 - SOUZA, S. T.; RIBEIRO, B. O. L.; GONÇALVES, Lilia Neves. Participação em banca de Nicula Maria Gianoglou Coelho. De Escola de Acordeon a Conservatório Estadual de Música José Zoccoli de Andrade (Ituiutaba-MG 1963-1983). 2012. Exame de qualificação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.
2 - GONÇALVES, Lilia Neves; Ribas, Maria Guiomar; SOARES, José. Participação em banca de Maíra Andriani Scarpellini. O uso e apropriação da música no recreio escolar: um estudo de caso com crianças do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. 2012. Exame de qualificação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia.
3 - GONÇALVES, Lilia Neves; RIBEIRO, S. T. S.; SOUZA, J. Participação em banca de Daniela Carrijo Franco Cunha. O ensino/aprendizagem do piano na cidade de Uberlândia-MG (1888-1957). 2013. Exame de qualificação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia.
4 - GONÇALVES, Lilia Neves; SOARES, José; DIAS, L. Participação em banca de Hosana Rodrigues Ferreira da Mata. Experiências musicais de aposentados na prática coral. 2013. Exame de qualificação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia.
5 - MATEIRO, Teresa; GONÇALVES, Lilia Neves; FRANZONI, T. M. Participação em banca de Ana Ester Correia Madeira. Refletindo sobre situações pedagógicas na aula de música: um estudo no ensino fundamental. 2014. Exame de qualificação (Mestrando em Curso de Pós-Graduação em Música - Mestrado (UDESC) - Universidade do Estado de Santa Catarina.
6 - VIEIRA, Lia B.; GONÇALVES, Lilia Neves; CHADA, S. M. M. Participação em banca de Eliane Cristina Nogueira Ferreira Fonseca. Bandas e fanfarras escolares: processos de ensino na preparação para o Festival de Bandas e Fanfarras de Santarém-PA. 2015. Exame de qualificação (Mestrado em Artes da UFPA) - Universidade Federal do Pará.
7 - GONÇALVES, Lilia Neves; MORATO, C. T.; GOMES, Celson H. Sousa. Participação em banca de Murilo Silva Rezende. A Banda Corporação Musical Nossa Senhora Do Carmo: um espaço de relações e práticas pedagógico-musicais (1985-2014). 2015. Exame de qualificação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia
8 - GONÇALVES, Lilia Neves; SOUZA, J.; TORRES, F. S. O. Participação em banca de Fernando de Sousa Mota. <i>Rocksmith</i> : desvelando processos de aprendizagens da guitarra elétrica através de um jogo de videogame. 2015. Exame de qualificação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia.
9 - GONÇALVES, Lilia Neves; SOUZA, J.; OLIVEIRA, F. A. Participação em banca de Karla Beatriz Soares de Souza. Educação musical e relações étnico-raciais: uma análise das representações de identidades nos conteúdos de música do livro didático de Arte - PNLD (2015-2017). 2016.
10 - OLIVEIRA, F. A.; GONÇALVES, Lilia Neves; Teixeira, Lucia Helena. Participação em banca de Isabela Amaral de Araújo. Processos de ensino e aprendizagem musicais no Grupo de Percussão do Colégio Cenecista Dr. José Ferreira: um estudo com jovens. 2018. Exame de qualificação (Mestrando em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
11 - GONÇALVES, Lilia Neves; TORRES, Maria Cecília de A. R.; MORATO, C. T. Participação em banca de Diego Caaobi dos Santos Simão. Aprendizagens e construção do conhecimento musical na atuação de músicos de casamento na cidade de Uberlândia-MG. 2018. Exame de qualificação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.

- 12 - GONÇALVES, Lilia Neves; Teixeira, Lucia Helena; OLIVEIRA, F. A. Participação em banca de Jennifer Gonzaga. *A MÚSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: um estudo sobre as relações musicais entre os diferentes grupos etários presentes no cotidiano escolar.* 2018. Exame de qualificação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
- 13 - GONÇALVES, Lilia Neves; OLIVEIRA, F. A.; SOUZA, J. Participação em banca de Francisco Maycon Honório Lopes. *Canal Jovenil Santos: Uma análise sobre a pedagogia musical on-line do ensino de acordeom no Youtube.* 2019. Exame de qualificação (Mestrando em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
- 14 - OVIGLI, Daniel. F. Bovolenta.; BACH JÚNIOR, Jonas; GONÇALVES, Lilia Neves. Participação em banca de Lucas Borges de Oliveira Dutra. *Educação não formal e cultura no Conservatório Estadual de Música Renato Frateschi: a música para além da sala de aula nas narrativas de quatro professores.* 2020. Exame de qualificação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro.
- 15 - GONÇALVES, Lilia Neves; OLIVEIRA, F. A. Participação em banca de João Victor Campos Perri. *As aprendizagens musicais de jovens durante a gravação em estúdio: um estudo sobre o Projeto: "Encantos de Cecília".* 2021. Exame de qualificação (Mestrando em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
- 16 - GONÇALVES, Lilia Neves; TORRES, F. S. O.; GONÇALVES, Lilia Neves; Bozzetto, Adriana. Participação em banca de João Victor Campos Perri. *As aprendizagens musicais de jovens durante a gravação em estúdio: um estudo sobre o Projeto: "Encantos de Cecília".* 2021. Exame de qualificação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
- 17 - GONÇALVES, Lilia Neves; SOUZA, J.; MARQUES, J. S.; Morato, Cintia Thais. Participação em banca de Bruno Caldeira. *Em que gênero eu canto?: um estudo sobre a operação do gênero nos processos de aprendizagens vocais de cantoras e cantores transgêneros.* 2021. Exame de qualificação (Mestrando em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
- 18 - SOARES, José; GONÇALVES, Lilia Neves; FEICHAS, Heloisa. Participação em banca de Samuel Naamã Scarcela Rosa. *Concepções de professores de teclado eletrônico sobre o ensino do instrumento no Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez.* 2022. Exame de qualificação (Mestrando em Curso de Pós-Graduação em Música - Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia.
- 19 - GONCALVES, Lilia Neves; MORATO, C. T.; Bozzetto, Adriana. Participação em banca de Carolina Cason da Silva. *Escutas musicais em família: um estudo das relações geracionais entre avô, filho e neto.* 2022. Exame de qualificação (Mestrando em Curso de Pós-Graduação em Música - Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia.
- 20 - GONÇALVES, Lilia Neves; Silva, Helena Lopes da; CINTRA, C. Participação em banca de Lidia Alves de Lima. *A personalização como princípio formativo da escuta musical: uma análise educativo-musical do Spotify.* 2022. Exame de qualificação (Mestrando em Curso de Pós-Graduação em Música - Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia.
- 21 - GONCALVES, Lilia Neves; TORRES, F. S. O.; BELTRAME, Juciane Araldi. Participação em banca de Rodrigo Fontes Nepomuceno Carvalho de Souza. *Aprendizagens musicais no processo de produção fonográfica: criação musical e gravação do EP “Algazarra” da banda Mocho Rei.* 2023. Exame de qualificação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
- 22 - GONÇALVES, Lilia Neves; BELTRAME, Juciane Araldi; OLIVEIRA, F. A. Participação em banca de Rodrigo Fontes Nepomuceno Carvalho de Souza. *Práticas de ensino-aprendizagem musical no processo de produção fonográfica: criação musical, gravação divulgação do P "Algazarra" da banda Mocho Rei.* 2023. Exame de qualificação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
- 23 - SOARES, José; GONÇALVES, Lilia Neves; ARAÚJO, Rosane Cardoso de. Participação em banca de Luciene Marcelino Alves. *A trajetória do aluno na disciplina Percepção Musical do Curso de Educação Musical do Conservatório Estadual de Música Renato Frateschi.* 2023. Exame de qualificação (Mestrando em Mestrado em Música) - Universidade Federal de

Uberlândia.
24 - GONCALVES, Lilia Neves; TORRES, F. S. O.; SOUZA, J. Participação em banca de Rosana Borges Kawaguici Fernandes. Criação do Curso de Flauta Transversal no Conservatório Estadual de Música Cora Pavan Capparelli na cidade de Uberlândia-MG: um estudo a partir das vozes de professores flautistas. 2024. Exame de qualificação (Mestrando em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
25 - GONCALVES, Lilia Neves; MORATO, C. T.; Trejo Leon, Rosalia. Participação em banca de Felipe Donizetti de Melo Silveira. O projeto educativo-musical de uma família de imigrantes para seus filhos. 2024. 2024. Exame de qualificação (Mestrando em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
26 - GONCALVES, Lilia Neves; SOUZA, J.; MORATO, C. T. Participação em banca de Carmerindo Miranda de Souza Júnior. Processo educativo-musical nas relações estabelecidas entre pianista colaborador e o cantor. 2024. Exame de qualificação (Mestrando em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
27 - GONCALVES, Lilia Neves; SOUZA, J.; LOVISI, Daniel Menezes. Participação em banca de Bruno Gustavo Damasceno Costa. Aprendizagens de produtores musicais: um estudo de processos criativos na cena underground do rap em Uberlândia (MG). 2024. Exame de qualificação (Mestrando em Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.

1.2 Qualificações de doutorado

1 - SOUZA, J.; GONÇALVES, Lilia Neves; TORRES, Maria Cecília de A. R. Participação em banca de Fernanda de Assis Oliveira. Pedagogia musical online: um estudo de caso em ambientes virtuais de aprendizagem musical. 2010. Exame de qualificação (Doutorando em Programa de Pós-Graduação em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
2 - GONÇALVES, Lilia Neves; LUCAS, M. E.; SOUZA, J. Participação em banca de Lúcia Helena Pereira Teixeira. Práticas música-educativas nos Festivais de Coros do Rio Grande do Sul (1963-1978). 2013. Exame de qualificação (Doutorando em Programa de Pós-Graduação em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
3 - SOUZA, J.; GONÇALVES, Lilia Neves; Gomes, Celson. Participação em banca de Jaqueline Soares Marques. Formação múscico-vocal de cantores de duplas sertanejas: um estudo de caso. 2015. Exame de qualificação (Doutorando em Programa de Pós-Graduação em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
4 - SOUZA, J.; GONÇALVES, Lilia Neves; NOGUEIRA, I. P. Participação em banca de Maria Grigorova Georgiera. Músicos búlgaros na vida musical de Manaus no período 1994-2014. 2016. Exame de qualificação (Doutorando em Programa de Pós-Graduação em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
5 - GONÇALVES, Lilia Neves; SOUZA, J.; LUCAS, M. E. Participação em banca de Rafael Rodrigues da Silva. O ofício de ensinar música no campo múscico-pedagógico em Bagé-RS (1811-1927): espaços e práticas. 2017. Exame de qualificação (Doutorando em Pós-Graduação em Música - Mestrado e Doutorado UFRGS) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
6 - GONÇALVES, Lilia Neves; RIBEIRO, B. O. L.; ARAUJO, José Carlos. Participação em banca de Ruth de Sousa. O Curso de Música da UFU: um olhar para o processo de Implementação à Federalização (1957-1978). 2019. Exame de qualificação (Doutorando em Programa de Pós-Graduação em Educação - FACED-UFU) - Universidade Federal de Uberlândia.
7 - SOUZA, J.; GONÇALVES, Lilia Neves; Trejo Leon, Rosalia. Participação em banca de Matheus de Carvalho Leite. Tambores, charlas e miradas: a docência candombera em diferentes contextos no Uruguai. 2022. Exame de qualificação (Doutorando em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
8 - ZANATTA, Beatriz Aparecida; GONÇALVES, Lilia Neves; LAGE, Marcos Botelho; FREITAS, Raquel A. da Madeira. Participação em banca de Alexandre Teixeira.

Contribuições da teoria do ensino desenvolvimental para o ensino do instrumento musical trombone. 2023. Exame de qualificação (Doutorando em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás.
9 - SOUZA, J.; GONÇALVES, Lilia Neves; GARCIA, Tânia Braga. Participação em banca de Karla Beatriz Soares de Souza. Relações entre práticas cotidianas, produção e consumo de materiais didáticos musicais em uma escola de ensino específico de música: professores(as)-prossumidores (as) na Educação Musical?.. 2023. Exame de qualificação (Doutorando em Programa de Pós-Graduação em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
10 - SOUZA, J.; GONCALVES, LILIA NEVES; BELTRAME, Juciane Araldi. Participação em banca de Rodrigo Sabedot Soares. Trabalhando com educação musical no YouTube: um estudo autoetnográfico. 2025. Exame de qualificação (Doutorando em Pós-Graduação em Música - Mestrado e Doutorado UFRGS) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
11 - SOUZA, Tiago Zanquêta de; GONCALVES, LILIA NEVES; OLIVEIRA, Pedro A. Dutra de; SANTOS, Thiago Reis dos; GATTI, Giseli Cristina do Vale. Participação em banca de Rafael Mariano Camilo da Silva. Sinfonia de Minas: a função sociocultural dos conservatórios estaduais de música à luz das políticas públicas educacionais. 2025. Exame de qualificação (Doutorando em Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade de Uberaba.

1.3 Defesas de dissertação de mestrado

1 - SOUZA, J.; GONÇALVES, Lilia Neves; KIEFER, N. B. N. Participação em banca de Hirlândia Milon Neves. Ensino de música em Manaus: um estudo sobre as concepções e práticas pedagógico-musicais do Conservatório de Música Joaquim Franco (1965-1987). 2009. Dissertação (Mestrado em Pós-Graduação em Música Mestrado e Doutorado UFRGS) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
2 - ARROYO, M.; SOUZA, J.; GONÇALVES, Lilia Neves. Participação em banca de Lucielle Farias Arantes. Tem gente ali que estuda música para a vida!: um estudo de caso sobre jovens que musicam no projeto social Orquestra Jovem de Uberlândia. 2011. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia.
3 - GONÇALVES, Lilia Neves; SOUZA, J.; RIBEIRO, S. T. S. Participação em banca de Jaqueline Soares Marques. "Até hoje aquilo que eu aprendi eu não esqueci": experiências musicais reconstruídas nas/pelas lembranças de idosas. 2011. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia.
4 -GONÇALVES, Lilia Neves; TORRES, Maria Cecília de A. R.; RIBEIRO, S. T. S. Participação em banca de Ruth de Sousa Ferreira Silva. Ensino/aprendizagem musical no ensaio: um estudo de caso na Orquestra Camargo Guarnieri. 2012. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia.
5 - GONÇALVES, Lilia Neves; Ribas, Maria Guiomar; SOARES, José. Participação em banca de Maíra Andriani Scarpellini. As crianças em suas relações com a música no recreio escolar. 2013. Dissertação (Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia.
6 - GONÇALVES, Lilia Neves; Louro, Ana Lúcia de M.; Torres, Maria Cecília; SOUZA, J. Participação em banca de Jean Carlos Presser dos Santos. Formação de músicos no bacharelado em música popular: um estudo de caso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
7 - GONÇALVES, Lilia Neves; SOARES, José; DIAS, L. Participação em banca de Hosana Rodrigues Ferreira da Mata. Ter tempo para aprender música: experiências de aprendizagens vividas e compartilhadas por aposentados. 2014. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia.
8 - GONÇALVES, Lilia Neves; MORATO, C. T.; SOUZA, J. Participação em banca de Daniela Carrijo Franco Cunha. O piano e suas ações pedagógico-musicais na cidade de

Uberlândia-MG (1888-1957). 2014. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia.
9 - GONÇALVES, Lilia Neves; MORATO, C. T.; ROMANELLI, G. Participação em banca de Livia Roberta Oliveira. Práticas musicais constituídas pelos alunos nos espaços/tempos livres no/do. 2015. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia.
10 - VIEIRA, Lia B.; GONÇALVES, Lilia Neves; FREITAS, A. D.; HENDERSON FILHO, José Ruy. Participação em banca de Shirlene Pereira Almeida. Cotidiano no ensino de música na educação básica: uma revisão do tema em artigos da Revista da Abem - 1992-2014. 2015. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Mestrado em Artes da UFPA) - Universidade Federal do Pará.
11 - MATEIRO, Teresa; GONÇALVES, Lilia Neves; FRANZONI, T. M. Participação em banca de Ana Ester Correia Madeira. Professor-pesquisador: análise, reflexão e mudança na aula de música. 2015. Dissertação (Curso de Pós-Graduação em Música - Mestrado (UDESC) - Universidade do Estado de Santa Catarina).
12 - GONÇALVES, Lilia Neves; GOMES, Celson H. Sousa; MORATO, C. T. Participação em banca de Murilo Silva Rezende. A banda Corporação Musical Nossa Senhora do Carmo: um espaço de relações de ensino/aprendizagem musical (1985- 2014). 2016. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia.
13 - GONÇALVES, Lilia Neves; SOUZA, J.; OLIVEIRA, F. A. Participação em banca de Fernando de Sousa Mota. <i>Rocksmith</i> : desvelando processos de aprendizagens da guitarra elétrica através de um jogo de videogame. 2016. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
14 - VIEIRA, Lia B.; CHADA, S. M. M.; GONÇALVES, Lilia Neves. Participação em banca de Eliane Cristina Nogueira Ferreira Fonseca. Processos de ensino na preparação para o Festival de Bandas e Fanfarras de Santarém-PA. 2016. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA) - Universidade Federal do Pará.
15 - GONÇALVES, Lilia Neves; SOUZA, J.; PRASS, Luciana; GOMES, Celson H. Sousa. Participação em banca de Gustavo Luis Rauber. Percursos de aprendizagem de músicos multi-instrumentistas: uma abordagem a partir da história oral. 2017. Dissertação (Mestrado em Pós-Graduação em - Música Mestrado e Doutorado UFRGS) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
16 - GONÇALVES, Lilia Neves; SOUZA, J.; MORATO, C. T. Participação em banca de Mariana Faria Scandar. O ensino aprendizagem de música na montagem do teatro musical Wicked: um estudo no Colégio Cenecista Dr. José Ferreira, em Uberaba-MG. 2018. Dissertação (Mestrado em Música - Universidade Federal de Uber) - Universidade Federal de Uberlândia.
17 - GONÇALVES, Lilia Neves; SOUZA, J.; OLIVEIRA, F. A. Participação em banca de Karla Beatriz Soares de Souza. Abram os livros, por favor... Representações de ensino aprendizagem de música nos conteúdos do livro didático de arte do PNLD (2015 a 2017). 2018. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
18 - GONÇALVES, Lilia Neves; MORATO, C. T.; TORRES, Maria Cecília de A. R. Participação em banca de Diego Caaobi dos Santos Simão. Atuação e formação de músicos em casamentos na cidade de Uberlândia-MG. 2019. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
19 - GONÇALVES, Lilia Neves; Teixeira, Lucia Helena; TORRES, F. S. O. Participação em banca de Jennifer Gonzaga. A Música na Educação e Jovens E Adultos (EJA): um estudo sobre relações musicais entre diferentes grupos etários na escola. 2019. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
20 - GONÇALVES, Lilia Neves; SOUZA, J.; Bozzetto, Adriana; CUNHA, Antônio Carlos Borges. Participação em banca de Antônio Cezar Ferreira. Ser professor de gaita-ponto no projeto Fábrica de Gaiteiros: um estudo de caso. 2019. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
21 - GONÇALVES, Lilia Neves; SOUZA, J.; TORRES, Maria Cecília de A. R.; CUNHA, E. S. E. Participação em banca de Rodrigo Sabedot Soares. Socialização profissional de

- professores de música: um estudo de caso em uma escola de música de Porto Alegre. 2019. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- 22 - OLIVEIRA, F. A.; GONÇALVES, Lilia Neves; Teixeira, Lucia Helena. Participação em banca de Isabella Amaral Araujo Rodovalho. Processos de ensino e aprendizagem musicais no grupo de percussão do colégio Cenecista Dr. José Ferreira: um estudo com jovens. 2020. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
- 23 - GONÇALVES, Lilia Neves; SOUZA, J.; MARQUES, J. S.; MORATO, C. T. Participação em banca de Bruno Caldeira. Em que gênero eu canto?: um estudo sobre a operação do gênero nos processos de aprendizagens vocais de cantoras e cantores transgêneros. 2021. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
- 24 - TORRES, F. S. O.; GONÇALVES, Lilia Neves; SOUZA, J. Participação em banca de Francisco Maykon Honório Lopes. A pedagogia musical on-line no ensino de acordeom: uma análise do canal Jovenil Santos no Youtube. 2021. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
- 25 - TORRES, F. S. O.; GONÇALVES, Lilia Neves; Bozzetto, Adriana. Participação em banca de João Victor Campos Perri. As aprendizagens musicais a partir das experiências musicais de estudantes durante a gravação de um CD: um estudo sobre o Projeto “Encantos de Cecília”. 2022. Dissertação (Curso de Pós-Graduação em Música - Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia.
- 26 - GONÇALVES, Lilia Neves; SOUZA, J.; MORATO, C. T. Participação em banca de Alexandre Santi ago Rincon. Ouvintes de música clássica: um estudo sobre a construção da escuta. 2023. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
- 27 - GONÇALVES, Lilia Neves; Silva, Helena Lopes da; CINTRA, C. Participação em banca de Lidia Alves de Lima. Ouvintes e relações de escuta musical no espaço digital do Spotify. 2023. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
- 28 - SOARES, José; GONÇALVES, Lilia Neves; FEICHAS, Heloisa. Participação em banca de Samuel Naamã Scarcela Rosa. Concepções de ensino de teclado eletrônico: um estudo de caso com professores do curso técnico do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernández. 2023. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
- 29 - SOUZA, J.; GONÇALVES, Lilia Neves; CHAGAS NETO, A.; Bozzetto, Adriana. Participação em banca de Cícera Edilânia Araújo Januário. “Música, câmera e... (grav)ação!”: um estudo videográfico das experiências musicais entre pai e filha exibidas no Instagram? 2023. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- 30 - GONÇALVES, Lilia Neves; MORATO, C. T.; Bozzetto, Adriana; OROSCO, M. T. S. Participação em banca de Carolina Cason da Silva. Encontros às sextas-feiras: espaço de relações de escutas musicais na família. 2023. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
- 31 - OLIVEIRA, F. A.; GONCALVES, Lilia Neves; SOUZA, J. Participação em banca de Rosana Borges Kawaguici Fernandes. O Ensino de flauta transversal na cidade de Uberlândia-MG: um estudo a partir das vozes de professores flautistas em diversos contextos. 2025. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
- 32 - OLIVEIRA, F. A.; GONCALVES, Lilia Neves; SOUZA, J. Participação em banca de Zefanias de Almeida Mubai. Música como recurso didático na 3^a classe do ensino Básico: um estudo de caso com professores do ensino primário do 1º e 2º graus - Anexa ao IFP de Homoíne em Moçambique. 2025. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
- 33 - OLIVEIRA, F. A.; GONCALVES, Lilia Neves; SOUZA, J. Participação em banca de Zefanias de Almeida Mubai. A Música como recurso didático na 3^º classe do ensino primário: um estudo de caso na Escola Primária do 1º e 2º Graus anexa ao IFP de Homoíne em Moçambique. 2025. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
- 34 - GONCALVES, Lilia Neves; SOUZA, J.; LOVISI, Daniel Menezes. Participação em

banca de Bruno Gustavo Damasceno Costa. Práticas criativas de músicos produtores-compositores: saberes, aprendizagens e identidades. 2025. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
35 - GONCALVES, Lilia Neves; SOUZA, J.; MORATO, C. T. Participação em banca de Carmerindo Miranda de Souza Júnior. Relações estabelecidas entre pianistas colaboradores e cantores: um estudo dos processos pedagógicos na prática musical coletiva. 2025. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
36 - GONCALVES, Lilia Neves; MORATO, C. T.; Trejo Leon, Rosalia. Participação em banca de Felipe Donizetti de Melo Silveira. Vivências musicais de imigrantes: um estudo sobre aprendizagens em uma escola pública de música como forma de inserção social. 2025. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.

1.4 Defesas de dissertação de doutorado

1 - SOUZA, J.; SETTON, M. G. J.; LUCAS, M. E.; GONÇALVES, Lilia Neves. Participação em banca de Adriana Bozzetto. Projetos educativos de famílias e formação musical de crianças e jovens em uma orquestra. 2012. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Música) - Universidade Federal de Uberlândia.
2 - SOUZA, J.; GONÇALVES, Lilia Neves; LUCAS, M. E.; FREITAS, M. F. Quintal. Participação em banca de Lucia Helena Pereira Teixeira. Práticas múscico-educativas nos Festivais de Coros do Rio Grande do Sul. 2015. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
3 - GONÇALVES, Lilia Neves; SOUZA, J.; GOMES, Celson H. Sousa; SILVA, Glauzia Peres da. Participação em banca de Jaqueline Soares Marques. Socialização musical e profissionalização de duplas sertanejas: um estudo de caso com cantores do Triângulo Mineiro-MG. 2017. Tese (Pós-Graduação em Música Mestrado e Doutorado UFRGS) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
4 - GONÇALVES, Lilia Neves; SOUZA, J.; Corrêa, Marcos Kröning; PRASS, Luciana. Participação em banca de Renato Cardinali Pedro. Práticas e aprendizagens da viola de dez cordas no Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX e início do século XXI. 2019. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
5 - GONÇALVES, Lilia Neves; SOUZA, J.; LUCAS, M. E.; Teixeira, Lucia Helena. Participação em banca de Rafael Rodrigues da Silva. Ensino de música em instituições públicas de Bagé: uma sociologia dos processos sócio-músico- pedagógicos. 2019. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
6 - GONCALVES, Lilia Neves; RIBEIRO, B. O. L.; GATTI, Giseli Cristina do Vale; SILVA, Elizabeth Farias da; ARAUJO, José Carlos. Participação em banca de Ruth de Sousa Ferreira Silva. Genealogia do Curso Superior de Música da Universidade de Uberlândia, MG (1957?69). 2021. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia.
7 - SOUZA, J.; GONCALVES, Lilia Neves; FREITAS, Maria de Fátima Quintal.; Bozzetto, Adriana. Participação em banca de Maria Amélia Benincá de Farias. Ações múscico-pedagógicas feitas por, para e entre mulheres, em Porto Alegre (2019-2020): um olhar a partir da Sociologia da Educação Musical e da Teoria da Ação de Alfred Schütz. 2023. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
8 - SOUZA, J.; GONCALVES, Lilia Neves; PRASS, Luciana. Participação em banca de Matheus de Carvalho Leite. Tambores, Charlas e Miradas: a docência candombera em diferentes contextos no Uruguai? 2023. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
9 - GONCALVES, Lilia Neves; ZANATTA, Beatriz Aparecida; LAGE, Marcos Botelho; FREITAS, Raquel A. da Madeira; CARNEIRO, Maria Esperança Fernandes. Participação em

banca de Alexandre Teixeira. Ensino do trombone em cursos de música: reflexões a partir da teoria histórico-cultural. 2024. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação - PPGE) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

10 - SOUZA, J.; GONCALVES, Lilia Neves; ROMANELLI, G.; GARCIA, Tânia Maria Figueiredo Braga. Participação em banca de Karla Beatriz Soares de Souza. Práticas cotidianas, produção e consumo de materiais didáticos musicais em uma escola de ensino específico de música: professores-prosumidores na educação musical. 2024. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

APÊNDICE H

Organização de eventos

1 - X Congresso Anual da ABEM. 2001.
2 - 7º Encontro de Reflexões e Ações no Ensino de Arte. 2007. (Congresso).
3 - 8º Encontro de Reflexões e Ações no Ensino de Arte. 2008. (Congresso).
4 - I Fórum do Grupo de Pesquisa "Música, Educação, Cotidiano e Sociabilidade". 2011. (Seminário).
5 - XXI Congresso da ANPPOM. 2011. (Congresso).
6 - V Seminário de Pesquisa em Artes "Criação de espaço; espaço de criação". 2013. (Seminário).
7 - VIII Seminário de Educação Musical e Cotidiano. 2013. (Seminário).
8 - Seminário de Prática e Pesquisa em Música. 2014. (Seminário).
9 - 17º Encontro de Reflexões e Ações no Ensino de Arte. 2017. (Congresso).
10 - I Encontro de Professores e Licenciandos em Música do NEMUS/UFU. 2018. (Seminário).
11 - O PIBID na formação de professores: impactos e perspectivas. 2018. (Congresso).
12 - XIV Seminário Educação Musical e Cotidiano: Diálogos com as sociologias de Alfred Schutz e Georg Simmel. 2019. (Seminário).
13 - I Seminário de Egressos do Curso de Pós-Graduação em Música da UFU. 2020. (Seminário).
14 - II Seminário de Egressos do PPGMU-UFU. 2021. (Outro).
15 - Webinar: A atuação de egressos do PPGMU como professor-pesquisador-performer em música. 2021. (Outro).
16 - Webinar: Pesquisa em música na vida profissional. 2021. (Outro).

APÊNDICE I

Produção bibliográfica

1 – Artigos completos publicados em periódicos

1 - GONÇALVES, Lilia Neves. O desenvolvimento musical na infância: algumas considerações. <i>Música Hoje</i> , Belo Horizonte, v. 4, p. 64-69, 1997.
2 - GONÇALVES, Lilia Neves. A criação e institucionalização dos conservatórios estaduais de música de Minas Gerais. <i>Boletim do Núcleo de Educação Musical do Demac</i> , Universidade F. Uberlândia, v. 1, n.1, p. 2-5, 2000.
3 - GONÇALVES, Lilia Neves. Resenha. Em <i>Pauta (Porto Alegre)</i> , v. 14, p. 143-146, 2005.
4 - GONÇALVES, Lilia Neves. Educação musical e sociabilidade: um estudo em espaços de ensinar/aprender música em Uberlândia (Minas Gerais) nas décadas de 1940 a 1960. Em <i>Pauta (UFRGS)</i> , v. 18, p. 5-29, 2007.
5 - RODRIGUES, José Luís Moreira; GONÇALVES, Lilia Neves. O ensino/aprendizagem de música em Uberlândia de 1930-1945: um estudo sobre as práticas pedagógico-musicais. <i>Horizonte Científico (Uberlândia)</i> , v. 4, p. 1-22, 2010.
6 - CUNHA, Daniela Carrijo Franco; GONÇALVES, Lilia Neves. Práticas musicais como elemento de cultura, civilização e progresso na cidade de Uberlândia-MG (1888-1957). <i>Ouvirouver (Online)</i> , v. 12, p. 326-339, 2016.
7 - GONZAGA, Jennifer; GONÇALVES, Lilia Neves. A música na educação de jovens e adultos (EJA): Um estudo sobre relações musicais entre diferentes grupos etários na escola. <i>Revista Olhares E Trilhas</i> , v. 22, p. 103-121, 2020.
8 - SOUZA, K. B. S.; GONÇALVES, Lilia Neves. O saber musical escolar e o livro didático de Arte: Uma análise dos conteúdos nas coleções aprovadas no PNLD. <i>Revista Olhares E Trilhas</i> , v. 22, p. 122-145, 2020.
9 - CUNHA, Daniela Carrijo F.; GONÇALVES, Lilia Neves. A presença do piano em escolas de Uberlândia de 1889 a 1957. <i>Revista Olhares E Trilhas</i> , v. 22, p. 77-94, 2020.
10 - GONÇALVES, Lilia Neves; OLIVEIRA, Livia Roberta. Práticas musicais de alunos em espaços/tempos livres em um conservatório de música. <i>Ouvirouver (online)</i> , v. 19, p. 111-129, 2023.

2 – Livros organizados/pulicados ou edições

1 - SOUZA, J. (Org.); Del Ben, Luciana (Org.); Bozzetto, Adriana (Org.); GONÇALVES, Lilia Neves (Org.); Almeida, Cristiane Maria Galdino de (Org.); OLIVEIRA, F. A. (Org.); Lorenzi, Graciano (Org.); Oliveira, Karla Dias (Org.); Diniz, Lélia Negrini (Org.). <i>Arranjos de Música folclóricas</i> . 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005. v. 1. 93 p.
2 - SOUZA, J. (Org.); Del Ben, Luciana (Org.); MORATO, C. T. (Org.); STORTI, P. L. B. (Org.); GONÇALVES, Lilia Neves (Org.); Diniz, Lélia Negrini (Org.); Lorenzi, Graciano (Org.); Oliveira, Karla Dias (Org.); VIEIRA, A. (Org.). <i>Palavras que cantam</i> . 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006. v. 1. 68 p.
3 - SOUZA, J. (Org.); Del Ben, Luciana (Org.); Bozzetto, Adriana (Org.); GONÇALVES, Lilia Neves (Org.); Almeida, Cristiane Maria Galdino de (Org.); OLIVEIRA, F. A. (Org.). <i>Arranjos de músicas folclóricas</i> . 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012. 93 p.
4 - SOUZA, J. (Org.); Del Ben, Luciana (Org.); MORATO, C. T. (Org.); STORTI, P. L. B. (Org.); GONÇALVES, Lilia Neves (Org.); Diniz, Lélia Negrini (Org.); Lorenzi, Graciano (Org.). <i>Palavras que cantam</i> . 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.
5 - SOUZA, J. (Org.); SPECHT, Ana Claudia (Org.); CHAGAS NETO, A. GONÇALVES, Lilia Neves; (Org.); MARQUES, J. S. (Org.); LORENZETTI, Michelle A.

Girardi (Org.); (Org.). O cotidiano no cotidiano da pandemia: reflexões e experiências com a educação musical. Porto Alegre: Scientific, 2021. v. 1. 114 p. Disponível em: <https://bit.ly/livrocotidiano2021>

6 - TREJO LEON, Rosalia; GONÇALVES, Lilia Neves; TORRES, Maria Cecília de Araújo R.; LORENZETTI, Michelle A. Girardi. Memórias e experiências do Grupo de Pesquisa “Educação Musical e Cotidiano”. Cachoeirinha: Editora Fi, 2025. Disponível em: <https://www.editorafi.org/ebook/c205-memorias-experiencias>

3 – Capítulos de livros publicados

1 - GONÇALVES, Lilia Neves; COSTA, M. C. L. S. O portfólio como uma proposta de documentação, registro e avaliação na Prática de Ensino em música. In: MATEIRO, Teresa; SOUZA, Jusamara. (Org.). Práticas de ensinar música: legislação, planejamento, observação, registro, orientação, espaços, formação. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 143-158.

2 - MORATO, C. T.; GONÇALVES, Lilia Neves. Observar a prática pedagógico-musical é mais do que ver. In: MATEIRO, Teresa; SOUZA, Jusamara. (Org.). Práticas de ensinar música: legislação, planejamento, observação, registro, orientação, espaços, formação. 1ed. Porto Alegre: Sulina, 2006, v. 1, p. 115-129.

3 - GONÇALVES, Lilia Neves. A aula de música na escola: reflexões a partir do filme Mudança de Hábito 2: mais loucuras no convento. In: Jusamara Souza. (Org.). Aprender e ensinar música no cotidiano. Porto Alegre: Sulina/Curso de Pós-Graduação em Música da UFRGS, 2008, v. 01, p. 167-188.

4 - GONÇALVES, Lilia Neves. A aula de música na escola: reflexões a partir do filme Mudança de Hábito 2: mais loucuras no convento. In: SOUZA, Jusamara (Org.). Práticas de ensinar música no cotidiano. 2. ed. Porto Alegre-RS: Sulina, 2012, v. 1, p. 167-188.

5 - GONÇALVES, Lilia Neves; COSTA, M. C. L. S. O portfólio como uma proposta de documentação, registro e avaliação na Prática de Ensino em música. Práticas de ensinar música: legislação, planejamento, observação, registro, orientação, espaços, formação. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 147-161.

6 - MORATO, C. T.; GONÇALVES, Lilia Neves. Observar a prática pedagógico-musical é mais do que ver! In: MATEIRO, Teresa; SOUZA, Jusamara (Org.). Práticas de ensinar música: legislação, planejamento, observação, registro, orientação, espaços, formação. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 119-132.

7 - GONÇALVES, Lilia Neves. A aula de música na escola: reflexões a partir do filme "Mudança de Hábito 2: mais loucuras no convento". In: Jusamara Souza. (Org.). Aprender e ensinar música no cotidiano. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2016, v. 1, p. 167-188.

8 - SOUZA, K. B. S.; GONÇALVES, Lilia Neves. Representações de ensino aprendizagem de música nos contéudos do livro didático de arte do PNLA (2015 a 2017). In: CARBONE, Graciela Maria; RODRIGUEZ RODRIGUEZ, Jesús; GARCIA, Nilson Marcos Dias; GARCIA, Tânica Maria F. Braga. Investigaciones sobre libros de texto y medios de enseñanza: contribuciones desde América Latina. Curitiba/Buenos Aires: Universidade Federal do Paraná / NPPD: Universidad de Buenos Aires: Universidad Nacional de Luján, 2021, v. 1 p. 210-222. Disponível em: https://iartem.org/wp-content/uploads/2022/02/iartem_buenos_aires_2018_and_latin-america_vol1.pdf

9 - GONÇALVES, Lilia Neves. A aula de música na universidade - reflexões de uma professora: o ensino da pesquisa em tempos de pandemia da COVID-19. In: Jusamara Souza; Ana Claudia Specht; Antonio Chagas Neto; Jaqueline Soares Marques Lilia Neves Gonçalves; Michelle Arype Girardi Lorenzetti; Rosália Trejo León. (Org.). O cotidiano no cotidiano da pandemia: reflexões e experiências com a educação musical. Porto Alegre: Scientific, 2021, v. 1, p. 79-85. Disponível em: <https://bit.ly/livrocotidiano2021>

10 - SOUZA, K. B. S.; LIMA, Samuel Alexandre. A.; GONÇALVES, Lilia Neves. Apreciación e escuta musical em escolas brasileiras: A coleção de livros didáticos Mosaico Arte do PNLD-2020. In: GONZÁLEZ MORENO, Patricia A; FIGUEIREDO, Sérgio; SILVA, Euridiana. (Org.). Memorias de la XIII Conferencia Regional Latinoamericana y V

Conferencia Regional Panamericana. Cancun: ISME, 2022. 1ed.Cancun: ISME, 2022, v. 1, p. 426-433.
11 - COSTA, Bruno Gustavo D.; GONÇALVES, Lilia Neves; Práticas de criação como estratégia de formação da autonomia e abordagem das diversidades no ensino-aprendizagem de música. In: Vozes dos Licenciandos da UFU. 2 ed.; Uberlândia: PROGRAD/UFU, 2023, v. 2, p. 66-74. https://prograd.ufu.br/sites/prograd.ufu.br/files/media/documento/e-book_vozes_dos_llicenciandos_v0l2_15junho.pdf
12 - SOUZA, J.; GONÇALVES, Lilia Neves. Producción académica sobre el libro didáctico de música en Brasil: estado del arte y resultados parciales. In: Riveros Ramirez, F. A.; Garrido Sánchez, N. (Org.). Materiales didácticos y políticas públicas que contribuyen a la equidad, inclusión e innovación educativa en la escuela y universidad - Conferencia Internacional IARTEM. Santiago-Chile: IARTEM, 2025, v. 1, p. 421-445.
13 - GONÇALVES, Lilia Neves. “Educação Musical e Cotidiano” (EMCO): interesses e perspectivas de um Grupo de Pesquisa. In: TREJO LEON, Rosalia; GONÇALVES, Lilia Neves; TORRES, Maria Cecília de Araújo R.; LORENZETTI, Michelle A. Girardi. Memórias e experiências do Grupo de Pesquisa “Educação Musical e Cotidiano”. Cachoeirinha: Editora Fi, 2025. p. 29-41. Disponível em: https://www.editorafi.org/ebook/c205-memorias-experiencias
14 - TORRES, Maria Cecília de Araújo R.; GONÇALVES, Lilia Neves. Seminários do Grupo “Educação Musical e Cotidiano” (EMCO): rotas e itinerâncias. In: TREJO LEON, Rosalia; GONÇALVES, Lilia Neves; TORRES, Maria Cecília de Araújo R.; LORENZETTI, Michelle A. Girardi. Memórias e experiências do Grupo de Pesquisa “Educação Musical e Cotidiano”. Cachoeirinha: Editora Fi, 2025. p. 53-63. Disponível em: https://www.editorafi.org/ebook/c205-memorias-experiencias

4 – Trabalhos completos publicados em anais de congressos

1 - GONÇALVES, Lilia Neves; COSTA, M. C. L. S. A música nos livros didáticos. In: VII Encontro Anual da ABEM, 1998, Recife - PE. Anais (VII Encontro Anual da ABEM), 1998. p. 132-135.
2 - GONÇALVES, Lilia Neves; COSTA, M. C. L. S. O projeto Conteúdos de música em livros didáticos: resultados parciais. In: XI Encontro Anual da Abem, 2002, Natal-RN. Anais (XI Encontro Anual da Abem): Pesquisa e formação em educação musical. Natal - RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Escola de Música, 2002.
3 - OLIVEIRA, F. A.; GONÇALVES, Lilia Neves. Educação musical para a pré-escola, de Nereide Schilaro Santa Rosa (1990): uma análise de conteúdo. In: XII Encontro Anual da Abem, 2003, Florianópolis - SC. Anais do XII Encontro Anual da Abem. Florianópolis: ABEM. v. 12. p. 319-325.
4 - GONÇALVES, Lilia Neves; COSTA, M. C. L. S.; VIEIRA, M. D. Livros didáticos que abordam conteúdos de música: análise quantitativa de um acervo. In: XII Encontro Anual da Abem, 2003, Florianópolis - SC. Anais do XII Encontro Anual da Abem. Florianópolis: ABEM, 2003. v. 12. p. 494-507.
5 - GONÇALVES, Lilia Neves; SOUZA, J. A pedagogia musical na/da Revista Nova Escola. In: XIII Encontro Anual da ABEM, 2004, Rio de Janeiro - RJ. Anais XIII Encontro Anual da ABEM. Rio de Janeiro: ABEM. v. 13. p. 589-599.
6 - GONÇALVES, Lilia Neves. A aula de música em cenas do filme Mudança de Hábito 2: mais loucuras no convento. In: 1º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação, 2004, Canoas. Anais 1º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação. Canoas: ULBRA. p. 1-8.
7 - SOUZA, J.; Bozzetto, Adriana; Schmeling, Agnes; Louro, Ana Lúcia de M.; Gomes, Celson; Silva, Helena Lopes da; Araldi, Juciane; GONÇALVES, Lilia Neves; Teixeira, Lucia Helena; Kleber, Magali; Corrêa, Marcos Kröning; Torres, Maria Cecília; Shmitt, M.; Ramos, Silvia Nunes. Prática da pesquisa em grupo: um relato de experiência na área de Educação

- Musical. In: XIV Encontro Anual da ABEM, 2005, Belo Horizonte. Anais XIV Encontro Anual da ABEM. Belo Horizonte: Abem. v. 14. p. 1-9.
- 8 - GONÇALVES, Lilia Neves; SOUZA, J. A configuração de um campo pedagógico-musical: discursos, práticas e redes de sociabilidade em Uberlândia, MG de 1940 a 1970. In: XIV Encontro Anual da ABEM, 2005, Belo Horizonte. Anais do XIV Encontro Anual da ABEM. Belo Horizonte: ABEM. v. 14. p. 1-9.
- 9 - GONÇALVES, L. N.; SOUZA, J. Sociabilidade e discurso no campo pedagógico-musical. In: 5º Encuentro LatinoAmericano de Educación Musical: Acción e Investigación Musical, 2005. Anais do 5º Encuentro LatinoAmericano de Educación Musical: Acción e Investigación Musical. p. 1-3.
- 10 - GONÇALVES, Lilia Neves. Espaços de ensinar/aprender música em Uberlândia-MG nas décadas de 1940 a 1960: estudando uma sociabilidade pedagógico-musical. In: XVI Encontro Anual da ABEM E Congresso Regional da International Society of Music Education (ISME), 2007, Campo Grande. Anais do XVI Encontro Anual da ABEM E Congresso Regional da International Society of Music Education (ISME), 2007. v. 16. p. 1-8.
- 11 - GONÇALVES, Lilia Neves; COSTA, José Aparecido da Silva; FERREIRA, M. J. S.; LIMA, S. R.; MEDEIROS JUNIOR, R. F. A prática da percussão em conjunto na Escola Estadual Juscelino Kubitschek de Uberlândia-MG: um relato de experiência. In: 8º Encontro de Reflexões e Ações no Ensino de Arte, 2008, Uberlândia-MG. Anais do 8º Encontro de Reflexões e Ações no Ensino de Arte. Uberlândia: Pólo Regional de Arte-Uberlândia, 2008. v. 1. p. 1-7.
- 12 - GONÇALVES, Lilia Neves. Escolas de Uberlândia nas décadas de 1940 a 1960: um estudo sobre o ensino de música. In: XVII Encontro Nacional da ABEM, 2008, São Paulo. Diversidade musical e compromisso social: o papel da educação musical, 2008. v. 1. p. 1-08.
- 13 - RODRIGUES, José Luís Moreira; GONÇALVES, Lilia Neves. Um estudo sobre o ensino de música em Uberlândia de 1930-1945: um projeto de pesquisa em andamento. In: XVIII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical e XV Simpósio Paranaense de Educação Musical, 2009, Londrina-PR. O ensino de música na escola: compromissos e possibilidades, 2009. v. 01. p. 1514-1518.
- 14 - GONÇALVES, Lilia Neves; COSTA, M. C. L. S. Teorias do cotidiano como base para uma reflexão sobre a formação músico-pedagógica na universidade: um projeto de pesquisa. In: XVIII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical e XV Simpósio Paranaense de Educação Musical, 2009, Londrina-PR. O ensino de música na escola: compromissos e possibilidades, 2009. v. 1. p. 1159-1166.
- 15 - GONÇALVES, Lilia Neves. O ensino/aprendizagem de música em Uberlândia-MG na primeira metade do século XX: um projeto de pesquisa. In: XVIII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical e XV Simpósio Paranaense de Educação Musical, 2009, Londrina-PR. O ensino de música na escola: compromissos e possibilidades, 2009. v. 1. p. 863-870.
- 16 - SOUZA, J.; Torres, Maria Cecília; GONÇALVES, Lilia Neves; OLIVEIRA, F. A. A construção da música como uma disciplina escolar: um estudo a partir dos livros didáticos. In: XVIII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação MUSICAL e XV Simpósio Paranaense de Educação Musical, 2009, Londrina-PR. O ensino de música na escola: compromissos e possibilidades, 2009. v. 01. p. 37-46.
- 17 - GONÇALVES, Lilia Neves; COSTA, José Aparecido da Silva; LIMA, S. R.; MEDEIROS JUNIOR, R. F.; GUIMARÃES, Allana de Freitas. Composições de crianças de 8 a 14 anos na escola: um relato de experiência. In: II Seminário de Pesquisa do NUPEPE, 2010, Uberlândia. II Seminário de pesquisa do NUPEPE: cultura, formação docente e cotidiano escolar. Uberlândia-MG, 2010. p. 234-244.
- 18 - RODRIGUES, José Luís Moreira; GONÇALVES, Lilia Neves. Música nas escolas de Uberlândia: um estudo nos anos de 1930-1945. In: XIX Congresso Anual da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), 2010, Goiânia. Anais do XIX Congresso Anual da Associação Brasileira de Educação Musical. Goiânia: ABEM, 2010. v. 1. p. 281-290.
- 19 - GONÇALVES, Lilia Neves. O ensino/aprendizagem de música em Uberlândia na primeira

- metade do século XX: resultados parciais de pesquisa. *In: XX Congresso Anual da ABEM, 2011, Vitória. A educação musical no Brasil do Século XXI, 2011.* p. 1727-1737.
- 20 - REZENDE, Murilo Silva; GONÇALVES, Lilia Neves. O ensino/aprendizagem de música em Uberlândia de 1915 a 1930. *In: XXI Congresso da ANPPOM, 2011, Uberlândia-MG. Música, complexidade, diversidade e multiplicidade: reflexões e aplicações práticas, 2011.* p. 499-504.
- 21 - GONÇALVES, Lilia Neves; SIMÃO, Diego Caaobi dos S. O ensino de música no discurso dos jornais que circularam em Uberlândia de 1897 a 1915. *In: Congresso da ANPPOM, 2012, João Pessoa. Produção de Conhecimento na area de Música. João Pessoa: ANPPOM, 2012.* v. 1. p. 1496-1503.
- 22 - FRANCO, D. C.; GONÇALVES, Lilia Neves. O ensino/aprendizagem de piano na cidade Uberlândia (1888-1957): resultados parciais. *In: XXI Congresso Nacional da ABEM, 2013, Pirenópolis. XXI Congresso Nacional da ABEM. ABEM: ABEM, 2013.* v. 1. p. 1-2487.
- 23 - MARQUES, J. S.; GONÇALVES, Lilia Neves. Aprendizagens musicais no coral: um estudo sobre educação musical, qualidade de vida e bem-estar social na velhice. *In: Music and shared imaginaries: nationalisms, communities, and choral singing, 2014, Aveiro-PT. Music and shared imaginaries: nationalisms, communities, and choral singing. Lisboa: Sitio do Livro, 2014.* p. 185-192.
- 24 - ALMEIDA, P. C. C.; GONÇALVES, Lilia Neves. Um clube de cifras, sons e pessoas: as dimensões do ensino musical presentes no canal Cifra Club. *In: VI Seminário de Pesquisa em Artes, 2014, Uberlândia. VI Seminário de Pesquisa em Artes Unidade, Repetição, Transformação. Uberlândia: Mestrado em Artes, 2014.* v. 1. p. 305-312.
- 25 - REZENDE, Murilo Silva; GONÇALVES, Lilia Neves. A banda “Corporação Musical Nossa Senhora do Carmo” de Arcos-MG: um espaço de relações de ensino/aprendizagem de música. *In: VI Seminário de Pesquisa em Artes, 2014, Uberlândia. VI Seminário de Pesquisa em Artes Unidade, Repetição, Transformação. Uberlândia: Mestrado em Artes, 2014.* v. 1. p. 297-304.
- 26 - MOTA, Fernando de Sousa; GONÇALVES, Lilia Neves. Rocksmith: desvelando os processos de aprendizagens da guitarra elétrica através de um jogo de videogame. *In: VI Seminário de Pesquisa em Artes, 2014, Uberlândia. VI Seminário de Pesquisa em Artes Unidade, Repetição, Transformação. Uberlândia: Mestrado em Artes, 2014.* v. 1. p. 278-285.
- 27 - FRANCO, D. C.; GONÇALVES, Lilia Neves. A presença do piano na cidade de Uberlândia: um estudo documental sobre as ações pedagógico-musicais no período de 1888 a 1957. *In: XXII Congresso Nacional da ABEM, 2015, Natal-RN. XXII Congresso Nacional da ABEM: Educação Musical: Formação humana, ética e produção de conhecimento. Londrina: ABEM, 2015.* p. 1-10.
- 28 - MATA, H. R. F.; GONÇALVES, Lilia Neves. 'Ter tempo para aprender música': experiências de aprendizagens vividas e compartilhadas por aposentados. *In: XXII Congresso Nacional da ABEM, 2015, Natal-RN. XXII Congresso Nacional da ABEM: Educação Musical: Formação humana, ética e produção de conhecimento. Londrina: ABEM, 2015.* p. 1-10.
- 29 - GONÇALVES, Lilia Neves; CALDEIRA, Bruno; ALMEIDA, Déborah Cristina Inácio de. O AMBIENTE SONORO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIANDO A ESCUTA. *In: 16º Encontro de Reflexões e Ações no Ensino de Arte, 2016, Uberlândia. 16º Encontro de Reflexões e Ações no Ensino de Arte: Culturas e histórias - identidades e impregnações, 2016.* v. 1. p. 1-9.
- 30 - GONÇALVES, Lilia Neves. A História Oral como método para se pensar uma sociabilidade pedagógico-musical em Uberlândia-MG nas décadas de 1940 a 1960. *In: XIII Encontro Nacional de História Oral: História Oral, Práticas Educacionais e Interdisciplinaridade, 2016, Porto Alegre. A História Oral como método para se pensar uma sociabilidade pedagógico-musical em Uberlândia-MG nas décadas de 1940 a 1960, 2016.* p. 1-16.
- 31 - SOUZA, K. B. S.; GONÇALVES, Lilia Neves. Educação musical escolar: as representações do ensino de música nos livros didáticos de arte do PNLD 2015-2017. *In: 17º Encontro de Reflexões e Ações no Ensino de Arte, 2017, Uberlândia. Arte e docência em*

Pesquisa, 2017. v. 1. p. 1-12.
32 - GONZAGA, Jennifer; GONÇALVES, Lilia Neves. Aula de música na educação de jovens e adultos: um estudo sobre o processo de ensino aprendizagem musical entre os diferentes grupos etários presentes no cotidiano escolar. <i>In: XI Encontro Regional Sudeste da ABEM, 2018, São Carlos. XI Encontro Regional Sudeste da Abem.</i> São Carlos: ABEM, 2018. v. 1. p. 1-10.
33 - SCANDAR, Mariana Faria; GONÇALVES, Lilia Neves. Relações de ensino/aprendizagem musical: Um estudo no teatro Musical Wicked no Colégio Cenecista Dr. José Ferreira. <i>In: XI Encontro Regional Sudeste da Abem, 2018, São Carlos. XI Encontro Regional Sudeste da Abem.</i> São Carlos: ABEM, 2018. v. 1. p. 1-11.
34 - LIMA, Samuel Alexandre. A.; GONÇALVES, Lilia Neves. A fotografia na construção da memória de Escolas de Música: o Acervo do Curso de Música da Universidade Federal de Uberlândia. <i>In: V Congresso Brasileiro de Iconografia Musical, 2019, Salvador. 5º Congresso Brasileiro de Iconografia Musical Anais... Transversalidades em construção?</i> Salvador: RiDIM-Brasil, 2019. Salvador: UFBA (RiDM), 2019. v. 1. p. 1-14.
35 - SCANDAR, Mariana Faria; GONÇALVES, Lilia Neves. ENSINO APRENDIZAGEM MUSICAL: um estudo no Teatro Musical Wicked no Colégio Cenecista Dr. José Ferreira, em Uberaba-MG. <i>In: XXIV Congresso da Associação Brasileira de Educação Musical Educação Musical em tempos de crise: percepções, impactos e enfrentamentos, 2019, Campo Grande. Anais: Educação Musical em tempos de crise: percepções, impactos e enfrentamentos.</i> Londrina: Abem, 2019. v. 3. p. 1-12.
36 - GONÇALVES, Lilia Neves. Projeto “Memória da Educação Musical” - práticas pedagógico-musicais em Uberlândia-MG: um balanço da sua produção. <i>In: XXIV Congresso Nacional da ABEM: Educação musical em tempos de crise: percepções, impactos e enfrentamentos, 2019, Campo Grande. Anais: Educação musical em tempos de crise: percepções, impactos e enfrentamentos.</i> Londrina: Abem, 2019. v. 3. p. 1-15.
37 - SOUZA, K. B. S.; GONÇALVES, Lilia Neves. As práticas musicais criativas na aula de música: uma análise sobre seus conteúdos na Coleção “Por toda parte” (PNLD/2017). <i>In: Encontros Regionais Unificados da ABEM, 2020, Online. Anais do Encontro Regional Sudeste da ABEM.</i> Londrina: Abem, 2020. v. 4. p. 1-1.
38 - GONÇALVES, Lilia Neves; COSTA, M. C. L. S.; SILVA, Renata Ribeiro. PIBID, universidade, escola e a formação de professores de Música. <i>In: Encontro Internacional de Formação de professores e Estágio Curricular Supervisionado (EIFORPECS), 2020, Uberlândia. XII EIFORPECS.</i> Uberlândia: Culturatrix, 2019. v. 1. p. 1-15. 114.docx - Google Drive
39 - CALDEIRA, Bruno; GONÇALVES, L. N.; SILVA, Quézia Damares da. Gosto musical de alunos do ensino médio: ouvindo a diversidade de suas experiências. <i>In: Encontro Internacional de Formação de professores e Estágio Curricular Supervisionado (EIFORPECS), 2020, Uberlândia. XII EIFORPECS.</i> Uberlândia: Culturatrix, 2020. v. 1. p. 1.
40 - COSTA, Bruno Gustavo D.; GONCALVES, Déborah Dias; SILVEIRA, Felipe Donizetti de Melo M.; GONÇALVES, Lilia Neves. A música na vida cotidiana: um estudo com alunos do Ensino Médio de uma escola de educação básica de Uberlândia-MG. <i>In: Encontro Internacional de Formação de professores e Estágio Curricular Supervisionado (EIFORPECS), 2020, Uberlândia. XII EIFORPECS.</i> Uberlândia: Culturatrix, 2020. v. 1. p. 1-9.
41 - BELZER, Daniel Coltro; SILVA, Gustavo Jacomett Floro; ANDRADE, João Pedro Rezende; GONÇALVES, Lilia Neves. “Oficina de percussão”: uma possibilidade do fazer musical coletivo na escola. <i>In: Encontro Internacional de Formação de professores e Estágio Curricular Supervisionado (EIFORPECS), 2020, Uberlândia. XII EIFORPECS.</i> Uberlândia: Culturatrix, 2019. v. 1. p. 1-9.
42 - GONZAGA, J.; GONÇALVES, Lilia Neves. A música na Educação de Jovens e Adultos (EJA): um estudo sobre intergeracionalidade na escola de educação básica. <i>In: XXV Congresso Nacional da ABEM, 2021, virtual. XXV Congresso Nacional da ABEM: A Educação Musical Brasileira e a construção de um outro mundo: proposições e ações a partir dos 30 anos de lutas, conquistas e problematizações da ABEM, 2021.</i> v. 1. p. 1-14.

- 43 - LIMA, Samuel Alexandre. A.; GONÇALVES, Lilia Neves. A iconografia de escutas musicais na cidade de Uberlândia-MG: reflexões sobre os espaços sociais da prática musical. In: 6º Congresso Brasileiro de Iconografia Musical, 2021, Salvador/Campinas. Imagem, música e ação: Iconografia da cultura musical e(em) seus espaços de apresentação/representação. Campinas: UFBA - RiDIM-Brasil/UNICAMP, 2021. v. 1. p. 201-216.
- 44 - JESUS, Rodrigo Nunes Oliveira; GONÇALVES, Lilia Neves. Práticas homofóbicas na aula de canto: Experiências heteronormativas e reflexões sobre gênero e sexualidade na educação musical. In: XXVI Congresso Nacional da ABEM, 2023, Ouro Preto. Anais do Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. Londrina: ABEM, 2023. v. 5. p. 1-16.
- 45 - SILVA, Carolina Cason; GONÇALVES, Lilia Neves. A família como espaço de relações de escutas musicais. In: XXVI Congresso Nacional da ABEM, 2023, Ouro Preto. Anais do Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. Londrina: ABEM, 2023. v. 5. p. 1-15.
- 46 - JESUS, Rodrigo Nunes Oliveira; GONÇALVES, Lilia Neves. A prática docente de Cheryl Porter e o ensino de canto nas mídias sociais: uma análise dos recursos pedagógicos. In: XIV Encontro Regional Sudeste, 2024, Vitória. Anais do Encontro Regional Sudeste da ABEM: Educação musical, mundo do trabalho e a construção de uma sociedade democrática., 2024. v. 1. p. 1-17.
- 47 - SCANDAR, Mariana Faria; GONÇALVES, Lilia Neves. As teorias do cotidiano como perspectiva para a observação no campo da educação musical: um estudo de caso sobre a montagem de um teatro musical em uma escola de educação básica. In: XIV Encontro Regional Sudeste, 2024, Vitória. Anais do Encontro Regional Sudeste da ABEM: Educação musical, mundo do trabalho e a construção de uma sociedade democrática., 2024. v. 1. p. 1-16.
- 48 - COSTA, Bruno Gustavo D.; GONÇALVES, Lilia Neves. Ensino-aprendizagem de composição musical na escola: uma análise do livro “*Minds on music composition for creative and critical thinking*”, de Michelle Kaschub e Janice Smith (2009). In: XIV Encontro Regional Sudeste: Educação musical, mundo do trabalho e a construção de uma sociedade democrática, 2024, Vitória. Anais do Encontro Regional Sudeste da ABEM, 2024. v. 1. p. 1-18.
- 49 - JESUS, Rodrigo Nunes Oliveira; ALVES, Poliana de Jesus; GONÇALVES, Lilia Neves. Entre a voz que tenho e a voz que quero: um relato de transição de classificação vocal em uma perspectiva social e pedagógica. In: XXVII Congresso Nacional da ABEM, 2025, Curitiba. Anais do Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. Londrina: ABEM, 2025. p. 1-16.
- 50 – AMORIM, Alexandre Junior Alencar; GONÇALVES, Lilia Neves. Solibel como instituição e sua perspectiva pedagógico-musical: uma análise a partir da obra do padre Ágio Augusto Moreira. In: XXVII Congresso Nacional da ABEM, 2025, Curitiba. Anais do Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. Londrina: ABEM, 2025. p. 1-14.
- 51 – SOUZA JÚNIOR, Carmerindo Miranda de; GONÇALVES, Lilia Neves. Um estudo de caso sobre as relações entre pianista colaborador e cantor: mediações e significados ao fazerem música juntos. In: XXVII Congresso Nacional da ABEM, 2025, Curitiba. Anais do Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. Londrina: ABEM, 2025. p. 1-15.
- 52 – MELO, Felipe Donizetti de; GONÇALVES, Lilia Neves. A escola pública de música como espaço de aprendizagens de alunos imigrantes. In: XXVII Congresso Nacional da ABEM, 2025, Curitiba. Anais do Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. Londrina: ABEM, 2025. p. 1-14.
- 53 - COSTA, Bruno Gustavo D.; GONÇALVES, Lilia Neves. **Aprendizagens de processos criativos por músicos produtores-compositores.** In: XXVII Congresso Nacional da ABEM, 2025, Curitiba. Anais do Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. Londrina: ABEM, 2025. p. 1-17.